Hiroshi Sakurazaka

Ilustrações: yoshitoshi ABe

ALL YOU NEED
IS KILL

Hiroshi Sakurazaka
Ilustrações: yoshitoshi ABe

ALL YOU NEED IS KILL

Novel JP

All You Need Is Kill © 2004 by Hiroshi Sakurazaka
First published in Japan in 2004 by SHUEISHA Inc., Tokyo"

Ilustração da capa: yoshitoshi ABe
Tradução para português: Novel JP
Diagramação e geração do eBook: ViniciusKTZ

Novel JP
1ª edição: 2017
2ª edição: 2018
noveljp.wordpress.com

eBook versão: 1.0

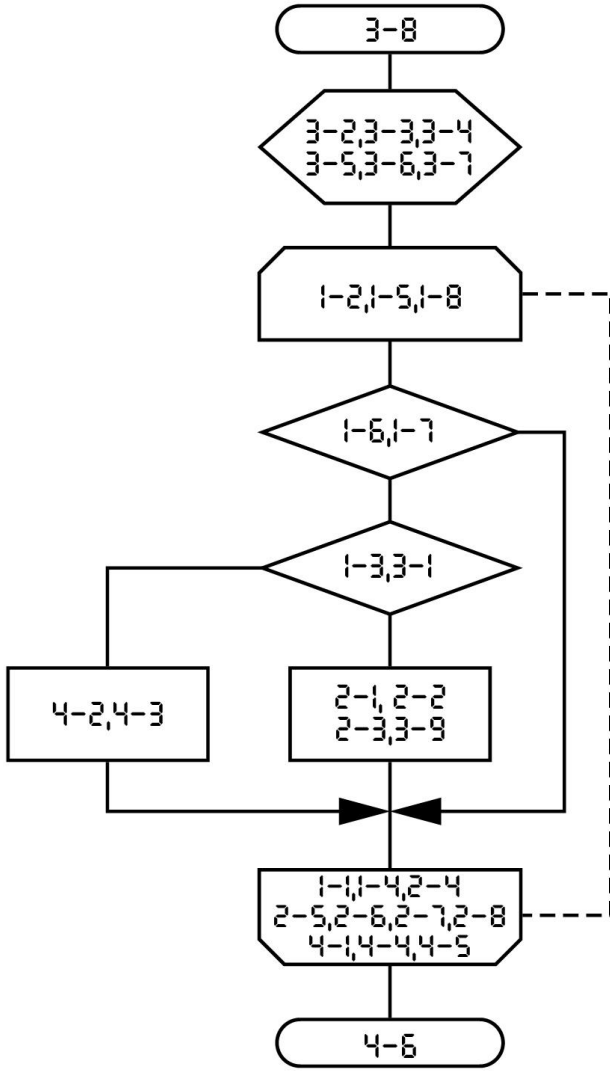
ÍNDICE

CAP 1:
Recruta Kirya

CAP 2:
Sargento Ferrell

CAP 3:
Cadela do Campo de Batalha

CAP 4:
Killer Cage


3-8
3-2,3-3,3-4
3-5,3-6,3-7
1-2,1-5,1-8
1-6,1-7
1-3,3-1
4-2,4-3
2-1, 2-2
2-3,3-9
1-1,1-4,2-4
2-5,2-6,2-7,2-8
4-1,4-4,4-5
4-6

PERSONAGENS

Kiriya Keiji

Novo recruta na *United Defense Force*. Se encontra preso em um loop temporal onde acorda um dia no passado após ser morto no campo de batalha.

Rita Vrataski

Uma soldado das forças especiais dos EUA. Altamente condecorada e inigualável em batalha, é vista como heroína pelo mundo inteiro.

Yonabaru Jin

Colega de Keiji. Fala bastante e tende a expor o culpado de um romance misterioso.

Shasta Rayell

Mecânica de Rita. Tem um pouco de sangue índio-americano. Gosta de colecionar bonecas *gashapon*.

Bartolome Ferrel

Sargento do pelotão de Reiji. Um homem excessivamente atento à musculação que cuida de seus subordinados.

Rachel Kisaragi

Ela trabalha na cozinha.

CAP. 1

Recruta Kiriya

キリヤ初年兵

1

Quando as balas começam a voar, é apenas uma questão de tempo antes do medo dominar um soldado.

Você está lá e o aço da morte passa pelo ar.

Um tiro ao longe soa baixo e lamacento, um som oco que você mais sente do que ouve. Os mais próximos soam alto e claro. Eles estrondam como uma voz que chacoalha os dentes e você sabe que é o alvo. Eles perfuram o chão profundamente, jogando para cima um véu de poeira que paira por ali, esperando que a próxima rodada atravesse tudo.

Milhares de projéteis, queimando através do céu — pedaços de metal do tamanho do seu dedo — e basta um para matá-lo. Apenas um para transformar o seu melhor amigo em um pedaço de carne fumegante.

A Morte vem rápida, durante uma batida do coração, e ela não é exigente sobre quem levar.

Os soldados que ela leva rapidamente — antes que saibam o que os atingiu — são os sortudos. A maioria morre em agonia, seus ossos quebrados, seus órgãos rasgados, um mar de sangue vazando no chão. Eles esperam sozinhos na lama pela Morte que vem roubar e retorcer suas últimas gotas da vida com as mãos geladas.

Se existe um paraíso, então é um lugar frio. Um lugar escuro. Um lugar solitário.

Estou aterrorizado.

Aperto o gatilho com os dedos rígidos; meus braços tremem quando envio uma chuva de aço escaldante para o inimigo. O rifle recua quando atiro. *Vunk*. *Vunk*. *Vunk*. Uma batida mais firme que meu coração. O espírito de um soldado não está em seu corpo. Está na sua arma. O cano aquece até brilhar, o calor transforma o medo em raiva.

Fodam-se os oficiais e a merda da desculpa ridícula para chamar o apoio aéreo!

Fodam-se os estrategistas e seus planos que não valem nada uma vez

que a merda começa!

Foda-se a artilharia que segura o flanco esquerdo!

Foda-se aquele bastardo que acabou de ser morto!

E mais do que todos eles, foda-se qualquer um que estiver mirando em mim! Use sua raiva como um punho de aço e esmague a cara deles.

Se mover, foda-se!

Eu tenho que matar todos eles. Fazer com que parem de se mover.

Um grito abriu caminho através dos meus dentes cerrados.

Meu rifle dispara 450 balas de 20mm por minuto, para que possa gastar um pente mais rápido. Não há motivo para se segurar. Não importa quanta munição você ainda tem quando está morto. Hora de recarregar.

“Recarregar!”

O soldado com quem gritei já estava morto. Minha ordem morreu no ar, um pulso sem sentido de estática. Apertei meu gatilho novamente.

Meu amigo Yonabaru foi atingido na primeira rodada quando eles contra-atacaram — foi um daqueles dardos. Acertou em cheio, rasgando através da Jacket. A ponta saiu coberta de sangue, óleo e alguns líquidos não identificáveis. Sua Jacket fez uma dança macabra por cerca de dez segundos antes de finalmente parar de se mover.

Era inútil chamar um médico. Ele tinha um buraco logo abaixo de seu peito, quase dois centímetros de diâmetro, que atravessava até suas costas perfeitamente. A fricção nas bordas deixou uma chama laranja dançando em torno da abertura. Tudo isso aconteceu no primeiro minuto após a ordem de ataque.

Ele era o tipo de cara que gostava de implicar com você sobre a merda mais estúpida possível, ou dizer quem era o culpado em um romance policial quando você ainda está no primeiro capítulo. Mas ele não merecia morrer.

Meu pelotão — 146 homens da 17ª Companhia, 3º Batalhão, 12º Regimento, 301ª Divisão de Infantaria Armada — foi enviado para reforçar a extremidade norte da Ilha de Kotoiushi. Eles nos enviaram de helicóptero para emboscar o flanco esquerdo do inimigo pela retaguarda. Nosso trabalho era acabar com os que recuavam quando o ataque frontal inevitavelmente os empurrava para trás.

Inevitável.

Yonabaru morreu antes do combate sequer começar.

Me pergunto se ele sofreu muito.

Quando finalmente percebi o que estava acontecendo, o meu pelotão

estava sendo esmagado no meio da batalha. Estávamos sendo atacados pelo inimigo e nossas próprias tropas. Tudo o que eu podia ouvir eram gritos, soluços, e "Foda-se!" Porra! Porra! Porra! Os xingamentos voavam tão rápido quanto as balas. Nosso líder do esquadrão estava morto. Nosso sargento estava morto. O barulho dos rotores nos helicópteros de suporte já tinha desaparecido há um tempo. As comunicações foram cortadas. Nossa campanha foi rasgada em pedaços.

A única razão pela qual eu ainda estou vivo é porque eu estava tomando cobertura quando Yonabaru foi atingido.

Enquanto os outros se mantiveram firmes e lutaram, eu estava escondido na minha Jacket, tremendo como uma folha. Estes trajes são feitos de um composto japonês que é a invejado pelo do mundo. Eles te protegem tanto quanto possível. Percebi que se uma bala passasse pela primeira camada ela nunca passaria pela segunda. Então, se eu me escondesse por tempo suficiente, o inimigo iria embora. Certo?

Eu estava cagando de medo.

Como qualquer recrutar recém-saído do acampamento eu poderia disparar um rifle, mas ainda não sabia como fazer isso servir para alguma coisa. Qualquer pessoa pode apertar um gatilho. *Bang!* Mas quando e onde atirar quando você está cercado? Pela primeira vez percebi que não sabia o essencial sobre a guerra.

Outro dardo passou pela minha cabeça.

Provei sangue na minha boca. O gosto de ferro. Prova de que ainda estava vivo.

Minhas mãos estavam úmidas e lisas dentro das minhas luvas. As vibrações da Jacket me disseram que a bateria estava quase morrendo. Senti o cheiro de óleo. O filtro estava nas últimas, e o fedor do campo de batalha estava encontrando seu caminho através da armadura, o cheiro de cadáveres inimigos como se fosse o cheiro de folhas amassadas.

Não senti nada abaixo da minha cintura por um tempo. Deveria estar doendo onde fui atingido, mas não. Eu não sabia se isso era bom ou ruim. A dor te faz perceber se está morto ou não. Pelo menos não tinha que me preocupar com o mijo na armadura.

Sem granadas de combustível. Só restavam trinta e seis balas de 20mm. O pente estaria vazio em cinco segundos. Minha bazooka — que de qualquer forma tinha apenas três foguetes — se perdeu antes que eu pudesse disparar aquela porcaria. Minha câmera frontal quebrou, a armadura no meu braço esquerdo foi retalhada e mesmo em plena potência a Jacket só operava a 40%. Milagrosamente, o bate-estaca do meu ombro esquerdo tinha sobrevivido sem um arranhão.

O bate-estaca[1] é uma arma de curto alcance que utiliza uma carga explosiva para disparar picos de carboneto de tungstênio — boa apenas contra os inimigos no alcance do braço. Os cartuchos que dispara são tão grandes quanto o punho de um homem. Em um ângulo de 90 graus de impacto, a única coisa que pode resistir a ele é a blindagem dianteira de um tanque. Quando eles me disseram pela primeira vez que só aguentava vinte rodadas, eu não achei que ninguém viveria tempo suficiente para usar tudo isso. Eu estava errado.

O meu tinha quatro rodadas sobrando.

Eu tinha disparado dezesseis vezes e errei quinze — talvez dezesseis.

O display do meu traje estava deformado. Eu não podia ver merda nenhuma onde estava dobrado. Podia ter um inimigo em pé na minha frente e eu nunca saberia.

Eles dizem que um veterano que está acostumado com o traje pode ver ao seu redor mesmo sem usar a câmera. É preciso mais do que olhos na batalha. Você tem que sentir o impacto passando por camadas de cerâmica e metal até o seu corpo. Prever o puxar do gatilho. Sentir o chão através das botas. Ver os números do display e entender o estado da batalha em um instante. Mas não posso fazer nada disso. Um recruta em sua primeira batalha não sabe de merda nenhuma.

Expira. Inspira.

Meu traje estava encharcado de suor. Um cheiro terrível. Catarro estava escorrendo do meu nariz, mas não podia limpá-lo.

Verifiquei o cronômetro ao lado da tela. Sessenta e um minutos se passaram desde que a batalha começou. Que monte de merda. Parecia que eu estava lutando há meses.

Olhei para a esquerda, direita. Cima, baixo. Fechei o punho dentro da luva. Não posso usar muita força, tinha que me lembrar. Exagero e meu objetivo vai por água abaixo.

Não há tempo para verificar o Doppler[2]. Hora de atirar e deixar rolar.

Thak thak thak thak thak!

Uma nuvem de poeira subiu.

As rajadas do inimigo pareciam vento sobre minha cabeça, mas as minhas desviavam ao deixar o cano, como se os inimigos simplesmente as afastassem. Nosso sargento disse que as armas poderiam brincar dessa forma. Se me perguntar, me parece justo que o inimigo deve começar a ver seus projéteis brincando com eles também. Devemos todos ter a chance de sentir a respiração da Morte na parte de trás do nosso pescoço, seja amigo ou inimigo.

Mas como deve ser a chegada da Morte para um inimigo não humano? Será que eles pelo menos sentem medo?

Nossos inimigos — os inimigos da *United Defense Force*[3] — são monstros. Nós os chamamos de Mimics.

Minha arma estava sem balas.

A silhueta de um orbe deformado se materializou na neblina marrom. Era mais curta do que um homem. Provavelmente chegaria até o ombro de um soldado com a Jacket. Se um homem fosse um poste fino em pé, um Mimic seria um barril robusto — um barril com quatro membros e uma cauda, pelo menos. Algo como o cadáver inchado de um sapo afogado, como gostamos de dizer. Os ratos de laboratório dizem que eles têm mais em comum com estrelas do mar, mas isso são apenas detalhes.

Eles são um alvo menor do que um homem, então naturalmente são mais difíceis de acertar. Apesar de seu tamanho, eles pesam mais do que nós. Se pegar um desses tonéis largos, do tipo que os americanos usam para destilar whisky, e o encher com areia molhada, daria mais ou menos o peso certo. Não é o tipo de massa que um mamífero com 70% de água poderia esperar alcançar. Um único golpe de um dos seus membros pode enviar um homem voando em mil pedacinhos. Seus dardos, projéteis disparados de respiradouros em seus corpos, têm o poder de balas de 40mm.

Para combatê-los, usamos máquinas para nos fortalecer. Usamos as Jackets — armaduras mecanizadas, a melhor e mais moderna ciência. Nos enfiamos em exoesqueletos de aço tão resistente que uma escopeta disparada a queima-roupa não faria um risco. É assim que enfrentamos os Mimics, e estamos perdendo.

Mimics não inspiram o medo instintivo que você esperaria caso se encontrasse diante de um urso protegendo seus filhotes, ou o olhar de um leão faminto. Os Mimics não rugem. Eles não são assustadores de se ver. Eles não abrem nenhuma asa ou ficam de pé sobre as patas traseiras para intimidar. Eles simplesmente caçam com a implacabilidade das máquinas. Eu me sinto como um cervo parado no caminho de um caminhão que se aproxima. Não conseguia entender como tinha me metido na situação em que estava.

Eu estava sem balas.

Até logo, mãe.

Eu vou morrer em um fodido campo de batalha. Em uma maldita ilha esquecida por Deus e sem amigos, sem família, sem namorada. Na dor, no medo, coberto por minha própria merda. E nem consigo levantar a única arma que tenho para afastar o bastardo correndo em minha

direção. Foi como se toda a força em mim tivesse se esgotado com minha última munição.

O Mimic está vindo até mim.

Eu posso ouvir a respiração da Morte no meu ouvido.

Sua figura cresce em meu display.

Agora eu o vejo; seu corpo está manchado de vermelho sangue. Sua foice de dois metros de comprimento, é uma sombra vívida. Parece mais de um machado de batalha do que uma foice. Em um mundo onde amigo e inimigo usam a mesma camuflagem empoeirada, ele lança um brilho vermelho metalizado em todas as direções.

A Morte se move, mais rápida do que um Mimic. Uma perna escarlate chuta e eu saio voando.

Minha armadura está esmagada. Eu paro de respirar. O céu se torna o solo. Meu display está se afogando em avisos vermelhos piscando. Eu tusso sangue, poupando o trabalho dos avisos.

Então meu bate-estaca dispara. A explosão me joga pelo menos dez metros no ar. Pedaços da blindagem da parte de trás do meu Jacket se espalham pelo chão. Eu caio de cabeça para baixo.

A Morte balança seu machado de batalha.

O metal ressoa enquanto perfura o imperfurável. O machado soa como um trem de carga parando.

Eu vejo a carapaça do Mimic navegando pelo ar.

Bastou um golpe para reduzir o Mimic a uma pilha imóvel. A areia cinzenta saiu da ferida aberta. As duas metades da criatura estremeceram, cada uma mantendo seu próprio ritmo estranho. Uma criatura que as maiores invenções tecnológicas da humanidade mal conseguiam derrotar, devastada por uma arma bárbara de mil anos atrás.

A Morte virou-se lentamente para me encarar.

Em meio as luzes de advertência vermelhas que se aglomeravam em minha tela, uma única luz verde piscou. Uma transmissão amigável entrante. “…um pouco …kay?” Uma voz de mulher. Impossível de entender em meio ao ruído. Eu não conseguia me levantar. O Jacket estava destruído e eu também. Gastei o resto das minhas forças apenas para rolar o lado direito para cima.

Vendo mais de perto, eu não estava, de fato, na companhia do Anjo da Morte. Era apenas mais um soldado de Jacket. Um Jacket não exatamente como o meu, era equipado com aquele machado de batalha maciço onde o regulador do bate-estaca deveria estar. As insígnias no

ombro não indicavam *JP*, mas sim *U.S.* No lugar da habitual camuflagem empoeirada, o traje brilhava em um rubro metálico da cabeça aos pés.

A Vadia de Ferro.

Eu tinha ouvido histórias. Uma viciada em guerra sempre perseguindo a ação, não importa onde ela ia. Dizia-se que ela e seu esquadrão das Forças Especiais do Exército dos EUA eram responsáveis por metade de todas as mortes confirmadas de Mimic. Talvez alguém que tivesse lutado tanto e vivido para contar a história realmente fosse o Anjo da Morte.

Ainda carregando o machado da batalha, o Jacket vermelho ardente andou em minha direção. Ela esticou o braço e procurou o plug no meu ombro. Uma entrada de comunicação.

"Há algo que eu queria saber."

Sua voz preencheu meu traje, clara como cristal. Um tom suave e leve, em desacordo com o machado de dois metros e a carnificina que acabara de criar com ele.

"É verdade que o chá verde que servem no Japão no fim da refeição é de graça?"

A areia que se derramava para fora do Mimic caído voou afastada pelo vento. Eu podia ouvir o ruído distante das balas voando. Este era um campo de batalha, o lugar podre onde Yonabaru, Capitão Yuge e o resto do meu pelotão tinham morrido. Uma floresta de projéteis de aço. Um lugar onde seu traje se enche com sua própria urina e merda. Onde você se arrasta através de sangue e lama.

"Eu me meto em problemas por acreditar em tudo o que leio, então pensei em perguntar a um local", ela continuou.

Aqui estou eu, meio morto, coberto de merda, e você quer falar sobre chá?

Quem anda até alguém, o chuta pelo chão e então pergunta sobre chá? O que estava passando na cabeça dela? Eu queria que ela entendesse o que eu estava pensando, mas as palavras não vinham. Eu podia pensar nas palavras que eu queria dizer, mas minha boca tinha esquecido como funcionava — uma linha de xingamentos estava na frente.

"Isso é o problema com os livros, metade do tempo o autor não sabe o que diabos ele está escrevendo — *especialmente* aqueles romancistas de guerra… Agora, que tal você tirar o dedo do gatilho e respirar fundo?"

Bom conselho. Demorou um minuto, mas comecei a ver em linha reta novamente. O som da voz de uma mulher sempre conseguia me acalmar. A dor que eu tinha deixado na batalha voltou ao meu intestino.

Meu Jacket interpretou mal as cãibras em meus músculos, enviando um espasmo leve pelo traje. Pensei na dança que o traje do Yonabaru fez antes de morrer.

“Está doendo muito?”

“O que você acha?” Minha resposta não foi muito mais do que um sussurro rouco.

O Jacket vermelho se ajoelhou diante de mim, examinando a placa de armadura rasgada sobre meu estômago. Arrisquei uma pergunta.

“Como está a batalha?”

“O 301º foi aniquilado. Nossa linha principal recuou até a praia para reagrupar.”

“E seu esquadrão?”

“Não há necessidade de se preocupar com eles.”

“Então… como estou?”

“Isso perfurou a frente, mas a placa traseira parou. Está carbonizado.”

“O quão ruim?”

“Ruim.”

“Foda-se”. Olhei para o céu. “Parece que está começando a ficar limpo.”

“É. Eu gosto do céu daqui.”

“Por que?”

“É limpo, nada melhor do que uma ilha com o céu limpo.”

“Vou morrer?”

“Vai.” ela me disse.

Senti lágrimas nos olhos. Fiquei grato pelo capacete esconder meu rosto. Mantive minha vergonha só para mim.

O Jacket vermelho manobrou para pegar suavemente minha cabeça. “Qual é o seu nome? Não o seu rank ou seu código. O seu nome.”

“Keiji, Keiji Kiriya.”

“Sou Rita Vrataski. Vou ficar aqui até você morrer.”

Eu não poderia desejar nada além do que ela disse, mas eu não ia deixar ela ver isso. “Você também vai morrer se ficar.”

“Eu tenho um motivo: quando você morrer, Keiji, eu vou pegar a bateria do seu Jacket.”

“Isso foi cruel.”

“Não precisa reclamar, relaxe, aceite.”

Ouvi um som eletrônico — um sinal de comunicação de entrada no capacete de Rita. Era a voz de um homem. A ligação entre nossos Jackets automaticamente transmitiu a voz para mim.

“Calamity Dog, aqui é Chief Breeder.”

“Na escuta.” Apenas ordens.

“Servidor Alpha e a vizinhança sob controle. Estimativa de que podemos segurar por treze minutos. Hora de pegar a pizza.”

“Calamity Dog recebido. Tudo calmo por aqui.”

O Jacket vermelho estava de pé, cortando o nosso link de comunicação. Atrás dela, uma explosão ecoou. Senti o chão tremer pela minha espinha. Uma bomba guiada a laser tinha caído do céu. Ela mergulhou nas profundezas da terra, e penetrou a base antes de detonar. A terra branca arenosa parecia uma panqueca cozida; sua superfície rachada trazia vomitava uma terra mais escura no ar. Uma chuva de lama salpicou minha armadura. O machado de Rita brilhava na luz.

A fumaça desapareceu.

Pude ver uma massa retorcida no centro da enorme cratera deixada pela explosão: o inimigo. Pontos vermelhos surgiram no meu radar, havia tantos que cada ponto estava tocando outro.

Pensei ter visto Rita assentir. Ela saltou para a frente, voando pelo campo de batalha. Seu machado subiu e desceu. Cada vez que brilhava, a casca de um Mimic rachava. A areia que brotava de suas feridas espiralava nos redemoinhos traçados por sua lâmina. Ela os cortava com a facilidade de um laser. Seus movimentos faziam um círculo ao meu redor, me protegendo. Rita e eu passamos pelo mesmo treinamento, mas ela era como um gigante enquanto eu estava no chão, um brinquedo estúpido que tinha esgotado sua bateria. Ninguém me forçou a estar aqui. Eu tinha me arrastado para este campo de batalha, e eu não estava fazendo nada por ninguém. Melhor que eu tivesse morrido ao lado do Yonabaru. Pelo menos não teria colocado outro soldado em perigo para me proteger.

Decidi não morrer com três disparos sobrando no bate-estaca.

Levantei uma perna. Coloquei uma mão sobre o joelho.

Fiquei de pé.

Gritei. Eu me forcei a continuar.

O Jacket vermelho se virou para mim.

Ouvi barulho na saída de áudio, mas não entendi o que ela estava tentando dizer.

Um dos Mimics se destacou do resto. Não que ele parecesse diferente dos outros. Só mais um sapo afogado e inchado. Mas havia algo que o diferenciava. Talvez a proximidade com a morte tivesse aguçado meus sentidos, mas de alguma forma eu sabia que como qual eu deveria lutar.

Foi o que eu fiz. Eu pulei para o Mimic e ele me atacou com a cauda. Senti meu corpo ficar mais leve. Um dos meus braços foi cortado. O

braço direito — deixando o bate-estaca intacto no esquerdo. Sorte minha. Eu puxei o gatilho.

A carga disparou, em um perfeito ângulo de 90º.

Mais um tiro. Um buraco aberto na carapaça daquela coisa.

Mais um tiro. Eu apaguei.

2

O livro que eu estava lendo se encontrava ao lado do travesseiro.

Era um romance de mistério sobre um detetive americano que deveria ser um tipo de especialista no Oriente. Meu dedo apontava para uma cena onde todos os personagens chaves se encontravam para jantar em um restaurante japonês em New York. O cliente do detetive, um italiano, tenta pedir um café expresso após a refeição, mas o detetive o impede friamente. Ele fala sobre como os restaurantes japoneses te trazem chá verde após o jantar para que você não tenha que pedir nada. Então ele afirma como o chá verde vai bem com molho de soja, e oh, por que é que na Índia eles apimentam o chá de leite? Ele finalmente reuniu todos os envolvidos no caso em um lugar, e ele fala sobre tudo menos sobre o culpado.

Esfrego os olhos.

Passando minha mão sobre minha camisa, sinto meu estômago através do pano. Eu pude sentir o *six-pack* que não estava lá meio ano atrás. Nenhum vestígio de ferida, nenhuma carne carbonizada. Meu braço direito estava bem onde deveria estar. Está tudo bem por aqui. *Que sonho de merda.*

Devo ter adormecido lendo o livro. Eu deveria saber que algo estava acontecendo quando Mad Wargarita começou a ter pequenas conversas sobre romances de mistério. Os Operadores Especiais Americanos que haviam atravessado todo o Oceano Pacífico apenas para provar sangue não tiveram tempo para ler o último best-seller. Se tivessem tempo livre, provavelmente o gastariam verificando seus Jackets.

Que jeito de começar o dia. Hoje seria a primeira vez que sentiria o

verdadeiro gosto da batalha. Por que não poderia sonhar que explodi alguns malditos e fui promovido um ou dois ranks?

No beliche acima de mim, um rádio tocava uma música com um baixo — algum tipo de rock pré-histórico, tão antigo que meu velho não teria reconhecido. Eu podia ouvir os sons, conversas incoerentes vindas de todas as direções, e acima de tudo, a voz de cafeína do DJ falando com a previsão do tempo. Eu podia sentir cada palavra perfurar meu crânio. Está claro e ensolarado aqui nas ilhas, assim como ontem, com um alerta do índice UV para a tarde. *Cuidado para não se queimar no sol!*

Os quartéis não eram muito mais do que quatro pedaços de madeira resistentes ao fogo apoiadas juntas. Um cartaz de uma gata bronzeada de biquíni pendurado em uma das paredes. Alguém tinha substituído sua cabeça por uma foto do primeiro-ministro tirada do jornal. A cabeça da garota do biquíni sorria do topo do corpo musculoso de um macho em outro cartaz nas proximidades. A cabeça do homem musculoso estava perdida.

Me estico no meu beliche. As barras de alumínio rangem em protesto.

“Keiji, assine isso”. Yonabaru esticou o pescoço sobre o lado do beliche superior. Ele parecia ótimo para um cara que eu vi ser empalado. Dizem que as pessoas que morrem em sonhos vivem para sempre.

Jin Yonabaru se alistou três anos antes de mim. Três anos a mais para queimar a gordura, três anos a mais para criar músculos. Quando ele era um civil, era magro como um galho. Agora ele estava esculpido em pedra. Ele era um soldado e se parecia com um.

“O que é isso?”

“Uma declaração. Aquela da qual te falei.”

“Assinei isso ontem.”

“Sério? Isso é estranho.” Eu podia ouvi-lo folheando as páginas. “Não, não aqui. Que seja, assine para mim novamente, beleza?”

“Está tentando tirar vantagem de mim?”

“Só se você voltar em um saco. Além disso, você só pode morrer uma vez, então que diferença faz quantas cópias assina?”

Os soldados da UDF na linha de frente tinham uma tradição. No dia anterior a uma operação, eles entrariam no PX[4] e sairiam com bebida alcoólica. Beba e seja feliz, pois amanhã morreremos. A batalha quebra qualquer acetaldeído deixado na corrente sanguínea. Mas quando a luta acabasse e todo mundo tivesse voltado à base, eles fariam um balanço do inventário e, se você fosse pego, eles te levariam até um comitê disciplinar — talvez uma corte marcial se você realmente foder com

tudo. Claro, era difícil condenar um cadáver. É por isso que todos deixamos notas antes da batalha explicando como o roubo tinha sido a nossa ideia. Certamente, quando a investigação começava, quem tinha planejado tudo sempre era um idiota que deu um jeito de morrer. Era um bom sistema. As pessoas trabalhando no PX eram espertas, por isso eles deixavam escapar algumas garrafas que não fariam falta. Você poderia pensar que eles apenas davam a todos alguns drinques na noite antes da batalha — talvez pelo amor e pela moral — mas não, era o mesmo de sempre. Boas ideias não têm chance contra boa burocracia.

Peguei o papel de Yonabaru. "Engraçado, eu pensei que ficaria mais nervoso."

"Mas já? Espera pelo menos o dia chegar, cara."

"O que quer dizer com isso? Vamos nos preparar à tarde."

"Ficou doido? Por quanto tempo planeja usar essa coisa?"

"Se eu não usar hoje, quando é que eu vou?"

"Que tal amanhã, quando nós partirmos?"

Eu quase caí da cama. Por um instante, meus olhos pousaram no soldado deitado no beliche ao lado do meu. Ele estava folheando uma revista pornô. Então olhei para o rosto de Yonabaru.

"O que você quer dizer, amanhã? Eles adiaram o ataque?"

"Não, cara, sempre foi amanhã, mas a nossa missão de se embriagar começa esta noite às mil e novecentas horas… Nós bebemos até cair e acordamos com uma ressaca amanhã de manhã… Um plano que nem mesmo o QG poderia foder."

Espera. Tínhamos entrado no PX na noite passada. Me lembro de tudo. Eu estava nervoso sobre minha primeira batalha, por isso decidi me levantar bem mais cedo. Eu tinha voltado para o beliche e comecei a ler esse romance de mistério. Até me lembro de ajudar Yonabaru a chegar até a cama dele quando veio cambaleando de bêbado.

A menos que… a menos que eu também tivesse sonhado com isso?

Yonabaru sorriu maliciosamente. "Você não está tão bem, Keiji."

Peguei o romance na minha cama. Eu o trouxe para ler no meu tempo livre, mas estava tão ocupado memorizando a formação que ele ficou largado no fundo da minha bolsa. Me lembro de pensar o quão irônico era o fato de que eu não tive tempo de começar a ler até o dia anterior ao qual eu provavelmente iria morrer. Abri o livro na última página que li. O detetive americano, que deveria ser um especialista no Oriente, estava discutindo as características do chá verde, como eu me lembrava. Se hoje era o dia antes da batalha, quando eu li o livro? Nada fazia sentido.

“Escuta, não há nada demais na operação de amanhã.”

Eu pisquei. “Nada demais, hein?”

“Basta voltar para casa sem atirar em alguém pelas costas e você vai ficar bem.”

Eu resmunguei em resposta.

Yonabaru fez uma arma com a mão e apontou o dedo indicador para a cabeça. “Falo sério, pense demais nisso e você vai se sobrecarregar — vai acabar perdendo a cabeça antes mesmo que eles tenham a chance de explodir seu cérebro.”

O cara que eu substituía tinha se dado mal, então eles o tiraram da linha de frente. Dizem que ele começou a espalhar informações sobre como a humanidade estava condenada pelas linhas de comunicação. Não é o tipo de merda que você quer que a UDF ouça. Podemos não perder soldados dessa forma como perdemos para o inimigo, mas não é legal de qualquer forma. Na batalha, a menos que esteja presente de corpo e mente, você é um passivo. Eu acabei de chegar na linha de frente — não vi nenhuma batalha — e já estava tendo alucinações. Quem sabe quais alarmes de advertência estavam piscando na minha mente.

“Se me perguntar, alguém sair da batalha não agir ‘um pouco diferente’ deve ter perdido um parafuso ou três.” Yonabaru sorriu.

“Hey, não amedronte nós novatos,” eu protestei. Eu não estava realmente assustado, mas eu estava cada vez mais confuso.

“Basta olhar para Ferrell, a única maneira de fazer isso é perder o que quer que faça de você um humano. Um indivíduo sensível e atencioso como eu não foi feito para lutar, essa é a verdade.”

“Não vejo nada de errado com o sargento.”

“Não é uma questão de certo ou errado, trata-se de ter um coração feito de tungstênio e músculos tão grandes que não deixam o sangue ir para o cérebro.”

“Eu não diria isso.”

“E em seguida, vai dizer que Mad Wargarita[5] é apenas mais uma como a gente.”

“Eh, bem, o caso dela é —” e assim a conversa continuou como sempre. Nossa especulação sobre Rita estava no auge quando o sargento apareceu.

O sargento Ferrell Bartolome estava nessa a mais tempo do que qualquer outra pessoa em nosso pelotão. Ele viveu muitas batalhas, era mais do que um soldado, ele era a cola que mantinha nossa companhia unida. Eles disseram que se você o colocasse em uma centrífuga, o

resultado seria 70% de parceiro, 20% broca e 10% de fibra de carbono reforçado com aço. Ele franziu o cenho para mim, então olhou para Yonabaru, que estava apressadamente guardando o álcool. Ele franziu ainda mais a testa. “Você é o soldado que invadiu o PX?”

“Sim, fui eu”, confessou meu amigo sem deixar rastros de culpa.

Os homens nas camas ao redor se cobriram com seus lençóis a toda velocidade como baratas se escondendo da luz, revistas pornográficas e baralhos esquecidos. Eles tinham visto o olhar no rosto do sargento.

Limpei minha garganta. “A segurança, uh… enfrentou algum tipo de problema?”

A testa de Ferrell se entrelaçou como se estivesse equilibrando um de blindado na cabeça. Tive uma forte sensação de déjà vu. *Tudo isso aconteceu no meu sonho!* Algo sem relação tinha dado errado, no momento exato em que Yonabaru e os caras estavam entrando no PX. A segurança já estava em alerta e o roubo foi descoberto antes do previsto. “Onde você ouviu isso?”

“Só, uh, um palpite.”

Yonabaru se inclinou para fora do seu beliche. “Que tipo de problema?”

“Alguém pisou uma pilha de merda de porco, isso pode não ter nada a ver com você, mas mesmo assim, oh — novecentos, vocês serão transferidos para o Campo de Treinamento Nº 1 em seu Equipamento para Treinamento Físico nível 4, avisem para o resto daqueles imbecis que vocês chamam de pelotão.

“Você só pode estar brincando! Nós vamos para a batalha amanhã e você está nos mandando para o TFM[6]?”

“Isso é uma ordem, cabo.”

“Senhor, reportando para o Campo de Treinamento Nº 1, oh — novecentos em equipamento nível quatro, senhor, mas, uh, uma coisa, Sargento… Fazemos esse lance com a bebida durante anos. Por que se importam com isso agora?”

“Você realmente quer saber?” Ferrell revirou os olhos. Eu engoli em seco.

“Não, eu já sei a resposta.” Yonabaru sorriu. Ele sempre parecia estar sorrindo. “É porque a cadeia de comando por aqui é fodida para caralho.”

“Você vai descobrir por si mesmo.”

“Espere, Sargento!”

Ferrell deu três passos calculados e parou.

“Qual é, nem sequer uma dica?” Yonabaru falou de onde estava se

escondendo, atrás da armação de metal.

"O general é o único preocupado com uma desculpa para a segurança podre que temos nesta base, então não olhe para mim e também não olhe para o capitão. Na verdade, você também pode apenas calar a boca e fazer o que te pedem para variar."

Suspirei. "Ele não vai nos mandar para a batalha sem nada, vai?"

Yonabaru sacudiu a cabeça. "Talvez todos nós possamos dar um abraço de grupo. Arrombado fodido."

Eu sabia onde isso terminava. Eu também sonhei com tudo isso.

Depois da derrota de um ano e meio atrás na Batalha da Praia de Okinawa, os Japoneses transformaram isso em uma questão de honra, recapturar uma pequena ilha ao longo da costa da Península de Boso, um lugar chamado Kotoiushi. Com um ponto de apoio lá, os Mimics estariam apenas a um passo de Tóquio. O Palácio Imperial e o governo central recuaram e agora governam de Nagano, mas não havia nenhuma maneira de realocar o motor econômico da maior cidade japonesa.

O Ministério da Defesa sabia que o futuro do Japão estava no resultado desta operação, de modo que, além de reunir vinte e cinco mil Jackets, um fluxo interminável de generais estava se juntando nesta pequena base na Flower Line[7] que conduzia à Península de Boso. Eles até haviam decidido permitir que os americanos, Operações Especiais, entrassem no jogo. Os EUA não foram convidados para a festa em Okinawa.

Os americanos provavelmente não se importavam se Tóquio seria ou não reduzida a um deserto fumegante, mas deixar a área industrial que produz a camada de blindagem composta mais leve e resistente para os Mimics estava fora de questão. Setenta por cento das peças que entram em uma Jacket de última geração vem da China, mas a realidade é que não pode ser fabricada sem a tecnologia japonesa. Convencer os americanos a virem não tinha sido difícil.

A questão foi que com tropas estrangeiras veio uma segurança mais rigorosa. De repente, se checava coisas como desaparecimento de álcool que a base deixava passar antigamente. Quando o comando descobriu o que estava acontecendo, eles estavam verdadeiramente putos.

"Como está nossa sorte? Me pergunto quem ferrou a gente."

"Não somos nós, eu sabia que os americanos estariam vigiando seu precioso batalhão como falcões. Fomos cuidadosos como virgens em baile de formatura."

Yonabaru soltou um gemido exagerado. "*Ungh*, meu estômago… Sargento, meu estômago está mal, acho que é o meu apêndice, ou talvez

eu peguei tétano de quando me machuquei no treino.”

“Eu duvido que isso vá se esclarecer esta noite, então apenas tenha certeza de se manter hidratado, amanhã isso acaba, entendeu?”

“Ah cara, isso dói.”

“Kiriya, faça ele beber um pouco de água.”

“Sim Senhor.”

Ignorando a atuação de Yonabaru, Ferrell saiu do quartel. Assim que sua presença se foi, Yonabaru se sentou e fez um gesto rude em direção à porta. “Ele realmente é um pau no cu. Não entenderia uma piada nem se ela viesse com um maldito manual. Não vou ficar assim quando eu ficar velho. Certo?”

“Talvez.”

“Foda-se, porra, merda. Hoje está uma porcaria.”

Tudo estava acontecendo como eu me lembrava.

O 17º batalhão passaria as próximas três horas no TFM. Exaustos, ouvíamos um oficial comissionado, o peito cheio de medalhas, nos ensinando por mais meia hora antes de sermos dispensados. Eu ainda podia ouvi-lo ameaçando arrancar os cabelos de nossos traseiros um por um com a Jacket.

Meu sonho estava cada vez menos se parecendo com um.

3

Há um exercício chamado prancha isométrica. Você levanta seu corpo como em uma prancha comum e então mantém essa posição.

É muito mais difícil do que parece. Você pode sentir seus braços e abdominais tremendo, e eventualmente perde seu senso de tempo. Depois de ter contado algo como a milésima ovelha pulando uma cerca, você implorará para fazer prancha comum, qualquer coisa menos isso. Seus braços não são projetados para ser pilares. Músculos e articulações estão lá para flexionar e dobrar. Flexionar e dobrar. Parece bom pensar nisso. Mas você não pode pensar sobre isso, ou você vai se sentir ainda pior. *Vocês são pilares, ouviu? Pilares! Bons e fortes pilares.*

Músculos não são realmente importantes para um Jacket. Se o peso de uma pessoa é de trinta quilos ou setenta, assim que vestirem aquilo, terão 370 quilos de força na palma da mão. O que um Jacket precisa é de resistência e controle — a capacidade de manter uma posição sem contrair um músculo.

Prancha isométrica é perfeito para isso. Sentar no muro passa longe de ser tão ruim.

Alguns reivindicaram que a prancha isométrica se tornou a forma preferida de disciplina na antiga Força de Autodefesa do Japão depois de proibirem a punição corporal. Eu tive um tempo difícil acreditando que a prática tinha sobrevivido tempo suficiente para ser utilizada pela Divisão de Infantaria — o JSDF tinha se juntado ao UDF antes que eu nascesse. Mas quem quer que tenha inventado isso, espero que tenha morrido de forma lenta e dolorosa.

"Noventa e oito!"

"NOVENTA E OITO!" Todos nós gritamos.

"Noventa e nove!"

"NOVENTA E NOVE!"

Olhando para o chão, nós gritávamos desesperadamente o tempo com o sargento, suor fluindo em nossos olhos.

"Oitocentos!"

"OITOCENTOS!"

Foda-se!

Nossas sombras eram nítidas e claras sob o sol escaldante. A bandeira da companhia estalava e voava alto acima do campo. O vento que soprava nos campos de treinamento cheirava a sal e deixava uma camada salgada de lodo em nossa pele.

Lá, imóvel no meio daquele campo de treinamento gigantesco, 141 homens da 17ª Companhia da Divisão de Infantaria Armada mantiveram a prancha isométrica. Três líderes de pelotão estavam de pé, tão imóveis quanto seus homens, um na frente de cada pelotão. Nosso capitão assistiu à cena com o rosto distorcido da sombra da barraca do barracão. Sentado ao lado dele estava um general de brigada do Gabinete do Estado Maior. O general que abriu a boca e começou esta farsa provavelmente estava bebendo chá verde em um escritório com ar condicionado. Filho da puta.

Um general era um ser dos céus. Um ser empoleirado num trono dourado, mais alto do que eu, mais alto que Yonabaru, mais alto que Ferrell, mais alto que o tenente encarregado de nosso pelotão, o capitão

encarregado de nossa companhia, o tenente-coronel encarregado de nosso batalhão; Maior que o coronel encarregado de nosso regimento, maior do que o comandante-base. Os generais eram os deuses de Flower Line e de todos os que treinavam, dormiam e choravam dentro desses muros. Tão distantes que pareciam irreais.

Os generais não roubavam bebidas alcoólicas. Eles dormiam cedo e levantavam cedo, sempre escovando os dentes depois de cada refeição, nunca deixando de se barbear de manhã — malditos messias. Os generais entravam em batalha enfrentando a morte de queixo erguido, sempre tão calmos. Inferno, tudo que faziam eram se sentar recuados em Nagano e traçarem seus planos de batalha. Uma ordem deles e nós, mortais na linha de frente, se moveriam como peões através de um tabuleiro de xadrez para nossos destinos terríveis. Eu gostaria de ver apenas um deles aqui conosco na lama. Nós tínhamos nossas próprias regras aqui embaixo. Provavelmente por isso se mantinham afastados. Ao inferno, se um deles aparecesse, uma bala perdida o colocaria na lista de KIA[8]. Este era o pensamento mais leve que passava pela minha cabeça, qualquer um deles teria sido suficiente para me enviar a um pelotão de fuzilamento.

Os oficiais na tenda não eram os únicos espectadores que assistiam nossa tortura.

Os caras da 4ª Companhia estavam rindo descaradamente. Um tempo atrás, os derrotamos em um jogo de rugby por mais de trinta pontos, acho que eles sentiram que isso era algum tipo de vingança. O álcool que roubamos também era para eles, então essa demonstração de solidariedade era tocante. Que bando de idiotas. Se eles tivessem problemas em Kotoiushi, eu não iria ajudar.

Os *U.S. Spec Ops* e algum jornalista metido em seu esquadrão se reuniram em torno do campo para nos observar a uma distância segura. Talvez eles não fizessem prancha isométrica de onde vieram, mas seja qual for a razão, eles estavam apontando seus dedos gordos para nós e rindo. A brisa vinda da água despejava suas vozes sobre nós. Mesmo a essa distância, o comentário foi alto e irritante. Irritante como unhas raspando uma parede. Oh cara. É uma câmera? Ele está tirando fotos, sério mesmo? Certo, é isso, filho da puta. Você é o próximo na minha lista de KIA.

Dor e fadiga estragavam meu corpo. Meu sangue bombeado como chumbo.

Isso estava ficando velho. Contando meu sonho, esta foi a segunda vez que eu sofri esta sessão particular de TFM. Não apenas TFM, prancha

isométrica. No treinamento, eles nos ensinaram que mesmo quando você está com dor excruciante — especialmente quando você está com dor — a melhor coisa a fazer era encontrar algum tipo de distração, outra coisa para se concentrar, outra coisa além dos músculos queimando e do suor na testa. Tomando cuidado para não mover minha cabeça, olho ao redor pelo canto olho.

O jornalista americano estava tirando fotos, um passe de visitante pendurado em seu pescoço. *Diga X!* Ele era um homem corajoso. Você poderia alinhá-lo com qualquer um desses caras das Forças Especiais dos EUA e você nunca saberia a diferença. Ele parecia mais em casa em um campo de batalha do que eu.

Eu me pareço tanto com os caras das Forças Especiais quanto me pareço com o Sargento Ferrell. Dor e sofrimento eram velhos amigos de homens como eles. Eles caminharam em frente ao perigo, sorriram e perguntaram porque demorou tanto para chegar lá. Estavam em um nível completamente diferente de um cara como eu.

No meio da exibição de testosterona, a mulher solitária parecia se destacar. Ela era uma coisa pequenina que estava sozinha a uma curta distância do resto da equipe. A vendo dali, ao lado do resto de seu esquadrão, algo parecia fora do lugar.

Anne de Green Gables[9] Vai à Guerra.

Acho que o livro seria um spin-off em torno da Primeira Guerra Mundial. Mongólia está em guerra, e lá está Anne, com uma metralhadora delicadamente sob um braço. Seu cabelo era da cor de aço enferrujado, desbotado a um vermelho maçante. Alguns ruivos conjuravam imagens de sangue, fogo, ações de valor. Não ela. Se não fosse pela camisa de areia que ela estava vestindo, pareceria com uma criança que veio à base em uma viagem de campo e se perdeu.

Os outros se afastavam dessa garota, que mal chegava ao peito, como camponeses medrosos que observavam a nobreza.

De repente percebi. *Essa é a Rita!*

Tinha que ser. Era a única maneira de explicar como aquela mulher, que não poderia se parecer mais com uma Jacket se estivesse usando um vestido de baile, estava na companhia das operações especiais. A maioria das mulheres que se estavam ali se pareciam uma espécie de cruzamento entre um gorila e um gorila mais feia. Eles eram os únicos que podiam ficar na linha de frente da Infantaria.

Rita Vrataski era a soldada mais famosa do mundo. Quando me inscrevi para a UDF, você não passaria um dia sem ver as notícias contarem seus louvores. Histórias intituladas “Um comando Lendário”,

“Valquíria Encarnada”, esse tipo de coisa. Eu tinha ouvido até que Hollywood ia fazer um filme sobre ela, mas eu já estava na UDF quando ele saiu, então nunca vi.

Cerca de metade de todas as mortes de Mimics que a humanidade já havia feito podiam ser atribuídas às batalhas em que sua equipe lutou. Em menos de três anos, mataram tantos Mimics como o UDF inteiro juntos nos vinte anos antes. Rita era uma salvadora que vinha para ajudar a transformar as probabilidades nesta batalha sem fim e perdida.

De qualquer forma, foi isso que eles disseram.

Todos nós achamos que ela fazia parte de algum esquadrão de propaganda que eles estavam usando para fazer invasões em território inimigo. Uma frente para alguma arma secreta ou nova estratégia que realmente merecia o crédito. 60% cento dos soldados eram homens. Isso chegava até 85% quando se tratava de Jackets que sangravam nos campos de batalha. Depois de vinte anos lutando contra um inimigo cuja identidade nem sequer sabíamos, perdendo terreno dia após dia, nós não precisávamos de outro salvador musculoso com cérebro de hambúrguer. Sim, se eu fosse um dos caras do Gabinete do Estado Maior, também teria escolhido uma mulher para isso.

Onde quer que as *Spec Ops* dos EUA fossem, a moral subia. A UDF foi espancada até a borda do penhasco, mas eles finalmente conseguiram sair da beirada. Depois de terminar a guerra na América do Norte, eles se mudaram para a Europa e depois para o norte da África. Agora vinham ao Japão, onde o inimigo estava batendo na porta da principal ilha de Honshu.

Os americanos chamavam Rita de “Cadela do Campo de Batalha”, ou às vezes apenas “Rainha Cadela”. Quando ninguém estava ouvindo, nós a chamamos de “Mad Wargarita”.

A Jacket de Rita era vermelha como o sol nascente. Ela passou meses no laboratório refinando o polímero da pintura da Jacket para absorver cada onda de radar possível. Seu terno era de vermelho metálico — além disso, brilhava. No escuro, refletiria a luz mais fraca, ardendo em carmesim. Ela estava louca? Provavelmente.

Por suas costas, eles disseram que ela pintou seu Jacket com o sangue de seu esquadrão. Quando você se destaca assim no campo de batalha, tende a atrair muito mais o fogo inimigo. Outros disseram que ela faria qualquer coisa para o seu esquadrão sair por cima, que ela até mesmo se escondeu atrás de um soldado uma vez. Se ela estivesse com dor de cabeça, mataria amigos e inimigos sem distinção. E, no entanto, nem um

único inimigo jamais arranhou sua Jacket. Ela poderia entrar em qualquer inferno e voltar ilesa. Tinham um milhão de histórias.

Os soldados tinham muito tempo livre, ouviam esse tipo de conversa, alteravam e passavam adiante — era esse tipo de coisa que eles precisavam para passar o tempo e não falar sobre os camaradas mortos. Rita era uma Jacket que comia e dormia na mesma base que eu, mas nunca tinha visto seu rosto até aquele momento. Poderia reclamar do tratamento especial que ela recebia se tivesse chance de pensar sobre isso.

Eu não conseguia tirar meus olhos do seu cabelo — era curto — como ele balançava no vento. Havia um equilíbrio gracioso em seus traços. Você pode até chamar de bonita. Ela tinha um nariz fino, um queixo afiado. Seu pescoço era comprido e branco quando a maioria dos Jackets nem sequer tinham pescoço. Seu peito, no entanto, era completamente plano, em desacordo com as imagens de mulheres caucasianas que você via rebocadas nas paredes de cada quartel. Não que isso me incomodasse.

Quem quer que tivesse olhado para ela e pensado no nome Cadela do Campo de Batalha precisava examinar a cabeça. Ela estava mais perto de um cachorrinho do que de uma cadela. Suponho que mesmo em uma ninhada de *pit bulls* há espaço para um mais gentil.

Se, em meu sonho, a Jacket vermelha estivesse aberta e ela tivesse saído, eu teria cagado meu beliche. Eu tinha visto seu rosto e Jacket várias vezes nas notícias, mas isso nunca de dava uma boa ideia de como era a pessoa. Eu sempre imaginei Rita Vrataski como alta e implacável, com um corpo forte e um ar de total autoconfiança.

Então nossos olhos se encontraram.

Desviei o olhar imediatamente, mas já era tarde demais. Ela começou a caminhar em minha direção. Ela se moveu com propósito, um pé plantado firmemente no chão antes que o outro se movesse — uma força implacável, imparável. Mas seus passos eram pequenos, o resultado era um andar agitado, nervoso. Eu não tenho certeza se já vi alguém andar assim antes.

Vamos, não faça isso comigo. Nem consigo me mover. Dê um tempo ao cara e caia fora, ok? Vamos. Vá embora!

Rita parou.

Os músculos dos meus braços começaram a tremer. Então, propositadamente, ela se afastou. De alguma forma ela tinha ouvido minha oração, fazendo um giro de noventa graus à minha frente e indo em direção ao general de brigada onde ele estava sentado debaixo da

tenda. Ela estalou uma saudação superficial. Não tão desleixada a ponto de ser insultante, mas também não tão rígida que você poderia ouvir alguma coisa quebrando. Uma saudação para a Cadela do Campo de Batalha.

O general de brigada lançou um olhar duvidoso para Rita. Rita era sargento major. Na hierarquia militar, a diferença entre um general de brigada e um sargento-major era aproximadamente a mesma que a diferença entre uma refeição de quatro pratos em um restaurante esnobe e um buffet com tudo o que você pode comer. Recrutas como eu eram um *fast food*, completo com uma grande porção de batatas fritas. Mas não era assim tão simples. Nunca foi. Rita era militar dos Estados Unidos, o eixo da próxima operação, e um dos soldados mais importantes na face do planeta. Examinando tudo isso, era difícil dizer qual deles realmente tinha mais poder.

Rita ficou em silêncio. O general de brigada foi o primeiro a falar.

"Sim, sargento?"

"Senhor, seria possível que eu me juntasse ao TFM, senhor."

A mesma voz alta do meu sonho, falando perfeitamente entoada.

"Você terá uma grande operação amanhã."

"O meu pelotão nunca participou de um TFM desta forma, senhor, creio que a minha participação poderia ser vital para garantir a coordenação e execução bem-sucedidas da operação conjunta de amanhã."

O general estava sem palavras. As Forças Especiais dos EUA em torno do campo começaram a gritar e aplaudir.

"Peço permissão para participar do TFM, senhor" ela disse.

"Permissão concedida."

"Senhor, obrigado, senhor!"

Fez uma rápida saudação. Fazendo uma careta, ela deslizou entre as fileiras de homens olhando fixamente para o chão.

Ela escolheu um lugar ao meu lado e começou a fazer prancha isométrica. Eu podia sentir o calor saindo de seu corpo através do ar frio entre nós.

Eu não me movi. Rita não se moveu. O sol pairava alto no céu, banhando seus raios sobre nós, assando lentamente nossa pele. Uma gota de suor se formou na minha axila, e seguiu seu caminho lentamente até o chão. O suor começara a despontar na pele de Rita também. Porra! Eu me sentia como um frango amontoado no mesmo forno que o peru de Natal.

Os lábios de Rita fizeram o mais sutil dos movimentos. Uma voz baixa

que eu podia ouvir.

“Tem alguma coisa no meu rosto?”

“O que?”

“Você está olhando para mim faz um tempo.”

“Eu não.”

“Eu pensei que talvez tivesse um alvo na minha testa.”

“Desculpe, não tinha… não é nada.”

“Oh tudo bem.”

“Merda — foco Kiriya! Você está relaxando!” Gritou o tenente.

Eu rapidamente estendi meu braço de volta em posição. Ao meu lado, Rita Vrataski, com a expressão desinteressada de alguém que nunca teve necessidade de contato humano durante toda a sua vida, continuou sua prancha isométrica.

O TFM terminou menos de uma hora depois. O general, esquecendo o gosto de bile em sua boca, retornou ao quartel sem mais instruções. A 17ª Companhia passou uma produtiva tarde de pré-batalha.

Não aconteceu do jeito que me lembrava. No meu sonho, nunca fiz contato visual com a Rita, e ela não tinha se juntado ao TFM. Talvez eu estivesse pensando demais, mas eu diria que ela fez isso apenas irritar o general. Ela poderia apenas querer saber como era essa tal de prancha isométrica. Talvez estivesse apenas curiosa.

Entretanto, uma coisa é certa. Rita Vrataski não era a vadia que todos diziam ser.

4

“E ontem à noite, hein? Aquela merda foi foda.”

“Você que está dizendo.”

“Com aqueles reflexos, aquela garota deve estar escondendo molas naquele corpo pequeno.”

“Se ela ouvir você falando assim… melhor tomar cuidado.”

“Quem não gosta de um elogio? Estou apenas dizendo que ela era boa.” Enquanto falava, Yonabaru levantou seus quadris. Ver alguém se

mover daquela forma em um Jacket era hilário.

Nosso pelotão estava na ponta norte da Ilha Kotoiushi, esperando a hora da emboscada, Jackets em modo de espera. Uma tela de cerca de meio metro de altura estava na nossa frente, projetando uma imagem do terreno. É o que eles chamam de camuflagem ativa. Supostamente nos tornava indetectável mesmo se um inimigo nos encarasse diretamente. Claro, poderíamos simplesmente ter usado uma pintura. O terreno tinha sido bombardeado, não importa em que direção você olhasse, veria apenas o mesmo deserto assolado.

Na maioria das vezes, os Mimics espreitavam em cavernas que se torciam profundamente sob o leito do mar. Antes de um ataque terrestre, disparávamos bombas anti-bunkers[10] que penetravam no solo antes de detonar. *Engulam essa.* Cada uma dessas belezinhas custou mais do que eu conseguiria juntar em toda a minha vida. Mas os Mimics tinham uma estranha maneira de evitar as bombas. Estranho o suficiente para fazer você se perguntar se eles estavam recebendo uma cópia dos nossos planos de ataque com antecedência. Em teoria, podemos ter superioridade aérea, mas acabamos em uma guerra terrestre prolongada de qualquer forma.

Como o nosso pelotão fazia parte de uma emboscada, não estávamos usando os canhões de alto calibre que eram cada um do tamanho de um carro pequeno totalmente montado. O que tínhamos eram rifles de 20mm, granadas de ar de combustível, pile drivers e bazuca carregadas com três rodadas cada. Uma vez que era o pelotão de Ferrell, estávamos todos nos comunicando com ele. Olhei para o display do Jacket. Estava vinte e oito graus Celsius. A pressão de 1014 milibar. A força de ataque principal estaria em movimento a qualquer instante.

Ontem à noite, depois daquele infindável TFM, eu decidi ir à festa. Não era o que me lembrava de ter feito no sonho, mas eu realmente não estava com vontade de reler o livro. A parte sobre ajudar Yonabaru chegar até o beliche depois de tropeçar trás do quartel continuou igual.

Boatos rondavam o pelotão de que a namorada de Yonabaru também operava um Jacket. Com exceção das Forças Especiais, homens e mulheres lutam em pelotões separados, então nós não a veríamos no campo de batalha de qualquer maneira.

“Se… e eu estou apenas falando… mas se um de nós for morto…” Arrisquei.

“Eu me sentiria uma merda.”

“Mas ainda nos veríamos de qualquer maneira.”

“O paraíso não é um banco suíço, não dá para esconder dinheiro em

alguma conta secreta lá em cima e esperar o retorno, você tem que fazer o que puder antes de ir para a batalha, essa é a primeira regra de um soldado."

"*Yeah*, eu acho."

"Mas estou te dizendo, você tem que dar uns pegas em alguém antes de ir. Carpe diem, irmão."

"Carpe alguma coisa."

"E quanto a Mad Wargarita?" Vocês estavam conversando durante o TFM, certo? Você daria uns pegas nela, eu sei que daria."

"Nem chegaria nela."

"Baixinha como ela é — aposto que ela é selvagem por dentro. Quanto menor melhor elas fodem, você sabe."

"Mostre algum respeito."

"Sexo não tem nada a ver com o respeito, desde o peão até o Rei, todo mundo quer se enfiar entre umas pernas. Tudo o que estou dizendo é que é assim que evoluímos —"

"Só cala a porra dessa boca." Eu disse.

"Isso é maneira de falar comigo na frente do sargento? Estou magoado, sou muito sensível, só estou falando merda para distrair a cabeça, assim como todo mundo."

"Ele tem razão", mais alguém entrou no link de comunicação.

"Ei, eu não tenho vez?"

Era como se todos do pelotão estivessem esperando essa deixa. Todo mundo começou a falar de uma vez.

"Eu vou ter que apoiar Yonabaru."

"Eu coloquei esta coisa para bloquear suas piadas, então pare de gastar sua voz."

"Parece que Kiriya vai ter que intensificar o treinamento se ele não quer que Yonabaru faça ele ficar puto tão fácil."

"Senhor, acho que preciso reiniciar meu Jacket, senhor! Não quero que ele caia durante a batalha!"

"Ah cara, eu mataria por um cigarro. Devo ter esquecido em meu outro Jacket."

"Eu pensei que você parasse de fumar?"

"*Ei*, falem baixo! Estou tentando dormir um pouco!"

E assim foi. Uma conversa descontrolada no link de comunicação, como se fosse um chat na Internet. Tudo o que Ferrell podia fazer era suspirar e balançar a cabeça.

Quando você está tão nervoso que já não tem mais unhas para roer, pensar em algo que gosta ajuda a aliviar a pressão. Eles também nos

ensinaram isso no treinamento. Claro, você tem um bando de animais como estes juntos, praticamente a única coisa que eles conseguem pensar é sexo. Havia apenas uma garota em quem poderia pensar, minha doce e pequena bibliotecária cujo rosto eu mal podia me lembrar. Quem saberia o que ela estava fazendo. Fazia meio ano que estava casada. Ela provavelmente já estaria grávida. Me alistei logo depois que me formei no colégio e ela quebrou meu coração. Eu não acho que as duas coisas estão relacionadas. Quem pode dizer?

Eu me alistei pensando que eu poderia fazer alguma diferença neste mundo fodido, apostando minha vida na batalha e vendo como o destino me tratava. Cara, eu era inocente. Acontece que minha vida nem vale o suficiente para comprar uma dessas bombas caras e as cartas que o destino me entregou nem fazem sentido.

"Que se foda. Se não vamos cavar trincheiras, não podemos pelo menos sentar?"

"Não dá para se esconder cavando trincheiras."

"Esta camuflagem ativa não vale nada. Quem pode dizer que eles não enxergam melhor do que nós? De qualquer forma, eles não deveriam ser capazes de ver os helicópteros de ataque e mesmo assim os derrubam. Isso é um inferno."

"Se eu der de cara com o inimigo, certeza que vou fazer um exame de vista nele."

"Eu ainda acho que a trincheira é a maior invenção da humanidade."

"Você pode cavar todas as trincheiras que quiser quando a gente voltar. Eu dou as ordens."

"Não é assim que torturam prisioneiros?"

"Pago uma pensão para o homem que inventar uma forma de apertar o seu — merda, começou! Não deixem eles estourarem suas bolas, senhores!" Gritou Ferrell.

O ruído da batalha preencheu o ar. Eu podia sentir o estremecimento das cascas distantes se explodindo.

Volto minha atenção para Yonabaru. Depois do que aconteceu no TFM, talvez o meu sonho fosse apenas um sonho, mas se Yonabaru morresse ao meu lado no início da batalha, eu nunca me perdoaria. Repassei os acontecimentos do sonho na minha cabeça. O dardo tinha vindo a duas horas[11]. Ele tinha perfurado a tela de camuflagem, deixando-a em farrapos, tudo cerca de um minuto após a batalha começar, é tudo ou nada.

Enrijeci meu corpo, pronto para ser derrubado a qualquer momento.

Meus braços tremiam. Uma coceira surgiu nas minhas costas. Umas

rugas no interior do meu traje me incomodavam.

O que eles estão esperando?

A primeira rodada não atingiu Yonabaru.

O tiro que deveria tê-lo matado me acertou desta vez. Eu não tive tempo de mover um milímetro. Nunca vou esquecer a visão daquele dardo voando direto para mim.

5

O livro que eu estava lendo se encontrava ao lado do travesseiro.

Era um romance de mistério sobre um detetive americano que era algum tipo de especialista no Oriente. Eu estava com meu dedo indicador encaixado em uma cena onde todos os jogadores chaves se encontram para o jantar em um restaurante japonês em New York.

Sem me levantar, olho cuidadosamente ao redor do quartel. Nada tinha mudado. A garota de biquíni ainda tinha a cabeça do primeiro ministro. O rádio ainda tocava do beliche superior. Do túmulo, um cantor nos aconselhou a não chorar por um amor perdido. Depois de esperar para ter certeza de que o DJ leria o relatório do tempo, eu me sentei.

Mudei de apoio quando me sentei na beira da cama.

Apertei meu braço o mais forte que pude. O ponto em que apertei começou a ficar vermelho. Doeu para caralho. As lágrimas borravam minha visão.

“Keiji, assina isso.”

Yonabaru esticou o pescoço do beliche superior.

“…”

“O quê? Ainda está dormindo?”

“Não. Você precisa da minha assinatura?”

Yonabaru desapareceu.

“Se importa se eu perguntar algo um pouco estranho?”

“O quê? Só preciso que você assine na linha pontilhada.” Sua voz veio de cima da cama. “Não precisa escrever mais nada, nenhum desenho

engraçado do tenente nas costas nem nada.”

“Porque eu faria isso?”

“Não sei, foi o que eu fiz na primeira vez que assinei.”

“Não comece a comparar — ah, esquece. O que eu queria perguntar era, o ataque é amanhã, certo?”

“Claro, eles não mudam esse tipo de coisa.”

“Você nunca ouviu falar de alguém revivendo o mesmo dia outra vez, já?”

Houve uma pausa antes dele responder. “Você tem certeza de que está acordado? O dia depois de ontem é hoje, depois de hoje é amanhã, se não funcionasse assim, nunca chegariam ao Natal ou o Dia dos Namorados, então estaríamos fodidos, ou não…”

“Okay, certo.”

“Escuta, não tem nada demais na operação de amanhã.”

“…Certo.”

“Pense demais nisso e você vai se sobrecarregar — vai acabar perdendo a cabeça antes mesmo que eles tenham a chance de explodir seu cérebro.”

Olhei fixamente para a tubulação de alumínio da moldura da cama.

Quando eu era criança, a guerra contra os Mimics já tinha começado. Em vez de cowboys e índios ou polícia e ladrão, nós lutamos contra alienígenas usando armas de brinquedo que dispararam balas de plástico com mola. Elas picavam um pouco quando batiam, mas era só isso. Mesmo de perto, elas mal machucavam. Sempre banquei o herói, levando o tiro pela equipe. Eu ia corajosamente na linha de fogo, tomando uma bala atrás da outra. Dava um pequeno salto a cada sucesso, realizando uma dança interpretativa improvisada. Eu era muito bom nisso. Inspirado pela morte do herói, seus companheiros lançariam um contra-ataque ousado. Com seu nobre sacrifício, garantiria a salvação da humanidade. A vitória seria declarada, e as crianças que eram os vilões voltariam para o lado humano e todos iriam comemorar. Não havia nenhum jogo como esse.

Fingir ser um herói morto em batalha era uma coisa. Morrer como herói em uma guerra real era outra. À medida que envelhecia, compreendia a diferença e sabia que não queria morrer. Nem mesmo em um sonho.

Em alguns pesadelos você não pode acordar, não importa quantas vezes tente. Eu, eu estava preso em um pesadelo, e não importa quantas vezes acordasse, ainda estava preso. Saber que estava preso em um loop que não poderia sair foi a pior parte de tudo. Eu lutei contra o pânico.

Mas isso estava realmente acontecendo comigo de novo?

O mesmo dia que eu já vivi duas vezes estava se desdobrando novamente ao meu redor. Ou talvez fosse tudo um pesadelo, afinal. Claro que as coisas estariam acontecendo do jeito que eu me lembrava delas. Estava tudo na minha cabeça, então por que não?

Isso era ridículo. Apertei o colchão.

Eu tinha sonhado com aquele ponto negro voando para mim? O dardo que estilhaçou meu peitoral e me perfurou era coisa da minha cabeça? Se eu tivesse imaginado o sangue e a tosse de pedaços de pulmão?

Deixe-me dizer o que acontece quando seus pulmões são esmagados. Você se afoga, não na água, mas no ar. Respire o quanto quiser, pulmões esmagados não podem passar o oxigênio que seu corpo precisa na corrente sanguínea. Todos ao seu redor, seus amigos estão respirando sem pensar duas vezes, enquanto você se afogar sozinho em um mar de ar. Eu nunca soube disso até que aconteceu comigo. Nunca tinha ouvido falar sobre isso. Definitivamente não inventei isso. Realmente aconteceu.

Não importa se eu nunca contar a ninguém, já que ninguém acreditaria em mim. Ainda assim seria verdade. A sensação que se fixou em minha mente era prova suficiente disso. A dor que dispara através do seu corpo como um raio, pernas tão malditamente pesadas que parece que foram recheadas com sacos de areia, um terror tão forte que esmaga seu coração — que não vem da imaginação e dos sonhos. Eu não tinha certeza sobre como era possível, mas eu tinha sido morto. Duas vezes. Sem dúvida.

Eu não me importava de ouvir Yonabaru contar uma história que já tinha ouvido antes. Inferno, faria isso dez vezes, cem, quanto mais, melhor. Nossas rotinas diárias eram todas preenchidas com a mesma merda repetitiva. Mas voltar para a batalha? Não, obrigado.

Se eu ficasse aqui, seria morto. Se morria antes ou depois de Yonabaru não importava. Não havia jeito de sobreviver ao tiroteio. Tinha que ir embora. Tinha que estar em qualquer lugar, menos aqui.

Até os santos têm limites para sua paciência, e eu não era santo. Nunca fui um para acreditar cegamente em Deus, Buda, qualquer uma dessas merdas, mas se alguém lá em cima me deu uma terceira chance, eu não iria jogar ela no lixo. Se me sentasse aqui olhando para o beliche de cima, o único futuro que eu teria era ir para o saco. Se não quisesse morrer, tinha que me mover. *Mover primeiro, pensar depois.* Assim como nos ensinaram no treinamento.

Se hoje fosse uma repetição de ontem, Ferrell estaria aqui a qualquer

minuto. A primeira vez que ele apareceu eu estava tirando o lixo, na segunda, eu estava conversando com Yonabaru. Depois disso, iríamos para uma ridícula sessão de TFM e voltaríamos exaustos. Isso me fez pensar. Todos no 17º Blindado estariam naquele TFM. Não só isso, todos os outros na base com o tempo em suas mãos seriam reunidos em torno do campo para assistir. Não poderia pedir uma chance melhor para escapar da base. Considerando o quão cansado ficaria após o treino, era a única chance que eu provavelmente teria.

Me machucar provavelmente vai ser o suficiente. Eles não enviariam um soldado ferido para TFM. Eu precisava de uma lesão que parecesse ruim o suficiente para me tirar do TFM, mas nada tão ruim para me incapacitar. Um homem com até mesmo uma ferida rasa na cabeça jorraria sangue como um porco no abate. Foi uma das primeiras coisas que nos ensinaram em Primeiros Socorros. Na época, me perguntava de que merda ia servir os primeiros socorros depois que um dardo Mimic cortar sua cabeça fora, mas acho que você nunca sabe quando um pedaço de conhecimento vai servir para alguma coisa. Tinha que fazer isso logo.

Porra! Eu tinha um dia inteiro para repetir, mas não tinha tempo suficiente quando mais precisava. Aquele sargento estúpido estava a caminho. *Rápido! Rápido!*

“O que é todo esse barulho aí em baixo?” Yonabaru perguntou casualmente.

“Tenho que sair por um minuto.”

“Espera aí! Ei! Preciso da sua assinatura!”

Eu mergulhei no espaço entre os beliches sem sequer me preocupar em amarrar meus sapatos. Batido de concreto sob meus pés, me virei imediatamente antes de esbarrar no cartaz da moça no maiô. Passei pelo cara com a revista pornô deitado em sua cama.

Eu não estava indo para qualquer lugar em particular. Minha prioridade era me certificar que eu não daria de cara com Ferrell. Tinha que ir para algum lugar fora de vista onde eu poderia me machucar e então aparecer coberto de sangue mais ou menos quando Yonabaru e Ferrell estivessem terminando a conversa. Para um plano que tive que criar na hora, não era muito ruim.

Merda. Devia ter trazido a faca de combate que guardava debaixo do travesseiro. Era inútil contra Mimics, mas para abrir latas ou cortar madeira ou pano, era algo que qualquer soldado que se respeitasse deveria ter. Me cortei com aquela faca mil vezes durante o treino. Não teria tido qualquer dificuldade em cortar a cabeça com ela.

Tinha conseguido sair da entrada do quartel e queria colocar tanto espaço entre mim e o QG quanto fosse possível. Deixei minha velocidade relaxar enquanto dobrava a esquina do prédio.

Havia uma mulher ali. Timing terrível.

Ela grunhiu enquanto empurrava um carrinho empilhado com batatas. Eu a conhecia: Rachel Kisaragi, uma civil da Cafeteria No. 2. Uma bandana branca como a neve, bem dobrada em um triângulo, cobria seu cabelo ondulado preto. Ela tinha pele saudável e bronzeada e seios maiores do que a média. Sua cintura era estreita. Dos três tipos de mulheres que a raça humana vangloriava — a gostosa, a caseira e as gorilas que você não podia fazer nada a não ser enviar para o exército — eu a colocaria na categoria gostosa sem nem piscar.

Em uma guerra que já durava vinte anos, não havia dinheiro suficiente para que todo o pessoal de apoio militar fosse empregado do governo. Mesmo em uma base nas linhas de frente, eles preencheram o maior número possível de papéis não-combatentes com civis. A Dieta[12] já havia debatido a possibilidade de entregar ao setor privado o transporte de armamento de guerra em zonas não-combatentes. As pessoas brincavam que, nesse ritmo, não demoraria muito para que eles terceirizassem a luta para os civis e acabassem logo com tudo isso.

Ouvi dizer que Rachel era mais nutricionista do que cozinheira. A única razão pela qual a reconheci era que Yonabaru estava atrás da sua saia antes de se comprometer com a namorada atual. Aparentemente ela não gostava de caras que eram muito atirados, o que praticamente descartou Yonabaru.

Eu sorri com esse pensamento e uma montanha de batatas bateu em mim. Desesperadamente, coloquei o meu pé direito para retomar o equilíbrio, mas deslizei em uma das batatas e caí de bunda. Uma avalanche de batatas golpeou meu rosto, uma após a outra, como socos ansiosos de um boxeador novato em seu caminho para o campeonato mundial de pesos pesados. O carro de metal entregou o golpe de final, um de direita bem naquele lugar.

Desmoronei no chão com um baque suficientemente forte para se parecer com uma granada de ar. Passou um tempo até eu poder respirar.

“Você está bem?”

Eu gemi. Pelo menos parecia que nenhuma das batatas tinha atingido Rachel.

“Eu… acho que sim.”

“Desculpe por isso, não consigo ver onde estou indo quando estou empurrando essa coisa.”

“Nah, não é culpa sua, eu saltei bem na sua frente.”

“Ei, eu não te conheço?” Rachel, com seus olhos verdes, me olhou com pena.

Um sorriso envergonhado se espalhou pelo meu rosto. “Parece que nos encontramos de novo…”

“Eu sabia, você é o novo recruta do 17º.”

“Sim. Desculpe por todos os problemas”, eu disse. Uma batata rolou da minha barriga.

Com uma mão no quadril, Rachel examinou o dano. Suas delgadas sobrancelhas se afundaram. “Não poderia ter se espalhado mais mesmo que você tentasse.”

“Desculpa.”

“É culpa delas por serem tão redondas.” Ela arqueou as costas um pouco para que seu peito se estendesse. Era difícil de ignorar.

“É… acho que sim.”

“Você já viu batatas tão redondas assim?”

Eu não tinha. Nem entre as espalhadas pelo chão.

“Não deveria levar tanto tempo para juntá-las se você ajudar.”

“Não — quero dizer, sim.”

“Qual dos dois?”

O relógio estava passando. Se eu não saísse daqui agora, estaria morto amanhã. Não tinha tempo para ficar pegando batatas — ou o que quer que fosse. Mas outra coisa estava me atrasando, a atração que eu sentia por esta garota desde a primeira vez que a conheci, logo após minha chegada na base.

Me sentei no chão, parando e fingindo estar com dor.

Eu estava prestes a dar minha resposta quando ouvi o som de passos precisamente medidos se aproximando por trás.

“O que você está fazendo?” Veio um rosnado como um cão das portas do Inferno. Ferrell.

Ele tinha aparecido na esquina do quartel e agora estava examinando as batatas espalhadas pelo concreto com desaprovação.

“*Eu*-eu estava empurrando meu carrinho, e —”

“Foi você que fez isso, Kiriya?”

“Senhor, sim senhor!” Eu me levantei. Uma onda de vertigem me invadiu. Ele revirou os olhos e fixou seu olhar em mim.

“*S*-Senhor?”

“Você está ferido, me deixa ver.”

“Não é nada, estou bem.”

Ferrell se aproximou e tocou minha cabeça, bem na borda do cabelo.

Uma dor aguda atravessou meu couro cabeludo. Seus dedos como salsicha abriram a ferida. O sangue quente jorrou da minha testa como a batida de uma banda de rock invisível. O córrego escorreu preguiçosamente pelo lado do meu nariz, tocou o canto da minha boca, em seguida, se pendurou brevemente na ponta do meu queixo até que um gotejamento regular começou. Uma rosa de sangue fresco floresceu no concreto. O cheiro forte de ferro encheu minhas narinas. Rachel ofegou.

"*Hrmm*, ótimo, uma ferida limpa, em que você bateu?"

Rachel se intrometeu. "Meu carrinho caiu, desculpe."

"Foi assim que aconteceu?"

"Na verdade, fui eu que esbarrei nela, mas sim, foi isso mesmo."

"Bem, não é tão ruim quanto parece, você vai ficar bem." Disse Ferrell, dando uma palmada na parte de trás da minha cabeça. Um spray de sangue voou da minha testa, manchando minha camisa. Me deixando onde estava, ele caminhou até a esquina do quartel e gritou, alto o suficiente para assustar as cigarras das paredes, "Yonabaru! Traga a sua bunda até aqui!"

"Há alguma coisa que um soldado precisa fazer? Estou aqui para… Oh, bom dia Rachel, sargento, outro belo dia de serviço, eu creio? Então, bem, parece nasceram batatas do concreto."

"Feche essa boca e traga alguns homens aqui para pegar isto."

"Quem, eu?"

"Bem, ele não vai pegar nada, vai?" Ferrell acenou com a cabeça na minha direção.

Yonabaru ficou boquiaberto. "Cara, o que te bateu? Parece que você foi para o ringue com um irlandês de quinhentos quilos." Ao sargento: "Espere, isso significa que Keiji foi quem derrubou tudo isso?" Comigo de novo: "Que forma merda de começar o dia e arruinar a manhã de um cara."

"Qual é o problema, não quer ajudar?"

"Não seja tolo, por você eu pegaria qualquer coisa, batatas, abóboras, minas terrestres —"

"Chega! Há alguém neste resto de pelotão cuja cabeça não está enfiada no cu?

"Isso dói Sargento, você vai ver, trarei os homens mais trabalhadores do 17º."

"Kiriya, pare de ficar por aí parado como um espantalho e arrasta essa bunda até a enfermaria! Você está dispensado do TFM de hoje."

"TFM, quem disse alguma coisa sobre o TFM?"

“Eu disse. Alguém se afundou até o joelho em merda de porco no PX ontem à noite. Isso pode não ter nada a ver com você, mas mesmo assim, às onze e nove, você vai se reunir no Campo de Treinamento Nº 1 em seu equipamento de quarta camada para Treinamento Físico.”

“Você tem que estar brincando! Nós vamos para a batalha amanhã, e você está nos mandando para o TFM?”

“Isso é uma ordem, cabo.”

“Senhor, vamos reportar ao Campo de Treinamento Nº 1 com 900 equipamentos, senhor!” Mas uma coisa, Sargento. Nós fizemos aquela invasão de licor por anos. Porque nos pararam agora?”

“Você realmente quer saber?” Ferrell revirou os olhos.

Deixando a conversa que já ouvi antes, fugi para a enfermaria.

6

Eu estava parado no portão que separava a base do mundo exterior. O guarda que verificou minha ID levantou suas sobrancelhas duvidosamente.

Havia uma camada extra de segurança na base graças à visita dos soldados dos EUA. Embora os japoneses supervisionassem a segurança de base, o equilíbrio de poder com os EUA os impedia de interferir em qualquer questão sob a jurisdição americana. Felizmente, a segurança dos EUA não tinha nenhum interesse em alguém que não era um deles.

Sem apresentar um requerimento ao comandante, Keiji Kiriya não poderia deixar a base. Mas os soldados americanos podiam ir e vir como quisessem, e tudo o que tinham de fazer era mostrar um ID. Todo mundo usava o mesmo portão, então se o guarda é americano, ele pode me deixar passar, sem perguntas. Tudo o que se importavam era em manter os indesejáveis longe de seu precioso esquadrão das Forças Especiais. Um recruta tentando desertar não iria chamar a atenção.

O guarda não devia ter visto muitos cartões de identificação japoneses, pois olhou para o meu por um longo tempo. A máquina que verifica *IDs* apenas registra quem passa pelo portão. Não precisa entrar

em pânico. Por que mudariam o sistema no dia anterior a um ataque? Os músculos do meu abdômen ficaram tensos. O guarda estava olhando para trás e para frente, alternando entre eu e o cartão, comparando a imagem borrada com o meu rosto.

O corte queimado na minha têmpora. O cirurgião que cuidou de mim na enfermaria me deu três pontos sem qualquer analgésico. Agora estava mandando pontadas de dor através de meu corpo. Os ossos do meu joelho rangiam.

Eu estava desarmado. Sentia falta de minha faca, quente e confortável sob o meu travesseiro. Se tivesse isso comigo, eu poderia imobilizar esse cara com um *half nelson**[13]* e — pensar assim não iria me levar a lugar nenhum. Estiquei minhas costas. *Tenho que ficar calmo.* Se ele olhar para você, olhe de volta.

Reprimindo um bocejo, o guarda apertou o botão para abrir o portão. A porta para a liberdade estava aberta.

Me virei lentamente para olhar para trás quando passei pela barra amarela. Lá, à distância, estava o campo de treinamento. A brisa do mar, pesada com o cheiro do oceano, soprou pelo campo em direção ao portão. No outro lado da cerca, os soldados do tamanho das formigas realizavam agachamentos diminutos e em miniatura. Eram os soldados com quem eu tinha comido e treinado. Eram meus amigos do 17º. Suprimi a nostalgia que se erguia dentro de mim. Caminhei, sem pressa, o vento úmido soprando contra meu corpo. *Continue andando até que você esteja fora da vista do guarda. Não corra. Só um pouquinho mais.* Dobrei a esquina. Disparei a correr.

Quando comecei a correr, não parei.

Eram quinze *klicks[14]* da base a Tateyama, um distrito próximo. Mesmo se fizesse uma rota longa, daria no máximo vinte *klicks*. Uma vez estivesse lá, eu poderia mudar minhas roupas e pegar os suprimentos que eu precisava. Não poderia arriscar trens ou a estrada, mas uma vez que eu chegasse na cidade de Chiba eu estaria livre. Nem o exército nem a polícia revistariam os shoppings subterrâneos e as favelas de lá.

Foram cerca de oito horas até a reunião do Esquadrão 1830. Provavelmente quando descobriram que eu estava desertando. Não sei se eles enviariam carros ou helicópteros atrás de mim, mas ao anoitecer, planejo ser apenas mais um rosto na multidão. Lembro-me do treinamento que fizemos no sopé do Monte Fuji. Sessenta quilômetros em plena marcha. Cruzar a península do Boso em meio dia não seria um problema. No momento em que a batalha começasse amanhã, já estaria longe dos dias que se repetem e das mortes brutais com as quais eles se

encerram.

O sol pairava alto no céu, me banhando com uma luz ofuscante. Armas automáticas de cinquenta e sete milímetros cobertas em lonas brancas ao longo do paredão com intervalos de cem metros entre cada. Raias vermelho-marrons de ferrugem manchavam as antigas placas de aço da base. As armas haviam sido instaladas ao longo de todo o litoral quando os Mimics chegaram ao continente.

Na infância, quando pus os olhos nessas armas, pensei que eram as coisas mais legais que já tinha visto. O acabamento preto de seu aço dava uma sensação irracional de confiança para mim. Agora que vi a batalha real, sabia com toda certeza que armas como estas nunca poderiam repelir um ataque dos Mimics. Essas armas se moviam como os dinossauros que eram. Jamais poderiam ter esperança de parar um ataque de Mimic. Que piada.

Eles ainda tinham equipes atribuídas para elas que as inspecionava uma vez por semana. A burocracia ama o desperdício.

Talvez a humanidade fracasse.

O pensamento veio do nada, mas não consegui esquecê-lo.

Quando disse aos meus pais que tinha me alistado, eles quiseram que eu me juntasse à Guarda Costeira. Disseram que eu ainda teria chance de lutar mesmo sem entrar em batalha. Estaria executando a tarefa vital de defender as cidades onde as pessoas trabalhavam e viviam.

Mas não queria lutar contra os Mimics para salvar a humanidade. Já vi o bastante disso nos filmes. Poderia gastar meus dias procurando esse desejo que nunca iria encontra-lo. O que encontrei, em vez disso, foi um quebra-cabeças que não dava para resolver, não importa quantas vezes tentasse. Algo enterrado sob uma pilha de peças que não se encaixavam. Isso me irritou.

Eu era fraco. Não consegui nem fazer com que a mulher que eu amava — a bibliotecária — me olhasse nos olhos. Pensei que a maré da guerra me mudaria, me transformaria em algo que funcionasse. Posso ter me enganado em acreditar que encontraria a última peça do quebra-cabeça que precisava para completar Keiji Kiriya no campo de batalha. Mas nunca quis ser um herói, amado por milhões. Nem por um minuto. Se pudesse convencer os poucos amigos que tenho que eu era alguém que poderia fazer algo neste mundo, que poderia deixar uma marca, não importa quão pequena, já seria o suficiente.

E olhe onde isso me levou.

O que meio ano de treinamento fez comigo? Agora possuo um

punhado de habilidades que não eram boas para merda nenhuma em batalha e um abdômen definido. Eu ainda sou fraco e o mundo ainda está fodido. *Mãe, pai, desculpa. Demorei tanto tempo para perceber o óbvio. Irônico que fugi do exército antes de perceber isto.*

A praia está deserta. A Guarda Costeira deve ter se ocupado evacuando este lugar nos últimos seis meses.

Depois de pouco menos de uma hora de corrida, cheguei na beira do paredão. Corri cerca de oito quilômetros, cobrindo metade do caminho para Tateyama. Minha camisa estava escura de suor. A gaze enrolada ao redor da minha cabeça estava se soltando. Uma brisa suave do mar — refrescante depois do vento quente que varria a base — acariciou a parte de trás do meu pescoço. Se não fosse pelas metralhadoras, objetos roubados de algum anime esquecido há muito tempo, se intrometendo no mundo real, teria sido a própria imagem de um resort tropical.

A praia estava repleta de cascas de fogos de artifício — o tipo bruto que você lança com um tubo de plástico. Ninguém seria louco o suficiente de chegar tão perto de uma base militar para disparar fogos de artifício. Eles devem ter sido deixados por algum bastardo tentando avisar os Mimics sobre o ataque à Península de Boso. Havia ativistas anti guerra por aí que estavam convencidos de que os Mimics eram criaturas inteligentes, e estavam tentando abrir uma linha de comunicação com eles. *A democracia não é ótima?*

Graças ao aquecimento global, toda esta faixa de praia estaria abaixo do nível do mar quando a maré subisse. Ao anoitecer, esses malditos fogos seriam lavados pelo mar e esquecidos. Ninguém jamais saberia. Chutei um dos tubos o mais forte que pude.

“Ora, o que é isso? Um milita?”

Eu me virei.

Fazia tempo que não ouvia falar japonês. Estava tão perdido em meus pensamentos, não sabia que alguém tinha vindo atrás de mim.

Duas figuras, um homem idoso e uma menininha, estavam em cima do aterro. A pele do homem velho brilhava oleosa. Em sua mão esquerda, agarrava uma lança de metal de três pontas, como a de um conto de fadas. *O que ele está fazendo com um tridente?* A menina — que tinha idade para estar na escola primária — apertou sua mão direita firmemente. Se escondendo atrás da perna do homem, a menina olhou para mim sem sobressalto sob seu chapéu de palha. O rosto debaixo do chapéu era muito branco para ter passado muito tempo cozinhando sob o sol.

“Lamento num ser um conhecido.”

“Sou da base de Flower Line.” Droga! Minha boca é mais rápida que meu cérebro.

“Ah!”

“O que, eh, traz vocês dois aqui?”

“Os peixe num querem ser pescado, então nóis tá indo pra Tóquio”.

“O que aconteceu com a Guarda Costeira?”

“Dizem que os bicho venceram em Okinawa. Essas *corvinas[15]* tão em toda parte. Se o exército cuidá deles, a gente vai vivê mais tranquilo.”

“Sim.” *Corvina* era obviamente uma gíria local para Mimics.

Pessoas comuns nunca tiveram a chance de ver um Mimic com seus próprios olhos. Na melhor das hipóteses, eles vislumbravam um cadáver apodrecido na praia, ou talvez um que foi pego em uma rede de pesca e morreu. Mas tudo o que restaria seria uma casca vazia. É por isso que muitas pessoas pensavam Mimics eram algum tipo de criatura marinha.

Eu só entendi cerca de 70 por cento do que o velho disse, mas ouvi o suficiente para saber que a Guarda Costeira tinha saído da área. Nossa derrota em Okinawa deve ter sido mais séria do que eu pensava. Ruim o suficiente para que eles juntassem nossas forças na linha de Uchibo. Todos tinham sido redistribuídos com foco em grandes cidades e áreas industriais.

O velho sorriu e assentiu. A menina o observava com os olhos arregalados como pires, testemunha de um espetáculo raro. Ele colocou muita esperança nas tropas da UDF estacionadas na Flower Line. Não que eu tivesse me alistado para defendê-lo ou qualquer outra pessoa. Ainda assim, me senti mal.

“Cê num tem um tabaco aí não, filho? Desde que os milita se foram, num vi mais nenhum.”

“Desculpe, não fumo.”

“Então num se preocupa não.” O velho olhou para o mar.

Não havia muitos soldados na Infantaria Armada que sofressem de dependência à nicotina. Provavelmente porque você não pode fumar durante a batalha, quando você mais precisa.

Fiquei em silêncio. Não queria fazer nem dizer nada estúpido. Não podia deixá-lo descobrir que eu era um desertor. Eles matam desertores. Escapar dos Mimics apenas para ser morto pelo exército não fazia muito sentido.

A menina puxou a mão do velho.

“Ela cansa muito fácil, mas tem uns olho bom. Se tivesse nascido menino, ia ser um pescador dos bom.”

“Sim.”

“Só mais uma coisinha antes da gente ir embora… Nunca vi umas coisa assim… corri lá de casa o mais rápido que deu e te achei aqui … O quê que é isso? Tem a ver com as *corvina*?” Ele levantou o braço.

Meus olhos seguiram seus dedos quando ele apontou. A água ficou verde. Não o verde esmeralda que você veria na costa de alguma ilha no Pacífico Sul, mas um verde espumante e turvo, como se um petroleiro cheio de sorvete de chá verde tivesse encalhado e derramado sua carga para na baía. Um peixe morto flutuava nas ondas, uma mancha prateada brilhante.

Reconheci aquele verde. Vi isso nos monitores durante o treinamento. Os Mimics comiam terra, assim como minhocas. Mas ao contrário das minhocas, o solo que passa através de seus corpos e excretado era tóxico. A terra de que os Mimics se alimentavam morria e se transformava em deserto. Os mares ficavam verdes.

“Num é como as maré vermelha que já vi.”

Um grito agudo encheu o ar. Minha cabeça reagiu a esse som familiar.

Com as sobrancelhas ainda enrugadas, a cabeça do velho traçava um arco enquanto navegava pelo céu. Os pedaços quebrados de sua mandíbula e pescoço pintavam o chapéu de palha da menina de vermelho vívido. Ela não percebeu o que aconteceu. Um dardo sai do corpo de um Mimic a duzentos metros por segundo. O crânio do velho saiu voando antes que o som do dardo chegasse até nós. Ela lentamente olhou para cima.

Uma segunda rajada cortou o ar. Antes que seus grandes e escuros olhos pudessem ver a morte de seu avô, o dardo a rasgou, um ato nem de misericórdia nem de desgosto.

Seu pequeno corpo foi obliterado.

Abalado pela explosão, o corpo sem cabeça do velho balançou. Metade do seu corpo estava manchado de um escarlate profundo. O chapéu de palha girou no vento. Meu corpo retrocedeu. Eu não conseguia me mexer.

Um cadáver inchado de rã estava à beira da água.

Esta costa estava definitivamente dentro do perímetro de defesa da UDF. Não ouvi relatos de barcos da patrulha sendo afundados. A base adiante estava viva e bem. Não poderia haver Mimic aqui. Uma afirmação de que os dois cadáveres deitados ao meu lado certamente teriam contestado, se pudessem. Mas eles estavam mortos, bem diante dos meus olhos. E eu, sua única esperança para a defesa, acabei de abandonar a única unidade militar na área capaz de impedir essa invasão.

Estava desarmado. Minha faca, minha arma, minha Jacket — tudo estava na base. Quando atravessei aquele portão há uma hora, deixei minha única esperança de defesa para trás. Trinta metros para a arma mais próxima de 57mm. Dentro da distância de funcionamento. Eu sabia como atirar uma dessas, mas ainda tinha a lona para tirar. Nunca daria tempo. Insiro meu cartão de identificação na plataforma, digito meu código de acesso, alimento um cinto de munição, solto a alavanca de bloqueio de rotação ou não se moveria para eu mirar, subo no assento, o punho da manivela está enferrujado — Foda-se. *Atira, filho da puta! Atira!*

Eu conhecia o poder de um Mimic. Eles pesam várias vezes mais do que uma Jacket. Estruturalmente tinham muito em comum com uma estrela-do-mar. Havia um endoesqueleto apenas abaixo da pele, e precisa de munição de 50mm ou mais para perfura-los. Eles não se contêm apenas porque um homem está desarmado. Eles te perfuram sem hesitar.

"Foda-se."

O primeiro dardo atravessou minha coxa.

O segundo abriu uma ferida nas minhas costas.

Eu estava muito ocupado tentando manter os órgãos que caíam para notar o terceiro.

Eu apaguei.

7

O livro que eu estava lendo se encontrava ao lado do travesseiro. Yonabaru estava contando o pacote de confissões no beliche superior.

"Keiji, assina isso."

"Cabo, você tem uma arma reserva, não tem?"

"Tenho."

"Posso ver?"

"Desde quando você é um viciado em armas?"

"Não é isso."

Sua mão desapareceu no beliche superior. Quando voltou, segurava um reluzente pedaço de metal preto.

“Está carregada, então presta atenção para onde você aponta.”

“Ah, certo.”

“Se você se tornar cabo, pode trazer seus brinquedos para a cama e ninguém vai poder dizer nada. Uma arma dessas não é boa contra um Mimic de qualquer modo. As únicas coisas que um soldado precisa são seus 20mm e o lançador de foguetes, três tiros de cada. A banana do lanche não conta. Agora dá para você assinar isso?”

Eu estava muito ocupado removendo a trava de segurança para responder.

Pus minha boca em torno do cano, imaginando os 9mm prontos para explodir no aço duro e frio.

Puxei o gatilho.

8

O livro que eu estava lendo se encontrava ao lado do travesseiro. Suspirei.

“Keiji, assina isso.” Yonabaru esticou o pescoço do beliche superior.

“Sim senhor.”

“Escute, não tem nada demais na operação de amanhã, não se preocupe. Pense demais nisso e você vai se sobrecarregar — vai acabar perdendo a cabeça antes mesmo que eles tenham a chance de explodir seu cérebro.”

“Eu não estou me preocupando.”

“Ei cara, não precisa se envergonhar, todos ficam nervosos pela primeira vez, é como transar. Até que tenha feito, você não consegue tirar isso da cabeça. Tudo que você pode fazer é passar o tempo se masturbando.”

“Discordo.”

“Ei, você está falando com um homem que conhece o jogo.”

“E se — apenas hipoteticamente — você continuasse repetindo sua

primeira vez várias vezes?”

“De onde você tirou esta merda?”

“Só estou falando hipoteticamente, como reiniciar todas as peças em um tabuleiro de xadrez. Você faz sua jogada e então tudo volta para onde começou.”

“Depende.” Ainda pendurado no beliche superior, seu rosto se iluminou. “Você está falando sobre foder ou lutar?”

“Esquece o sexo.”

“Bem, se me pedissem para voltar e lutar em Okinawa de novo, eu os mandaria ir tomar no cu. Eles poderiam me mandar para um pelotão no inferno que u não voltaria para lá.”

E se você não tivesse escolha? E tivesse que reviver sua morte várias vezes?

No final do dia, todo homem tem que limpar sua própria merda. Não tem ninguém para fazer as decisões por você. E em qualquer situação que esteja, isso é apenas outro fator em sua decisão. O que não quer dizer que todo mundo tem a mesma gama de opções dos outros. Se há um cara lá fora com um ás na manga, é certeza que tem outro que está na merda. Às vezes você corre para um beco sem saída. Mas você andou cada passo que te levou até lá por conta própria. Mesmo quando te colocam na forca, você tem a opção de enfrentar sua morte com dignidade ou chutar e implorar por piedade.

Mas não tive essa escolha. Podia ter uma cachoeira gigantesca logo após Tateyama, a borda do mundo, e eu nunca saberia. Dia após dia vou para a frente e para trás entre a base e o campo de batalha, onde sou esmagado como um inseto rastejando no chão. Enquanto o vento soprar, vou nascer e morrer de novo. Não posso levar nada comigo para a minha próxima vida. As únicas coisas que consigo manter são a minha solidão, um medo que ninguém pode entender, e a sensação do gatilho no meu dedo.

É um mundo fodido, com regras fodidas. Então foda-se.

Peguei uma caneta ao lado do meu travesseiro e escrevi o número “5” na parte de trás da minha mão esquerda. Minha batalha começa com este número.

Vamos ver quantos consigo levar comigo. E daí que o mundo me deu um monte de merda? Vou dar a volta nele. Vou me esquivar dos dardos por um triz. Vou matar Mimics com um único golpe. Se Rita Vrataski é uma deusa no campo de batalha, vou observar e aprender até chegar no seu nível de matança. Tenho todo o tempo do mundo.

Nada melhor para fazer.

Quem sabe? Talvez algo mude. Ou talvez eu encontre uma maneira de mijar na cara desse mundo maldito.

Isso já seria bom o bastante.

CAP. 2

Sargento Ferrell

フェレウ軍曹

1

“Se um gato pode pegar ratinhos”, disse um imperador chinês, “é um bom gato”.

Rita Vrataski era um gato muito bom. Ela matou sua parte e foi devidamente recompensada. Eu, por outro lado, era um gato de rua sarnento vagando apressadamente pelo campo de batalha, pronto para ser esfolado, eviscerado e transformado em uma raquete de tênis. O alto escalão fez com que Rita fosse cuidadosamente preparada, mas eles pouco se importavam com o resto de nós.

O TFM já durava três horas esgotantes, e pode ter certeza de que incluiu uma fodida prancha isométrica. Eu estava tão ocupado tentando descobrir o que fazer em seguida que não estava prestando atenção ao aqui e agora. Depois de meia hora, as Forças Especiais dos EUA desistiram de assistir nossas torturas e voltaram para o quartel. Fiquei olhando para Rita e ela saiu junto com o resto, o que significava que eu estava na rola longa. Era como um loop de software se/então:

Se checkflag Rita-aderir-ao-TFM = verdadeiro, o fim.

Senão continuar rotina: Porra de Prancha Isométrica

Talvez isso fosse a prova de que eu poderia mudar o que aconteceu. Se olhasse para Rita, ela se juntaria ao TFM, e eles iriam terminá-lo depois de uma hora. O alto escalão tinha convocado esta sessão de TFM sem um bom motivo. Então eles poderiam terminar quando quisessem.

Se meu palpite estivesse correto, minha causa não era necessariamente desesperada. Uma janela de oportunidade pode se apresentar na batalha de amanhã. As probabilidades de que isso aconteça podem ser de 0,1%, ou mesmo 0,01%, mas se pudesse melhorar minhas habilidades de combate, por mais insignificante que fosse, essa oportunidade poderia surgir — eu encontraria uma maneira cria-la. Se pudesse treinar para superar cada obstáculo esta pequena trilha de mortes, talvez um dia eu acordaria em um mundo com um amanhã.

Da próxima vez eu teria certeza de olhar para Rita durante o TFM. Me senti um pouco mal por trazê-la para isso, ela que era basicamente uma espectadora em meu interminável show. Mas não havia realmente muita escolha. Eu não tinha tempo para construir músculos que desapareceriam no próximo loop. Esse tempo seria melhor gasto preparando meu cérebro para a batalha.

Quando o treinamento terminou, os homens fugiram para o quartel para escapar do calor do sol, resmungando sob sua respiração coletiva. Caminhei até o sargento Ferrell, que estava agachado para amarrar os sapatos. Ele estava nessa a mais tempo do que qualquer um de nós, então decidi que ele seria a melhor opção para começar a me ajudar com meu programa de treinamento de batalha. Não só era ele o membro sobrevivente mais antigo do pelotão, mas me ocorreu que os 20% broca do sargento poderiam vir a calhar.

Ondas de calor cintilavam acima de seu corte de cabelo plano. Mesmo depois de três horas de TFM, parecia que ele poderia correr um triatlo e chegar em primeiro sem suar. Ele tinha uma cicatriz peculiar na base de seu pescoço grosso, um símbolo do tempo em que ainda não haviam corrigido todos os erros da Jackets e era necessário implantar chips para aumentar o tempo de reação dos soldados. Fazia tempo que não tinham que recorrer a nada tão rudimentar. Essa cicatriz era uma medalha de honra — vinte anos de serviço duro e ainda em forma.

“Alguma bolha hoje?” A atenção de Ferrell nunca deixou seus sapatos. Falou com um sotaque peculiar aos brasileiros.

“Não.”

“Começando a ter pé frio?”

“Estaria mentindo se dissesse que não estava com medo, mas não estou planejando correr, se é isso que quer dizer.”

“Para um novato, você até que está dando certo.”

“Você consegue manter seu treinamento, não é, Sarge?”

“Eu tento.”

“Se importaria se eu treinasse com você?”

“Está tentando fazer alguma estupidez, Soldado?”

“Não tem nada de estúpido em matar, senhor.”

“Bem, há algo estúpido com a sua cabeça se você quer se enfiar em uma daquelas malditas jackets um dia antes de irmos morrer. Quer trabalhar até suar, vá encontrar umas coxas para se enfiar entre elas”. Os olhos de Ferrell continuavam em seus sapatos. “Dispensado.”

“Sargento, com todo o respeito, não vejo o senhor correndo atrás das moças.”

Ferrell finalmente olhou para cima. Seus olhos eram canos de espingarda de 20mm disparando em mim do seu rosto bronzeado. Eu cozinhei sob o sol brilhante.

“Está me dizendo que acha que sou uma dessas bichas que preferem se enfiar em uma Jacket cheirando a suor do que entre as pernas de uma mulher? É isso que você está me dizendo?”

“Isso — não é o que quis dizer, senhor!”

“Certo, então, sente-se.” Ele passou a mão pelo cabelo e deu tapinhas no chão.

Me sentei enquanto uma rajada de vento marítimo soprava entre nós.

“Eu estava em Ishigaki, sabe”, começou Ferrell. “Deve ter sido há pelo menos dez anos atrás… As Jackets eram baratas como o inferno… Tinha este lugar perto do saco — bem aqui — onde as placas não se encontravam direito, esfregando diretamente a sua pele. Os lugares que tinham se esfolado durante o treinamento seriam esfolados novamente quando entrasse em batalha. Doía tanto que alguns caras se recusavam a rastejar no chão. Eles se levantavam e caminhavam bem no meio do tiroteio. Você poderia dizer que isso iria mata-los, mas sempre havia quem se levantasse de qualquer modo. Poderiam andar com alvos pintados no peito.” Ferrell assobiou como uma bomba caindo. “Perdi um bando de homens desse jeito.”

Ferrell tinha uma mistura de sangue japonês e brasileiro nele, mas veio da América do Sul. Metade desse continente tinha sido devastada pelos Mimics. Aqui no Japão, onde a alta tecnologia era mais barata do que comida boa, nossas Jackets eram máquinas de precisão. Ainda assim, havia muitos países onde tudo o que podiam fazer era enviar suas tropas com uma máscara de gás, um bom lançador de foguetes antigo e uma oração. Esqueça a artilharia ou o apoio aéreo. Qualquer vitória que eles conseguiram foi de curta duração. Nanorobôs que brotavam dos cadáveres de Mimic comeriam os pulmões de qualquer soldados que sobrasse. E assim, pouco a pouco, o deserto sem vida se espalhou pelas terras que as pessoas chamavam de lar.

Ferrell veio de uma família de fazendeiros. Quando suas colheitas começaram a fracassar, escolheram abandonar suas terras e se mover para uma das ilhas no Leste, refúgios seguros protegidos pelas maravilhas da tecnologia. Famílias com pessoas servindo na UDF receberam prioridade para a imigração, e é assim que Ferrell se juntou ao exército japonês.

Esses “Soldados da Imigração”, como eram conhecidos, eram comuns na Infantaria Armada.

“Você já ouviu a expressão *kiri-oboeru*?”

“O que?” Eu perguntei, assustada ao ouvir japonês.

“É um velho samurai dizendo que significa: ‘Derrube o inimigo e aprenda’.”

Eu balancei a cabeça. “Não me parecia familiar.”

“Tsukahara, Bokuden, Itou, Miyamato Musashi — todos samurais famosos em seus dias, estamos falando de quinhentos anos atrás.”

“Eu acho que li uma história em quadrinhos sobre Musashi uma vez.”

“Malditas crianças, não saberiam diferenciar Bokuden de Batman.” Ferrell suspirou exasperado. Lá estava eu, japonês puro sangue, e ele sabia mais sobre a história do meu país do que eu. “Samurais eram guerreiros que ganhavam a vida lutando, assim como você e eu. Quantas pessoas acha que o samurai que acabei de nomear matou em sua vida?”

“Se os nomes deles ainda existem depois de quinhentos anos, talvez… dez ou vinte?”

“Nem perto, os registros de então são incompletos, mas o número está em algum lugar entre trezentos e quinhentos. Cada um deles. E não tinham armas. Não tinham bombas. Todos os homens que eles mataram eles cortaram na mão — maldito combate corpo a corpo. Eu diria que é o suficiente para justificar uma medalha ou duas.”

“Como fizeram isso?”

“Envie um homem para o outro lado a cada semana, então faça o mesmo por dez anos e você terá seus quinhentos. Por isso são conhecidos como mestres espadachins. Eles não apenas matam uma vez e pronto. Continuaram matando e *melhorando*.”

“Parece um jogo, quanto mais você mata, mais forte você fica, é isso? Merda, ainda tenho muito o que fazer.”

“Exceto que seus oponentes não virtuais. Eram homens vivos, respirando, que matavam, como o gado, homens com espadas, homens lutando por suas vidas, o mesmo que eles. Se quisessem viver, tinham que pegar o inimigo com a guarda baixa, armadilhas, e às vezes fugir com o rabo entre as pernas.”

Não é a primeira imagem que surge em sua cabeça quando pensa em um mestre espadachim.

“Aprender o que vai te matar e como matar seu inimigo — a única maneira de saber uma coisa dessas é tentando. Algum garoto que foi ensinado a balançar uma espada em um dojo não tem chance contra um homem que foi treinado em batalha, eles sabiam e continuavam fazendo isso, enquanto empilhavam centenas de cadáveres. Um corte de cada vez.”

“Kiri-oboeru.”

“Está certo.”

“Então, por que eles se incomodam em nos treinar?”

“Ah, direto ao ponto. Cérebros assim, você é esperto demais para ser soldado.”

“Que seja, Sargento.”

“Se você realmente quer lutar contra os Mimics, precisa de helicópteros ou tanques, mas os helicópteros custam dinheiro, e também é preciso dinheiro para treinar os pilotos. E os tanques não vão se sair bem neste terreno — muitas montanhas e rios, mas o Japão está rastejando de gente, então eles os envolvem em Jackets e os enviam para a linha de frente, limões em limonada.”

Olha o que aconteceu com os limões.

“Toda essa merda que eles fazem no treinamento é o mínimo necessário. Eles pegam um bando de recrutas que não sabem a diferença entre o cu e o cotovelo e os ensinam a não cruzar a rua quando a luz está vermelha. E mantenha suas cabeças para baixo quando as coisas ficam feias. A maioria dos bastardos esquecem tudo isso quando a merda começa e são derrubados muito rápido. Mas se tiver sorte, você pode viver por causa dele e talvez até mesmo aprender algo. Pegue a sua primeira batalha, aprenda algo com isto e talvez você tenha algo para chamar de soldado.” Ferrell parou. “O que é tão engraçado?”

“Hã?” Um sorriso se esgueirou em meu rosto enquanto ele estava falando e nem percebi.

“Quando vejo alguém sorrindo assim antes de uma batalha, começo a me preocupar com os parafusos em sua cabeça.”

Eu estava pensando em minha primeira batalha, quando Mad Wargarita tentou me ajudar, quando minhas tripas enlameadas foram queimadas em cinzas, quando desespero e medo escorriam pelo meu rosto. Keiji Kiriya tinha sido um dos desgraçados. Duas vezes.

A terceira vez, quando eu fugi, minha sorte não tinha sido boa também. Mas por alguma razão, o mundo continuou me dando outra chance, me desafiando a encontrar uma maneira de sobreviver. Não por sorte, mas por conta própria.

Se pudesse suprimir o desejo de fugir, continuaria acordando para um dia inteiro de treinamento seguido por um dia no campo de batalha. E o que poderia ser melhor do que isso? Quase por padrão, eu continuaria aprendendo, um corte de cada vez. O que levou dez anos para os espadachins, eu poderia fazer em um dia.

Ferrell se levantou e deu um tapa nas minhas costas, fazendo com que

minha linha de pensamentos parasse. “Não há muito que se preocupar com isso agora, por que você não vai encontrar umas garotas?”

“Estou bem, Sargento, só estava pensando —” Ferrell desviou o olhar. Continuei. “Se eu viver a batalha de amanhã, haverá outra batalha depois, certo? E se eu sobreviver a essa batalha, vou para a próxima. Se pegar o que aprendi em cada batalha, e entre as batalhas eu praticar nos simuladores, minhas chances de sobrevivência devem continuar subindo.”

“Bem, se você quiser analisar demais —”

“Não é ruim ir treinar agora, é?”

“Você não desiste fácil, não é?”

“Não.”

Ferrell sacudiu a cabeça. “Para ser honesto, tinha pensado em alguém diferente. Talvez esteja ficando velho demais para isso.”

“Diferente como?”

“Ouça, existem três tipos de pessoas na UDF: viciados que mal estão vivos, pessoas que se inscreveram à procura de um bilhete de refeição, e as pessoas que apenas seguiam o fluxo, deram um passo errado em algum lugar, e acabaram aqui.”

“Eu estou supondo que você me encaixou no último grupo.”

“Foi o que eu fiz.”

“Em que grupo você está, Sargento?”

Ele deu os ombros. “Vista o traje de primeiro nível. Retorne aqui dentro de quinze minutos.”

“Senhor-uh, o traje de batalha completo?”

“Um soldado de Jacket não pode praticar sem o seu equipamento, não se preocupe, não vou usar projéteis reais.”

“Senhor, sim senhor!”

Eu o saudei, e realmente quis fazer isso.

O corpo humano é uma máquina engraçada. Quando você quer mover algo — digamos, seu braço — o cérebro realmente envia dois sinais ao mesmo tempo: “Mais força!” E “Menos força!” O sistema que executa o corpo automaticamente mantém algum poder de volta para evitar esforço demais e se partir em dois. Nem todas as máquinas têm esse recurso de segurança embutido. Você pode apontar um carro para uma parede, pisar no acelerador que o carro vai se esmagar contra a parede até que o motor seja destruído ou fica sem combustível.

Artes marciais usam cada resquício de força que o corpo tem à sua disposição. No treinamento de artes marciais, você soca e gritar ao

mesmo tempo. O “Grite mais alto!” ajuda a substituir o “menos força!”. Com a prática, você pode aumentar a quantidade de força que seu corpo aguenta. Em essência, você está aprendendo a canalizar o poder do corpo para destruir a si mesmo.

Um soldado e seu traje trabalham da mesma maneira. Assim como o corpo humano tem um mecanismo para regular a força, Jackets têm um sistema para manter o esforço de energia em equilíbrio. Com 370 quilogramas de força no aperto, uma Jacket poderia facilmente esmagar um cano de rifle, para não mencionar osso humano. Para evitar que acidentes como esse aconteçam, os revestimentos são projetados para limitar automaticamente a força exercida e até mesmo ativamente contra-atacar a inércia para equilibrar adequadamente a quantidade de força entregue. Os técnicos chamam esse sistema de auto balanceador. O balanceador automático retarda as ações do operador da Jacket por uma fração de segundo. É um intervalo de tempo tão pequeno que a maioria das pessoas nem sequer nota. Mas no campo de batalha, esse intervalo poderia significar a diferença entre a vida e a morte.

Em três batalhas completas de dez mil Jackets cada, apenas um soldado pode ter a desgraça de ter um problema com o balanceador automático, e se o balanceador decidir falhar quando você tem um Mimic por perto, está tudo acabado. É uma pequena chance, mas ninguém quer ser o azarado. É por isso que, no início de cada batalha, veteranos como Ferrell desligam o balanceador automático. Eles nunca nos ensinaram isso no treinamento. Tive que aprender a andar de novo com o balanceador automático desligado. Ferrell disse que eu tinha que ser capaz de me mover sem pensar.

Precisei de sete tentativas para caminhar em linha reta.

2

Dois sentinelas foram postos na estrada que conduz à seção da base sob a jurisdição dos E.U.A. Eles eram enormes, cada homem carregando um rifle de alta potência nos braços, tão grande quanto minhas coxas.

Seus portes físicos os faziam parecer Jackets em exibição. Eles não precisavam dizer uma palavra para que as pessoas entendessem quem estava no comando. Bombas cluster[1] poderiam chover do céu que esses caras continuariam em pé, sem piscar, até segunda ordem.

Se os observasse pelo canto do olho enquanto me dirigia para o portão principal seguiria a rota que tomei quando tentei desertar no terceiro loop. Fugir seria fácil. Com o que aprendi, provavelmente poderia evitar a emboscada Mimic e chegar em Chiba. Mas hoje eu tinha outro objetivo em mente.

Eram 10:29. Eu estava no ponto cego das sentinelas. Com passadas de oitenta centímetros, as sentinelas estavam exatamente quinze segundos de onde eu estava.

Uma gaivota sobrevoou. O rugido distante do mar misturado com os sons da base. Minha sombra era uma pequena piscina aos meus pés. Não havia mais ninguém no caminho.

Um caminhão de combustível americano passou. As sentinelas saudaram.

Tive apenas que caminhar no ritmo certo.

Três, dois, um.

O caminhão se aproximou de uma bifurcação na estrada. Uma velha senhora que fazia a limpeza entrou na frente do caminhão. Os freios soaram. O motor do caminhão parou. As sentinelas pararam para ver o tumulto, suas atenções se desviaram por alguns momentos preciosos.

Passei direto por eles.

Eu podia sentir o calor emitido daqueles corpos. Com músculos como esse, eu não tinha dúvida de que eles poderiam arrancar minha espinha. Por um instante, senti um desejo irracional de atacá-los.

Claro, eu posso parecer que seria carregado pelo vento, mas não se deve julgar um livro pela capa. Quer me testar? Quem quer um pedaço do recruta asiático?

As habilidades que aprendi para pilotar um Jacket são úteis em um combate corpo a corpo contra outro ser humano? Eu tinha ficado mais melhor, mais forte? Por que esperar pelos Mimics, por que não me testar aqui e agora?

O guarda à direita se virou.

Fique calmo. Mantenha o ritmo constante. Ele está se virando para a esquerda. Quando o fizer, deslizarei para seu ponto cego, atrás da outra sentinela. Quando ele buscar por qualquer sinal de Keiji Kiriya, eu serei parte do cenário.

“Você viu alguma coisa?”

“Calma, o capitão está olhando, e ele não parece feliz.”

“Foda-se.”

E assim, eu me infiltrei no território dos EUA.

Meu alvo era um Jacket modelo americano. Depois de alguns loops, cheguei à conclusão de que preciso de uma nova arma — algo que não tínhamos no Exército Japonês. Os fuzis padrão de 20mm não eram muito eficazes contra Mimics. Eram o meio termo entre o número de balas que um soldado podia carregar, a velocidade de disparo necessária para atingir um alvo em movimento e uma quantidade aceitável de recuo. Elas eram armas bastante poderosas, mas se você realmente quiser perfurar um endoesqueleto, 50mm era a única forma de ter certeza.

A estratégia básica da UDF era usar uma linha de infantaria blindada disparando rajadas de 20mm para desacelerar o inimigo o suficiente para que a artilharia e os tanques pudessem matá-los. Na prática, o apoio nunca veio rápido ou pesado o suficiente. Acabava como nossa responsabilidade eliminar os Mimics.

A arma de último recurso e que eu usei, era o pile driver no ombro esquerdo. Você poderia abrir um buraco e derramar as entranhas de um Mimic com um desses. O lançador de foguetes também poderia vir a calhar, mas era difícil de acertar, e muito provavelmente você não teria munição quando mais precisasse. À medida que me acostumava com a luta, eu confiava cada vez mais no poder do pile driver de 57mm.

Mas ele tinha um grande inconveniente: só podia ser usado 20 vezes e não dava para recarregar como os rifles. Uma vez que disparasse aquela vigésima rodada, você estava acabado. Na melhor das hipóteses, um soldado perfuraria vinte buracos em alguma coisa. Uma vez que o pile driver estivesse sem carga, não daria nem para enfiar uma estaca no coração de um vampiro. As pessoas que projetaram o Jacket apenas não consideraram a possibilidade de que alguém sobreviveria tempo suficiente em combate corpo a corpo com um Mimic para usar mais de vinte rodadas.

Foda-se.

Ficar sem carga tinha me matado muitas vezes. Outro beco sem saída. A única maneira de evitar era encontrar uma arma corpo-a-corpo que não ficasse sem munição. Eu tinha visto, uma vez, na batalha que deu início a todo esse ciclo.

O machado de batalha. Rita Vrataski, uma Valquíria vestida com um Jacket carmesim, e seu machado. Poderia ter sido mais apropriado chamá-lo de um pedaço de carboneto de tungstênio na forma de um

machado. Um machado de batalha nunca fica sem munição. Você ainda pode usá-lo se ele for danificado. Aguentava muitas pancadas. Era a arma corpo-a-corpo perfeita.

Mas, no que diz respeito ao mundo, Keiji Kiriya era um recruta que ainda não viu sua primeira batalha. Se pedisse para substituírem o pile driver padrão por uma arma diferente, simplesmente porque não gostei, eles com certeza iriam me ignorar. Yonabaru riu de mim e Ferrell me deu um soco. Quando tentei falar diretamente com nosso comandante de pelotão, ele me ignorou completamente. Tinha que conseguir essa arma sozinho.

Fui para o quartel da divisão de abastecimento que tinha acompanhado as Forças Especiais dos EUA. Cinco minutos depois de atravessar o lado norte-americano da base, cheguei a um lugar protegido por apenas uma soldada. Ela estava girando uma chave mecânica na mão.

O cheiro do petróleo flutuava no ar, inundando a espuma salgada do oceano. O zumbido sempre presente de homens que se moviam sobre a base tinha recuado. Na escuridão do quartel, as armas de aço que a humanidade usava para derrubar seus inimigos estavam desfrutando de uma soneca curta.

A mulher com a chave era Shasta Raylle, uma técnica civil. Seu salário era pelo menos do nível de um primeiro tenente. Muito acima do meu, de qualquer forma. Dei uma olhada nela: altura, 152 centímetros; peso, 37 quilogramas; acuidade visual, 20/300; alimento favorito, bolo de maracujá. Tinha um pouco de sangue indiano americano e usava os cabelos pretos puxados para trás em um rabo de cavalo.

Se Rita era um lince à espreita, Shasta era um coelho desavisado. Ela pertencia ao lar, enrolada em um quarto aconchegante e acolhedor assistindo TV e se enchendo com bombons, não manchada com óleo e graxa em alguma base militar.

Falei tão gentilmente quanto pude. “Olá.”

Shasta saltou ao som da minha voz. Droga. Não fui gentil o suficiente.

Seus grossos óculos caíram no chão de concreto. Observá-la olhar para os óculos era como assistir a um tetraplégico em um piso molhado. Em vez de pôr a chave de lado e procurar com as duas mãos, ela tateou em vão com apenas uma. Não é exatamente o que você esperaria de alguém que se graduou como a melhor da turma no MIT, desenvolveu alguns dos mais avançados Jackets militares em seu primeiro posto de pesquisa na indústria de defesa e, em seguida, foi direto para a UDF como técnica de um Jacket vermelho ferrugem.

Inclinei-me e peguei seus óculos — mais parecidos com um par de lentes de aumento.

"Você deixou cair" eu disse, colocando-os em lugar onde esperava que ela pudesse ver.

"Obrigado, quem quer que seja."

"Não precisa agradecer."

Shasta olhou para mim. As lentes de fundo de garrafa deram foco aos seus olhos.

"E você é…?"

"Keiji Kiriya."

"Obrigado, Keiji Kiriya, sou Shasta Raylle." Eu tinha deliberadamente informado meu posto e pelotão. A cabeça de Shasta abaixou. "Eu sei que isto pode parecer um barracão simples e comum — bem, na verdade é, mas não é essa a questão, o ponto é, ele contém tecnologia militar altamente sensível. Somente pessoas com a identificação de segurança apropriada são permitidas aqui dentro."

"Eu sei, não quero entrar."

"Oh. Bem, estou feliz por termos resolvido isso."

"Na verdade," dei um passo em frente, "eu vim te ver."

"Eu? Estou lisonjeada, mas acho que não posso — quero dizer, você parece muito legal e tudo, é só que não acho que isso seria apropriado, e ainda há preparativos a fazer para amanhã, e —"

"Não é nem meio-dia."

"Levará o resto do dia!"

"Se você apenas escutar —"

"Eu sei que *parece* que tudo o que eu tenho feito é remover e reconectar esta peça aqui — e bem, é isso mesmo, mas eu realmente estou ocupada." Seu rabo de cavalo balançou enquanto ela balançava a cabeça para si mesma, pontuando sua sinceridade.

Está tendo a ideia errada. Tenho que por essa conversa nos trilhos de novo —"

"Então a unidade de memória externa foi danificada?"

"Foi, mas — como você sabia disso?"

"Ei, você e eu sabemos que uma unidade de memória externa não tem uso na batalha. Mas como os chips personalizados contêm tecnologia militar sensível, você tem que preencher uma montanha de papelada para requisitar um desses malditos, estou certo? E aquele filho-da-puta no arsenal batendo em você, não importa quantas vezes você diga a ele que não está interessada a situação não melhora, suponho. É quase o suficiente para te fazer pensar em roubar um de um dos Jackets do

Corpo Japonês.”

“Roubar um dos — eu nunca pensei nisso!”

“Não?”

“Claro que não! Bem, o pensamento pode ter cruzado minha mente uma ou duas vezes, mas nunca faria isso! Por acaso pareço com o tipo que…” Seus olhos se arregalaram quando viu o que estava no saco plástico que puxei do meu bolso.

Um sorriso malicioso se espalhou pelo meu rosto. “E se alguém roubasse um para você?”

“Eu poderia ficar com isso? Por favor?”

“Seu tom mudou bem rápido!”

Eu levantei a bolsa contendo o chip acima da minha cabeça. Shasta pulou quando tentou agarrá-lo, mas ela e seus 158 centímetros estavam sem sorte. O óleo manchando suas roupas fez as minhas narinas se expandirem.

“Pare de me provocar e apenas me dê isso, ok?”

Pulo. Pulo.

“Você não sabe o que eu tive que passar por causa disso.”

“Estou te implorando, por favor?”

Pulo.

“Eu vou te dar, mas preciso de algo em troca.”

“Alguma coisa… em troca?”

Gole.

Ela agarrou a chave contra o peito, achatando seus seios que estavam ocultos sob o macacão. Ela tinha se acostumado a bancar a vítima depois de alguns anos com os animais das Forças Especiais. Se era tão fácil provocá-la, não posso realmente culpa-los.

Eu apontei o saco de plástico em direção ao machado de batalha gigante pendurado em uma grade na parte traseira do quartel. Shasta não parecia entender o que eu estava olhando. Seus olhos vasculharam cautelosamente o lugar.

“Vim pedir isso emprestado.” Apontei meu dedo para a orla.

“A menos que meus olhos tenham piorado mais do que pensei, esse é o machado de batalha da Rita.”

“Bingo.”

“Então… você também está na Infantaria Armada?”

“No pelotão japonês.”

“Não é fácil para mim dizer — eu não quero ser rude — mas tentar imitar Rita só vai te machucar.”

“Isso significa que você não vai me emprestar?”

“Se você realmente acha que vai precisar dele, eu empresto, é apenas um pedaço de metal — nós temos muitas peças sobressalentes. Quando Rita me pediu uma, eu o fiz cortando as asas de um bombardeiro”.

“Então por que a relutância?”

“Bem, porque, francamente, você será morto.”

“Com ou sem isso, eu morrerei um dia.”

“Eu não posso te fazer mudar de ideia?”

“Provavelmente não.”

Shasta ficou quieta. A chave pendurada em sua mão como um velho pano, seus olhos perderam o foco. Uma mecha de cabelo desgrenhado presa ao suor e óleo manchado em sua testa. “Eu estava no norte da África antes”, disse ela. “O melhor soldado do melhor pelotão de lá me pediu a mesma coisa que você. Tentei avisá-lo, mas havia política envolvida, as coisas ficaram complicadas, então deixei ele pegar.”

“E ele morreu?”

“Não, escapou por pouco, mas seus dias de soldados acabaram… Se ao menos eu tivesse encontrado um meio de impedi-lo.”

“Você não deve culpar a si mesma. Você não é o ataque dos Mimics.”

“Esse é o problema, ele não foi ferido lutando contra os Mimics. Você sabe o que é inércia?”

“Eu terminei o ensino médio.”

“Cada um desses machados de batalha pesa 200Kg, uma Jacket que suporta 370Kg pode suportá-lo, com certeza, mas mesmo assim, é uma enorme quantidade de inércia. Ele quebrou suas costas balançando o machado. Amplificado o poder de um Jacket, você pode, literalmente, se partir em dois.”

Eu sabia exatamente do que ela estava falando — essa inércia era exatamente o que eu procurava. É preciso algo maciço para quebrar o endoesqueleto Mimic com um golpe. Se isso iria me matar no processo pouco importava.

“Olha, eu tenho certeza que pensa que você é bom, mas Rita não é um soldado comum.” Shasta fez uma última tentativa de me dissuadir.

“Eu sei.”

“Ela é *extraordinária*, de verdade, ela nunca usa seu balanceador automático e não estou dizendo que ela desliga antes da batalha. Sua Jacket nem sequer está equipada com isso. Ela é o único membro do nosso time sem ele. Em um pelotão de elite, ela é melhor do que a elite.”

“Eu parei de usar um balanceador automático há muito tempo. Nunca pensei em removê-lo inteiramente. Tenho que fazer isso, menos peso para carregar.”

“Ah, então você é próximo da Rita, suponho?”

“Não. Não chego nem aos pés de Rita Vrataski.”

“Sabe o que ela me contou da primeira vez que a conheci, ela disse que estava contente por viver em um mundo cheio de guerra, você pensa o mesmo?” Shasta me avaliou por trás de suas grossas lentes. Eu sabia que ela queria dizer exatamente isso. Eu devolvi seu olhar fixo sem uma palavra.

“Por que você está tão aficionado no machado de batalha dela?” ela perguntou.

“Eu não diria que estou aficionado, estou apenas tentando encontrar algo mais eficaz do que um pile driver. Posso usar uma lança ou um cutelo, se você tiver. Algo que eu possa usar mais de vinte vezes.”

“Foi o que ela disse quando me pediu que lhe fizesse o machado.”

Shasta relaxou seu aperto na chave.

“Qualquer comparação com a Cadela do Campo de B… uh, Valquíria é um grande elogio.”

“Sabe, você é muito…” Sua voz se apagou.

“Eu sou o quê?”

“Incomum.”

“Talvez sim.”

“Lembre-se, não é uma arma fácil de usar.”

“Eu tenho muito tempo para praticar.”

Shasta sorriu. “Eu encontrei soldados que pensam que podem seguir os passos de Rita e falharam, e encontrei alguns que a reconhecem pelo prodígio que ela é e nunca tentaram igualá-la, mas você é a primeira pessoa que conheci que percebe a distância entre Rita e ainda está preparado para alcançá-la.”

Quanto mais compreendia a guerra, mais eu sabia o prodígio que a Rita era. Na segunda vez, quando Rita se juntou a nós na sessão de TFM, eu só a encarava como um novo recruta que não conhecia melhor. Agora que passei pelo ciclo vezes o suficiente para me chamar um verdadeiro piloto de Jacket, a diferença entre ela e eu parecia ainda maior. Se não tivesse, literalmente, uma quantidade infinita de tempo, já teria desistido.

Com um salto magnífico, Shasta arrancou o chip de silício da minha mão. “Espera aí. Deixa eu pegar alguns documentos para o machado antes de ir.”

“Obrigado.”

Ela saiu para pegar os papéis, depois parou. “Posso te perguntar uma coisa?”

“Manda.”

“Por que você tem o número quarenta e sete escrito em sua mão?”

Eu não sabia o que dizer para ela. No improviso não consegui inventar um motivo acreditável para um soldado ter um número escrito em sua mão.

“Oh, isso é… quero dizer, espero não ter perguntado algo que não deveria?”

Eu balancei a cabeça. “Você sabe como as pessoas riscam os dias em um calendário? É algo do tipo.”

“Se é importante o suficiente para escrever em sua mão, deve ser algo que não quer esquecer. Quarenta e sete dias até você ir para casa, talvez? Ou os dias até o aniversário da sua namorada?”

“Se eu tivesse que dar um nome para isso, eu diria que é o número de dias desde que eu morri.”

Shasta não disse mais nada.

Eu peguei meu machado de batalha.

3

06:00: Acordar.

06:03: Ignorar Yonabaru.

06:10: Roubar chip de silício do arsenal.

06:30: Tomar café da manhã.

07:30: Praticar o movimento básico do corpo.

09:00: Visualizar o treinamento durante a porra do TFM.

10:30: Pegar o machado de batalha com Shasta.

11:30: Almoçar.

13:00: Treinar com ênfase na correção de erros da batalha anterior. (Em Jacket.)

15:00: Encontrar Ferrell para o treinamento de batalha real. (Em Jacket.)

17:45: Jantar.

18:30: Assistir à reunião de pelotão.

19:00: Ir para a festa de Yonabaru.
20:00: Verificar Jacket.
22:00: Ir para a cama.
01:12: Ajudar Yonabaru em seu beliche.
Isso é mais ou menos como eu gasto meu dia.

Fora o treinamento, tudo se tornou rotineiro. Passei por aquelas sentinelas tantas vezes que podia fazer isso com meus olhos fechados. Estava começando a me preocupar em ter me tornado um ladrão mestre antes de me tornar um soldado profissional. Não que a capacidade de roubar qualquer coisa em um mundo que se restaura no final de cada dia faça muita diferença.

O passar do dia não mudou muito de um loop ao outro. Se me desviasse muito da rotina, eu poderia forçar algo diferente a acontecer, mas se não fizesse nada, iria jogar sempre da mesma forma. Era como se todos continuassem a ler o mesmo roteiro que do dia anterior e continuar sendo reprovado.

Era 11:36 quando fui almoçar na Cafeteria nº 2. A senhora me serviu a mesma porção de sopa de cebola na mesma tigela no mesmo horário. Movi meu braço para evitar o mesmo respingo que fazia o mesmo arco no ar. Desviei dos amigos que sempre me chamavam para almoçar e me sentei no mesmo lugar.

Rita estava sentada três filas à minha frente, de costas para mim enquanto comia. Eu não tinha escolhido esta hora para comer porque coincidia com o seu almoço. Apenas aconteceu assim. Por nenhuma razão em particular, me acostumei a vê-la comer do mesmo ângulo todo dia.

Cafeteria nº 2 não era o tipo de que se esperava que um sargento com a Rita fosse comer. Não que a comida fosse ruim. Era muito boa, na verdade. Mas ouvi dizer que as Forças Especiais dos EUA trouxeram consigo sua própria cozinheira, o que só aprofundou o mistério de sua presença. Ela poderia engolir um rato vivo que não se pareceria mais com uma cobra em nosso meio. E assim nossa salvadora comeu sozinha. Ninguém tentou falar com ela, e os assentos à sua volta estavam sempre visivelmente vazios.

Por todas as suas proezas na batalha, Rita Vrataski comia como uma criança. Ela lambeu a sopa dos cantos de sua boca e desenhou imagens em sua comida com as pontas de seus pauzinhos. Aparentemente, os pauzinhos eram algo novo para ela. Às 11:43 ela deixou cair um feijão em seu prato. Ele rolou, acelerando, primeiro saltando para sua bandeja,

e depois para a mesa. O feijão voou pelo ar com um giro no sentido horário, indo para o chão de concreto. Cada vez, com reflexos relâmpagos, Rita estendia sua mão esquerda, pegava o feijão no ar, e o colocava em sua boca. Todos em menos de 0.11 segundos. Se ela tivesse vivido no Velho Oeste, imagino que teria atirado Billy the Kid. Se tivesse sido um samurai, ela poderia ter lido todos as sacadas da katana de Kojiro Sasaki. Mesmo quando ela estava comendo, a Cadela do Campo de Batalha era a Cadela do Campo de Batalha.

Hoje, como todos os dias, ela estava tentando comer uma *umeboshi**[2]*** em conserva. Ela deve ter confundido com um pedaço comum de frutas secas. Depois de duas ou três tentativas de pegá-lo com os pauzinhos, ela colocou tudo na boca.

Estômago adentro.

Rita dobrou como se tivesse tomado um tiro de 57mm no intestino. Suas costas se contraíram. Seu cabelo cor de ferrugem parecia que estava prestes a ficar em pé. Mas ela não cuspiu de volta. Ela engoliu tudo. Rita um copo de água como que por vingança.

Ela devia ter pelo menos vinte e dois anos, mas nunca imaginaria quem a observasse. Os uniformes militares de cor de areia não a lisonjeavam, mas se você a vestisse em uma dessas roupas que as garotas da cidade usam, ela seria bonita. Pelo menos eu gostava de imaginar que sim.

O que há de errado com essa comida? Tem gosto de papel.

“Está se divertindo sozinho?” A voz veio de cima da minha cabeça.

Segurando meus pauzinhos sem mover um músculo, olhei pelo canto do olho. Um rosto pré-histórico olhou para mim por baixo de um corte de cabelo plano. Seus traços eram mais parecidos com dinossauros do que com humanos. Definitivamente, algum velociraptor se infiltrou nessa árvore genealógica. Meu ânimo morreu quando vi a tatuagem em seu ombro: um lobo usando uma coroa. Ele era da 4ª companhia, eles guardavam rancor da nossa desde o jogo de rugby. Eu voltei a levar comida para a minha boca com uma regularidade de máquina.

Ele ergueu as sobrancelhas, dois arbustos largos que daria inveja ao mundo das lagartas. “Perguntei se você estava se divertindo.”

“Como não poderia me divertir em tão boa companhia?”

“Então, como é que você está engolindo sua sopa como se fosse algo que estivesse preso no fundo de um esfregão de banheiro?”

Havia apenas um punhado de soldados sentados nas mesas grandes da lanchonete. O cheiro de algo doce flutuava da cozinha. A luz artificial das lâmpadas fluorescentes no teto iluminava o camarão frito empilhado

em nossas placas pesadas.

Se você tiver que categorizar a comida preparada no UDF como boa ou ruim, definitivamente era boa. Havia apenas três coisas que um soldado da UDF fazia, afinal: comer, dormir e lutar. Se a comida não era boa você teria um problema moral em suas mãos. E de acordo com Yonabaru, o alimento na base Flower Line era melhor do que a maioria.

A primeira vez que eu provei, pensei que era deliciosa. Isso foi há cerca de cinco meses subjetivos, talvez mais. Aproximadamente após um mês no loop, comecei a temperar pesadamente minha comida. O exagero intencional de temperos criava um gosto a apenas horrível o suficiente para me lembrar da comida. E agora, até isso tinha parado de funcionar. Não importa se você está comendo alimentos preparados por um chef de quatro estrelas, após oitenta dias da mesma coisa, todos os gostos são iguais. Provavelmente porque é igual. Nesse ponto, era difícil para mim pensar em comida como algo que não fosse uma fonte de energia.

"Se minha cara te fez perder a fome, peço desculpas." Não adianta tentar começar uma briga.

"Espera aí. Está tentando dizer que isso é culpa *minha*?"

"Não tenho tempo para isso."

Comecei a empurrar o resto da comida na minha boca. Ele bateu a mão do tamanho de uma luva de beisebol na mesa. Sopa de cebola salpicou na minha camisa, deixando uma mancha onde os esforços da senhora do almoço tinham falhado. Eu realmente não me importo. Não importa o quão grande seja a mancha, amanhã ela teria sumido e eu nem sequer teria que lavar.

"Os caras da 4ª companhia não valem o tempo da 17ª, é isso?"

Percebi que, involuntariamente, havia provocado o cara. Esse loop estava amaldiçoado desde o início, realmente. Eu tinha matado Ferrell acidentalmente no final do último loop, e isso fez tudo sair dos trilhos desta vez. De onde eu estava, não fazia nem cinco horas desde que ele morrera vomitando sangue. Claro que eu também fui KIA, mas era de se esperar. Ferrell morreu tentando proteger um novo recruta.

Eu tinha planejado aliviar minha mente observando Rita do jeito que sempre fiz, mas meu mau humor deve ter sido mais óbvio do que eu esperava. Claramente, foi ruim o suficiente para acionar algo que não tinha acontecido em nenhum dos loops anteriores.

Peguei minha bandeja e fiquei de pé.

O corpo do homem era uma parede de carne bloqueando meu caminho. As pessoas começaram a se reunir, ansiosas por uma briga. Era

11:48. Se eu perdesse tempo aqui, isso acabaria com toda a minha agenda. Só porque eu tinha todo o tempo do mundo não significa que eu tinha tempo a perder. Cada hora perdida significava que uma hora mais fraco, e isso me custaria no campo de batalha.

"Você está correndo, merdinha?" Sua voz ressoou pela cafeteria.

Rita se virou e olhou para mim. Era óbvio que ela acabara de perceber que o recruta que a olhava durante o TFM estava comendo na mesma lanchonete. Algo me disse que se eu devolvesse o olhar, ela me ajudaria do jeito que ela ajudou durante o TFM — ou como ela ajudou na minha primeira batalha. Rita não era o tipo que viraria as costas para alguém em apuros. Sua humanidade estava começando a se mostrar. Me perguntei qual era a dela. Talvez ela começasse a falar sobre o chá verde para distrair esse cara. Eu ri com a ideia.

"O que é tão engraçado?"

Opa. "Nada a ver com você."

Meus olhos deixaram Rita. O Keiji Kiriya de pé na lanchonete naquele dia não era nenhum recruta verde. Minha aparência externa pode ser a mesma, mas dentro eu era um veterano endurecido por setenta e nove batalhas. Eu poderia lidar com meus próprios problemas. Eu me aproveitei de Rita uma vez durante o TFM e uma vez mais, indiretamente, por usar conversa mole para conseguir um dos seus machados extras. Não precisava envolvê-la uma terceira vez só para escapar de um problema durante o almoço.

"Tá tirando uma com a minha cara?" Ele não ia deixar isso passar.

"Me desculpe, mas realmente não tenho tempo a perder porra."

"Quê que cê tem entre as pernas? Duas bolas de pingue-pongue?"

"Nunca abri meu saco para olhar."

"Filho da puta!"

"É o bastante!" Uma voz sensual abafou nossa discussão. Não era Rita.

A salvação tinha vindo de um quarto elemento inesperado. Me virei para ver uma mulher bronzeada de pé ao lado da mesa. Seus peitos cobertos por um avental ocupavam uns bons 60% do meu campo de visão. Ela ficou entre nós segurando um camarão frito com um par de longos pauzinhos. Era Rachel Kisaragi.

"Eu não quero briga aqui, é uma sala de jantar, não um ringue de boxe."

"Só tentei ensinar bons modos a esse recruta."

"Bem, a escola acabou."

"Ei, você foi o único reclamando sobre como ele parecia comendo sua comida."

“Mesmo assim.”

Rachel olhou para mim. Ela não tinha demonstrado a menor indicação de raiva quando derrubei seu carrinho de batatas, então devo ter feito uma boa impressão. Uma parte dela provavelmente queria envergonhar alguém associado a Jin Yonabaru, amplamente considerado como a pessoa mais irritante na base. Não que eu a culpasse. Eu tropecei e derramei as batatas, e agora isso. As consequências eram minha responsabilidade.

Em uma base marcada por café e deserto, uma mulher como Rachel obrigatoriamente atrairia um admirador ou dois, mas nunca tinha percebido o quão popular ela era. Este homem não tinha escolhido uma briga comigo por alguma rivalidade entre companhias. Ele estava se exibindo.

“Está tudo bem, eu não deveria ter dito nada.” Rachel virou-se para encarar o iminente gigante e me afastou com um gesto pelas costas. “Aqui um camarão, por conta da casa.”

“Guarde para os pinguins.”

Rachel franziu o cenho.

“Esse idiota não tem nada a dizer?” Ele lançou um braço grande e carnudo sobre o ombro de Rachel e deu um golpe.

Eu reagi instintivamente. Meses em um Jacket me condicionaram a manter sempre os pés firmemente plantados no chão. Minha perna direita girou no sentido horário, minha esquerda no sentido anti-horário, trazendo-me para baixo em uma posição de batalha. Eu parei sua investida com meu braço esquerdo e levantei a bandeja de almoço em minha mão direita impedir as placas de caírem, meu centro de gravidade nunca deixando o centro do meu corpo. Rachel largou o camarão frito. Eu a arranquei de seu gracioso mergulho pelo ar antes que ela pudesse tocar o chão.

A defesa tinha tirado o cara do equilíbrio. Ele deu dois passos cambaleantes para a frente, depois um terceiro, antes de cair no almoço do soldado sentado à sua frente. Alimentos e pratos voaram com um estrondo espetacular. Fiquei de pé, equilibrando minha bandeja em uma mão.

“Você deixou cair isso.” Entreguei a Rachel o camarão frito. Os espectadores bateram palmas.

“Porra! merda!” O cara já estava de pé, o punho voando em minha direção. Ele era teimoso. Tive alguns instantes para considerar se deveria esquivar o seu soco, lançar um contra-ataque, ou dar as costas e correr.

Falando de experiência, um de direita encaixado de um homem que tinha sido treinado para pilotar um Jacket definitivamente teria impacto, mas não se comparava ao que um Mimic poderia fazer. O soco desse perdedor seria forte o suficiente para infligir dor, mas não uma ferida mortal, a menos que ele tivesse muita sorte. Eu assisti enquanto ele colocava toda sua força no balanço. Seu punho foi velejar depois da ponta do meu nariz. Ele estava negligenciando seu trabalho, deixando uma abertura. Eu não aproveitei.

Foi a minha primeira chance de te matar.

Ele se recuperou do soco perdido, sua respiração ruindo em seu nariz. Ele começou a brincar como um boxeador. “Pare de pular e lute como um homem, cadela!”

Ainda não foi o suficiente?

A diferença entre nossos níveis de habilidade era mais profunda do que a Fossa das Marianas[3], mas eu acho que a demonstração não foi o suficiente para ele desistir. Pobre bastardo.

Ele veio com um gancho de esquerda. Voltei meio passo.

Whoosh.

Outro golpe. Me afastei. Eu odiaria tê-lo matado duas vezes agora.

Lá, minha terceira chance. Agora uma quarta. Ele estava deixando aberturas demais para contar. Eu poderia tê-lo colocado no chão mais de dez vezes em um único minuto. Por sorte, para ele, meu trabalho não era mandar pilotos de Jackets para a enfermaria, não importa o quão excitante isso fosse. Meu trabalho era enviar Mimics para o inferno.

Com cada soco ele dava e perdia, a multidão gritava.

“Anda, você nem sequer arranho ele!”

“Pare de enrolar e acerta logo um!”

“Acerta ele! Acerta ele! Acerta ele!”

“Cuidado com as portas, não quero ninguém quebrando elas! Eu dou dez dólares no grande!” Seguido imediatamente por “vinte no magricela!” Ei, sou eu! Pensei enquanto evitava outro soco. Então alguém gritou: “Cadê meu camarão frito? Eu perdi meu camarão frito!”

Quanto mais selvagem a multidão, mais esforço ele colocava em seus socos e mais fácil era evitar.

Ferrell tinha um ditado: “Quebre cada segundo”. A primeira vez que eu ouvi, eu não entendi o que significava. Um segundo era um segundo. Não havia nada para esticar ou quebrar.

Mas acontece que você pode esculpir a percepção do tempo em pedaços mais e mais finos. Se você ligar um interruptor na parte traseira de seu cérebro, poderia prestar atenção em um segundo como frames em

um filme. Depois de descobrir o que estaria acontecendo dez quadros mais tarde, poderia tomar todas as medidas que você precisava virar a situação a seu favor. Tudo de forma subconsciente. Na batalha, você não podia contar com alguém que não dividisse o tempo.

Evitar seus ataques era fácil. Mas não queria criar mais problemas desnecessários do que eu já tinha. Dava muito trabalho alterar meu horário, mas se isso continuasse, a 17ª estaria na cafetaria em breve. Eu precisava acabar com isso antes que eles aparecessem.

Decidi que tomar um de seus socos seria a forma mais rápida. O que eu não esperava era Rachel entrar para tentar detê-lo. Ela alterou o curso de seu soco direito apenas o suficiente para mandar o golpe que passaria perto da minha bochecha direto no meu queixo. Uma onda de calor se espalhou em meus dentes até a parte de trás do meu nariz. Os pratos da minha bandeja dançaram pelo ar. E havia Rita perto do meu campo de visão, saindo da lanchonete. Eu faria desta dor uma lição para a próxima vez. Perdi a consciência e perambulei por um sono lamacento…

Quando voltei, me encontrei deitado em várias cadeiras unidas em uma cama improvisada. Algo úmido estava na minha cabeça — um lenço de mulher. Um ligeiro cheiro cítrico pendia no ar.

“Você está acordado?”

Eu estava na cozinha. Acima de mim um ventilador industrial zumbia, espalhando o vapor da sala. Ali perto, um líquido verde-oliva era cozido a fogo brando em um pote enorme. O cardápio manuscrito da próxima semana pendurado na parede. Acima dele estava a cabeça de um homem rasgado de um cartaz.

Depois de olhar para os seus dentes branqueados por algo que parecia uma eternidade, finalmente o reconheci. Era a cabeça do corpo do cartaz em nosso quartel. Me perguntei como ele conseguiu chegar ali, onde podia passar os dias sorrindo com sabedoria para as mulheres que trabalhavam na cozinha.

Rachel estava descascando batatas, jogando cada pele espiralada em uma cesta enorme que combinava com a escala do pote. Estas eram as mesmas batatas que tinham caído na minha cabeça na quarta vez do loop. Eu tinha comido o maldito purê de batata que ela estava fazendo setenta e nove vezes. Não havia outras trabalhadoras na cozinha além de Rachel. Ela deve ter preparado as refeições para todos esses homens por conta própria.

Me sentando, mordi o ar algumas vezes para testar minha mandíbula.

Esse soco me pegou no ângulo certo. As coisas não pareciam estar alinhando do jeito que deveriam. Rachel me viu.

"Desculpe por isso, ele não é tão mau."

"Eu sei."

Ela sorriu. "Você é mais maduro do que parece."

"Não maduro o suficiente para ficar longe de problemas, aparentemente." Respondi com um encolher de ombros.

As pessoas sempre estavam um pouco nervosas no dia anterior a uma batalha.

E os caras estavam sempre procurando uma oportunidade de se parecer na frente de Rachel. As cartas estavam todas contra mim, embora tenho certeza que a cara que eu fiz não ajudou nem um pouco.

"O que você é, pacifista? Raça rara nessas partes."

"Eu gosto de me guardar para a batalha."

"Isso explica."

"Explica o quê?"

"Por que você estava se segurando, você é obviamente o melhor lutador." Os olhos de Rachel olharam para mim atentamente. Era alta para uma mulher. A base da Flower Line foi construída há três anos. Se ela viesse para a base imediatamente depois de obter sua licença de nutricionista, isso a faria pelo menos quatro anos mais velha do que eu. Mas ela certamente não parecia. E não era como se ela se esforçasse para parecer jovem. O brilho bronzeado da sua pele e seu sorriso acolhedor eram naturais. Ela me lembrava a bibliotecária pela qual me apaixonei no colégio. O mesmo sorriso que tinha roubado meu coração e me fazia trabalhar feliz na biblioteca durante o quente verão há muito tempo.

"Nossas vidas deveriam ser escritas em pedra. O papel é muito frágil — muito fácil de reescrever." Pensamentos como esse tinham ocupado minha mente ultimamente.

"Coisa estranha para se dizer."

"Talvez."

"Você está saindo com alguém?"

Eu olhei para ela. Olhos verdes. "Não."

"Estou livre esta noite." Depois acrescentou, apressada: "Não fique com a ideia errada, não digo esse tipo de coisa para qualquer um."

Isso eu sabia. Ela tinha deixado Yonabaru de lado facilmente. Por uma semana inteira ouvi queixa após queixa sobre a mulher mais gostosa cujas pernas estavam trancadas junto com a entrada principal. "É uma farsa nos dias de hoje", ele me disse. Tive a sensação de que não era um

tratamento especial só porque Yonabaru era quem ele era.

"Que horas são?" Ainda tinha um horário a manter.

"Quase três horas, você apagou por cerca de três horas."

15:00. Eu deveria estar treinando com Ferrell. Tinha que corrigir o que eu fiz no último loop — o movimento que tinha matado o tenente Ferrell e o tenente. Eles tinham morrido me protegendo porque eu estava me exibindo. Ainda podia ver as imagens da família carbonizada e ardente, com que Ferrell tinha decorado o interior de seu Jacket, tremulando ao vento. A imagem dele sorrindo sob um brilhante sol brasileiro, cercado por irmãos e irmãs, queimou em minha mente.

Não possuo nenhum talento extraordinário que me separe dos meus iguais. Sou apenas um soldado. Há coisas que posso e que não posso fazer. Se praticar, com o tempo poderei fazer coisas que agora não posso. Não deixarei meu excesso de confiança matar quem me salvou outra vez.

Sob outras circunstâncias, eu poderia ter aceitado seu convite.

"Desculpe, mas não sou o cara que você está procurando."

Me virei e comecei a correr em direção ao campo de treinamento onde o sargento Ferrell estava esperando, pingando de suor e cheio de adrenalina.

"Idiota!"

Eu não parei para devolver o elogio.

4

Tentativa # 99:

KIA quarenta e cinco minutos após o início da batalha.

5

Tentativa # 110:

Eles atravessaram nossa linha. Yonabaru é o elo fraco.

“Keiji… aquele romance de mistério… Era aquele cara que comia o pudim que…”

Com essas palavras, ele morre.

KIA cinquenta e sete minutos depois do início da batalha.

6

Tentativa # 123:

As enxaquecas que começaram após cerca de cinquenta loops estão piorando. Não sei qual é a causa. Os analgésicos que os médicos me dão não funcionam de jeito nenhum. A perspectiva dessas dores de cabeça que me acompanham em cada batalha daqui em diante não estão melhorando a minha moral.

KIA sessenta e um minutos depois do início da batalha.

7

Tentativa # 154:

Perder a consciência a oitenta minutos depois do início da batalha. Eu não morro, mas ainda estou preso no loop. Tanto faz. Se é assim que vai ser, é assim que vai ser.

8

Tentativa # 158:

Eu finalmente dominei o machado de batalha de carboneto de tungstênio. Posso rasgar através de um endoesqueleto de Mimic com um movimento do pulso.

Para derrotar os inimigos resistentes, a humanidade desenvolveu lâminas que vibram em frequências ultra-altas, pile drivers que atiram a velocidades de mil e quinhentos metros por segundo e armas de combate corpo-a-corpo explosivas que utilizaram o efeito *Munroe*[4]. Mas as armas de fogo acabam a munição. Elas travam. Elas quebram. Se você acertar uma lâmina fina pelo ângulo errado, ela vai se quebrar. E assim Rita Vrataski reintroduziu a guerra ao machado simples, porém altamente eficaz.

Era uma solução elegante. Cada impulso gerado pelo Jacket era convertido em pura força destrutiva. O machado poderia se dobrar ou lascar, mas sua utilidade como arma não seria diminuída. Na batalha, as armas que você poderia usar para espancar seu inimigo eram as mais confiáveis. As armas que haviam sido afiadas até uma borda fina, como a katana, cortariam tão profundamente que seriam enfiadas no corpo de seu inimigo e você não poderia puxá-las de volta. Havia realmente histórias sobre guerreiros que enfraqueceram suas lâminas com uma pedra antes da batalha para impedir que isso acontecesse. O machado de Rita tinha provado seu valor repetidamente.

Meu pelotão rastejou em direção à ponta norte da ilha de Kotoiushi, Jackets no modo de hibernação. Faltavam cinco minutos para que nosso comandante de pelotão desse o sinal para o início da batalha. Não importa quantas vezes eu experimente, esse era o momento que eu ficava mais tenso. Posso ver porque Yonabaru deixa qualquer merda sair da sua boca. Ferrell apenas deixa nossa conversa rolar.

“Eu estou te dizendo, você tem que se enfiar em alguma vagina, se esperar até que você esteja preso em um desses Jackets, já é tarde demais”.

“É.”

“E quanto a Mad Wargarita?” Vocês estavam conversando durante o TFM, né? Você enfiar não ia, eu sei que você ia.”

“É.”

“Você é um cara frio.”

“É?”

“Você nem se cagou, e você tá calmo como uma puta. Na minha

primeira vez eu tinha borboletas batendo um tornado no meu estômago.”

“É como um teste padronizado.”

“Do que você está falando?”

“Você não fez eles no colégio?”

“Cara, você não espera que eu me lembre da escola, não é?”

“É.” Eu tinha mudar o foco da conversa do Yonabaru, mas minha mente estava em piloto automático. “É.”

“É o quê? Eu nem disse nada.” A voz de Yonabaru me alcançou através de um nevoeiro.

Sinto como se estivesse lutando neste mesmo lugar por cem anos. Há meio ano, eu era um garoto na escola. Não poderia me importar menos com uma guerra que estava lentamente afogando a terra em seu próprio sangue. Eu vivia em um mundo de paz, cheio de família e amigos. Nunca imaginei que trocaria salas de aula e o campo de futebol por uma zona de guerra.

“Você está engraçado desde ontem.”

“É?”

“Cara, não vá ferrar com a gente. Dois de uma vez do mesmo pelotão — como é que ia parecer? E eu estava querendo perguntar: o que diabos é esse pedaço de metal que você está carregando? Que merda que você planeja fazer com isso? Tentando afirmar sua individualidade? Trabalhando em um projeto de arte?”

“É para esmagar.”

“Esmagando o quê?”

“O inimigo, principalmente.”

“Se você se aproximar, é para isso que serve o seu pile driver. Vai me dizer que está melhor com um machado? Talvez a gente devesse encher nosso pelotão com lenhadores. Hi ho, hi ho.”

“Eram os anões.”

“Bom ponto. É verdade. Ponto para você.”

Ferrell entrou em nossa conversa. “Ei, não sei onde ele aprendeu, mas ele com certeza pode usar essa coisa, mas Kiriya, só use isso quando estiverem na sua cara e você não tiver escolha. A guerra moderna ainda é travada com balas. Tente não se esquecer.”

“Sim senhor.”

“Yonabaru.”

Eu acho que o sargento sentiu que ele precisava chamar a atenção ao redor.

“Sim?”

“Só… faça o que sempre faz.”

“Que diabos, Sargento? Keiji fica com os elogios e eu fico com isso? Uma alma delicada como a minha precisa de algumas palavras inspiradoras de encorajamento também.”

“Eu poderia muito bem encorajar meu rifle por tudo o que ele já fez.”

“Você sabe o que é isso? Discriminação, é isso mesmo!”

“De vez em quando você me faz pensar, Yonabaru”, disse Ferrell, sua voz pelo link de comunicação. “Eu daria a minha pensão ao homem que inventar uma maneira de apertar o seu — merda, começou! Não deixem eles estourarem suas bolas, senhores!”

Eu saltei para a batalha, o habitual zumbido no meu capacete. Assim como das outras vezes.

Lá. Um alvo.

Eu disparo. Me abaixo. Um dardo passa pela minha cabeça.

“Quem está lá na frente, você está muito longe, quer se matar?”

Fingi seguir as ordens do líder do pelotão. Não importa quantas vidas você tem, se seguir as ordens de cada oficial fresco da academia, vai acabar entediado até morrer.

O trovão explodiu das balas que cruzavam o céu. Limpei a areia do meu capacete. Olhei para Ferrell e assenti. Levou apenas um instante para que ele percebesse que o fogo supressor que eu acabei de soltar tinha frustrado uma emboscada inimiga. Em algum lugar em Ferrell, seus instintos lhe diziam que esse recruta chamado Keiji Kiriya, que nunca tinha pisado na batalha em sua vida, era um soldado que ele poderia usar. Ele foi capaz de ver além da imprudência do que eu tinha acabado de fazer. Era esse tipo de adaptabilidade que o manteve vivo durante vinte anos.

Para ser honesto, Ferrell era o único homem no pelotão que eu poderia usar. Os outros soldados só tinham visto duas ou três batalhas no máximo. Mesmo os que sobreviveram no passado. Estes novatos não sabiam o que era andar na navalha entre a vida e a morte. Eles não sabiam que a linha que dividia os dois, a fronteira empilhada com cadáveres, era o lugar mais fácil para sobreviver. O medo que permeava cada fibra do meu ser era implacável, era cruel, e era a minha melhor esperança para passar por isso.

Essa era a única maneira de lutar contra os Mimics. Eu não sabia nada sobre outras guerras, e francamente, não me importava. Meu inimigo era o inimigo da humanidade. O resto não importava.

O medo nunca me deixou. Meu corpo tremia com ele. Quando sentia a presença de um inimigo fora de meu campo de visão, podia senti-lo

rastejar ao longo da minha espinha. Quem me disse que o medo tinha uma maneira de penetrar em seu corpo? Teria sido o líder do pelotão? Ou foi Ferrell? Talvez tenha sido algo que ouvi durante o treinamento.

Mas mesmo quando o medo esgota meu corpo, ele me acalma, me conforta. Soldados que se deixam levar por um pico de adrenalina não sobrevivem. Na guerra, o medo é a mulher sobre a qual sua mãe te avisou. Você sabia que ela não era boa para você, mas você não podia deixa-la. Tinha que encontrar uma maneira de se dar bem, porque ela não iria a lugar algum.

A 17ª Companhia do 3º Batalhão, 12º Regimento, 301ª Divisão de Infantaria Armada era munição para canhão. Se o assalto frontal fosse bem-sucedido, os Mimics que fugissem do cerco iriam nos lavar como água subindo através de um barranco seco. Se falhasse, seríamos um pelotão solitário no meio de um mar de inimigos. De qualquer forma, nossas chances de sobrevivência eram escassas. O comandante de pelotão sabia disso, e o sargento Ferrell sabia disso. Toda a companhia era formada por soldados que sobreviveram à matança em Okinawa. Quem melhor para essa tarefa de merda? Em uma operação envolvendo vinte e cinco mil Jackets, se uma companhia solitária de 146 homens for varrida, não valeria nem um memorando na mesa do ministério da defesa. Nós éramos o sacrifício cujo sangue lubrificaria as rodas da maquinaria da guerra.

Para começar, havia apenas três tipos de batalha: fodido, seriamente fodido, e fodido acima de qualquer coisa. Não adianta entrar em pânico. Haveria caos de sobra. O mesmo para os Jackets. O mesmo para o inimigo. O mesmo para os amigos. O mesmo para mim e para os músculos que não estavam prontos para o que eu exigia deles, gritando em protesto.

Meu corpo nunca mudou, mas o sistema operacional que o dirigia tinha passado por uma revisão total. Comecei como um recruta inexperiente, uma boneca de papel varrida pelos ventos da guerra. Me tornei um veterano que dobrou a guerra à própria vontade. Carreguei o fardo de uma batalha sem fim como a máquina de matar que me tornei — uma máquina com sangue e nervos no lugar de petróleo e fios. Uma máquina não fica distraída. Uma máquina não chora. Uma máquina usa o mesmo sorriso amargo dia após dia. Ele lê a batalha enquanto ela se desenrola. Seus olhos examinam o próximo inimigo antes de terminar de matar o primeiro, e sua mente já está pensando no terceiro. Não foi sorte, e não foi azar. Simplesmente era. Então continuei lutando. Se isso fosse continuar para sempre, continuaria para sempre.

Atire. Corra. Um pé, depois o outro. Continue andando.

Um dardo rasgou o ar em que eu estava apenas um décimo de segundo atrás. Ele cavou no chão antes de detonar, despejando areia no ar. Era minha vez. O inimigo não podia ver através da chuva de terra — eu podia. Lá. Um, dois, três. Eu peguei os Mimics através da improvisada cortina de poeira.

Acidentalmente chutei um dos meus amigos — o tipo de chute que você costumava quebrar uma porta quando as duas mãos estão cheias. Tinha uma arma na minha mão esquerda e um machado de batalha na minha direita. Foi uma coisa boa que Deus nos deu, dois braços e pernas. Se eu tivesse apenas três apêndices para trabalhar, não seria capaz de ajudar esse soldado, quem quer que ele fosse.

Quando me virei, cortei outro Mimic com um único golpe. Corri até o soldado caído. Ele tinha um lobo com uma coroa pintada em sua armadura — 4ª Companhia. Se eles estavam aqui, isso significa que tínhamos encontrado a principal força de assalto. A linha estava cedendo.

Os ombros do soldado tremiam. Estava em estado de choque. Se foi o Mimic ou meu pontapé que fez isso, eu não poderia dizer. Ele estava alheio ao mundo ao seu redor. Se o deixasse lá, ele seria um cadáver dentro de três minutos.

Coloquei a mão em sua placa de ombro e estabeleci comunicação de contato.

“Você se lembra de quantos pontos nós vencemos vocês no jogo?”

Ele não respondeu. “Você sabe, aquele que perderam para a 17ª Companhia.”

“O quê… o quê?” As palavras raspavam em sua garganta.

“O jogo de rugby, não se lembra? Batemos algum tipo de recorde da base, então acho que nós fizemos pelo menos dez, vinte pontos.”

Eu percebi o que estava fazendo.

“Sabe, é engraçado, eu falando com você assim… Ei, não acha que ela me acusaria por roubar sua ideia, não é? Não é como se ela tivesse uma patente ou qualquer outra coisa.”

“O que você está falando?”

“Você vai ficar bem.” Ele estava saindo do choque muito rápido — ele não era novato como eu tinha sido. Dei um tapa nas costas dele. “Você me deve, 4ª Companhia. Qual é o seu nome?”

“Kogoro Murata, e eu não te devo merda nenhuma.”

“Keiji Kiriya.”

“Essa sua atitude. Não tenho certeza se eu gosto.”

“O sentimento é mútuo, esperemos que nossa sorte se mantenha.”

Golpeamos os punhos e nos separamos.

Virei minha cabeça da esquerda para a direita. Corri. Puxei o gatilho. Meu corpo há muito havia passado a exaustão, mas uma parte de mim mantinha um senso de alerta aumentado, impossível em circunstâncias normais. Minha mente era seletiva — qualquer peça de informação que não fosse vital para a sobrevivência era automaticamente excluída.

Eu vi Rita Vrataski. O som de uma explosão anunciou sua chegada. Uma bomba guiada por laser caiu de um avião, longe do alcance do inimigo. Cobriu a distância entre nós em menos de vinte segundos, detonando precisamente onde a Valquíria tinha marcado.

Rita estava indo para o local que a bomba tinha atingido, uma mistura quebrada de detritos, partes iguais, vivas e mortas. Criaturas fluíram da cratera em direção a seu machado de batalha.

Mesmo em meio à batalha, ver o Jacket vermelho de Rita mexeu comigo. Sua mera presença dava nova vida em nossa linha quebrada. Sua habilidade era incomparável, o produto dos esforços das Forças Especiais dos EUA para criar o soldado dos soldados. Mas era mais que isso. Ela realmente era nossa salvadora.

Apenas um vislumbre de seu Jacket no campo de batalha levaria os soldados a dar outros dez por cento, mesmo que eles não tivessem mais nada. Tenho certeza de que havia homens que a veriam e se apaixonariam, como um homem e uma mulher em um navio afundando espiando um ao outro entre as ondas. A morte pode vir a qualquer momento no campo de batalha, então por que não? Os caras sábios que a chamaram de Cadela do Campo de Batalha realmente haviam vislumbrado isto.

Mas eu não acho que eles tinham o direito. Ou talvez eu estivesse começando a sentir algo por Rita Vrataski. Isso me caiu bem. Preso neste maldito loop, eu não tinha esperança de me apaixonar. Mesmo que encontrasse alguém que pudesse me amar em um dia curto, isso acabaria no próximo loop. Ele me roubou cada momento que passei com alguém.

Rita me salvou uma vez, há muito tempo. Ela me manteve calmo com sua conversa aleatória sobre chá verde. Ela me disse que ficaria comigo até eu morrer. Que melhor alvo para o meu amor não correspondido que minha salvadora?

Meu sistema continuava a responder automaticamente, apesar da distração que minhas emoções estavam dando. Meu corpo torceu. Plantei um pé no chão. Não tinha que pensar sobre a batalha que se

desdobrava diante dos meus olhos. O pensamento só atrapalhava. Decidir qual a maneira de se mover, e como, era coisas que você fazia no treinamento. Se parasse para pensar em batalha, a morte estaria lá esperando, pronta para balançar a foice.

Eu lutava.

Fazia setenta e dois minutos desde que a batalha começou. Tanaka, Maie, Ube e Nijou, todos KIA. Quatro mortos, sete feridos e zero desaparecidos. Nijou tinha pendurado o cartaz da modelo de maiô na parede. Maie era de algum lugar no interior da China. Ele nunca disse uma palavra. Eu não sabia muito sobre os outros dois. Gravei o rosto dos homens que eu deixei para morrer profundamente em minha mente. Em poucas horas a dor desapareceria, mas eu me lembraria. Como um espinho no meu coração, me atormentava e me endureceu para a próxima batalha.

De alguma forma, nosso pelotão se manteve unido. Eu podia ouvir as lâminas dos helicópteros à distância. Eles não tinham sido disparados do céu. Esta foi a melhor tentativa. O líder do pelotão não tinha palavras para o recruta que tinha tomado o controle em suas próprias mãos. De vez em quando, Ferrell disparava algumas vezes para ajudar.

E então eu vi — o Mimic que eu tinha lutado na primeira batalha que me tinha prendido neste maldito laço. Eu tinha disparado três rodadas do pile driver naquele dia. Eu não sei como, mas sabia que era ele. Do lado de fora era o mesmo cadáver de rã inchado como todo o resto, mas aqui na minha 157ª passagem através do laço, eu ainda podia reconhecer o Mimic que havia me matado pela primeira vez.

Ele tinha que morrer de forma dolorosa.

De alguma forma eu sabia que se pudesse matá-lo, eu passaria algum tipo de limite. Não pude quebrar este loop batalha após a batalha, mas algo mudaria, mesmo que fosse algo pequeno. Eu tinha certeza disso.

Fique aí. Eu estou indo até você.

Falando em cruzar fronteiras, eu não tinha lido mais nada naquele romance de mistério. Não sei por que isso se passou na minha cabeça, mas aconteceu. Passei algumas das minhas últimas preciosas horas lendo aquele livro. Eu parei assim que o detetive estava prestes a revelar o mistério. Estava tão preocupado com o treinamento que não tinha pensado nisso. Deve fazer quase um ano agora. Talvez tenha chegado a hora de terminar esse livro. Se matasse esse Mimic e chegasse ao próximo nível, eu começaria esse último capítulo.

Preparei meu machado de batalha. Tomando cuidado com o vento, eu disparei.

Estática estalou em meus fones de ouvido. Alguém estava falando comigo. Uma mulher. Era nossa salvadora, a Cadela do Campo de Batalha, Valquíria Encarnada, Mad Wargarita — Rita Vrataski.

“Quantos ciclos já se passaram para você?”

CAP. 3

Cadela do Campo de Batalha

戦場の牝犬

1

Um sol brilhante traçava sombras nítidas no chão. O ar estava tão limpo que você poderia levar um tiro de um *sniper* a quilômetros de distância. Acima do campo, a bandeira da 17ª Companhia estalava em uma brisa úmida soprando do Pacífico ao sul.

A brisa marítima continha um perfume que serpenteava pelo seu nariz e fazia cócegas em sua língua no caminho até a garganta. Rita franziu a testa. Não era o fedor de um Mimic. Parecia mais com a aparente fragrância de peixe que você sente nessas tigelas de molho *nước mắm*[1].

A tensão em tempo de guerra e a constante ameaça da morte, o Extremo Oriente realmente não era tão ruim. O litoral, tão difícil de defender, oferecia belo pôr-do-sol. O ar e água estavam impecáveis. Se Rita, que tinha cerca de um décimo do refinamento e cultura de um indivíduo comum pensava que aqui era maravilhoso, um verdadeiro turista poderia ter considerado um paraíso. Se havia um defeito aqui, era a umidade saturada.

O clima daquela noite seria perfeito para um ataque aéreo. Uma vez que o sol se pusesse, os bombardeiros carregados com munições guiadas por GPS levariam aos céus enxames que explodiriam a ilha e a trariam uma paisagem lunática e sem vida antes do ataque terrestre da manhã seguinte. O belo recife de coral e a flora e fauna nativa, compartilhariam o mesmo destino que o inimigo, se tudo fosse conforme o plano.

"Belo dia, não acha, Major Vrataski?" Uma antiga câmera pendia do pescoço grosso do homem, um tronco de sequoia em comparação com o galho fino que era o pescoço da piloto de Jacket. Rita casualmente o ignorou.

"Dias como hoje podem fazer até mesmo um avião de aço e parecer um da Vinci."

Rita suspirou. "Você está tirando uma boa fotografia agora?"

"Dificilmente é assim que se deve falar com o único fotojornalista incorporado na expedição no Japão. Estou muito orgulhoso do papel

que desempenho transmitindo ao público as verdades dessa guerra. Na verdade, 90% da verdade é a iluminação."

"Conversa mole, eles devem te amar no PR[2]. Quantas línguas você acha que tem?"

"Só a que o Senhor julgou oportuno conceder aos americanos, embora eu ouça que os russos e os cretenses têm duas."

"Bem, ouvi dizer que tem um deus japonês que arranca a língua de mentirosos, não faça nada para colocar a sua em risco."

"Vira essa boca para lá."

O canto do campo de treinamento em que Rita e o fotógrafo estavam em pé recebeu uma rajada de vento marítimo com força total. No meio do campo gigante, 146 homens da 17ª Companhia da 301ª Divisão de Infantaria Armada japonesa estavam parados em linhas ordenadas ao longo do chão. Era um tipo de treinamento chamado prancha isométrica. Rita não tinha visto isso antes.

O resto do esquadrão de Rita estava a uma curta distância, com seus grossos braços erguidos diante deles. Estavam ocupados fazendo o que os soldados faziam melhor, estavam zombando dos menos afortunados que eles. *Talvez seja assim que praticam a reverência? Ei, samurai! Tente pegar uma espada depois de uma hora fazendo isso!*

Nenhum dos companheiros de Rita se aproximava dela dentro de trinta horas antes de um ataque. Era uma regra tácita. As únicas pessoas que se atreviam a se aproximar dela era uma engenheira nativo americana que dificilmente podia ver em linha reta e o fotógrafo, Ralph Murdoch.

"Eles não se movem?" Rita parecia duvidar.

"Não, eles apenas mantêm essa posição."

"Eu não sei se chamaria isso de treinar samurais. Parece mais yoga se me perguntassem."

"É estranho encontrar semelhanças entre o misticismo e a tradição japonesa?"

"Noventa e oito!"

"Noventa e oito!"

"Noventa e nove!"

"Noventa e nove!"

Olhando para o chão como fazendeiros observando o arroz crescer, os soldados latiam acompanhando o sargento. Os gritos dos 146 homens ecoaram no crânio de Rita. Uma enxaqueca familiar enviou lapsos de dor pela cabeça. Essa era das ruins.

"Outra dor de cabeça?"

“Não é da sua conta.”

“Eu não vejo como um pelotão de médicos não pode encontrar uma cura para uma dor de cabeça.”

“Nem eu. Por que você não tenta descobrir?” Ela murmurou.

“Eles mantêm esses caras em rédea curta, nem consigo uma entrevista.”

Murdoch levantou a câmera. Não estava claro o que ele pretendia fazer com as imagens do espetáculo que se desenrolava em perfeita quietude diante dele. Talvez vendê-los para um tabloide com nada melhor para imprimir.

“Eu não tenho certeza que é de muito bom gosto.” Rita não conhecia um único soldado ali, mas não precisava saber que gostaria mais do que de Murdoch.

“Fotos não tem bom ou mal gosto. Se a imagem de um cadáver aparecesse ao clicar em um link qualquer na internet, isso poderia ser motivo para uma ação judicial. Mas se a mesma imagem aparecesse no *New York Times*, era possível ganhar o Prêmio Pulitzer[3].”

“Isso é diferente.”

“É mesmo?”

“Foi você quem invadiu o centro de processamento de dados, se não fosse por seu deslize, esses homens não estariam aqui sendo punidos, e você não estaria aqui tirando fotos deles. Isso o qualifica como desagradável.”

“Não tão rápido, eu fui acusado injustamente.” O som do flash da câmera se tornou mais frequente, mascarando a conversa.

“A segurança aqui é desleixada em comparação com o comando central. Não sei o que você quer indo aqui nessa zona rural, mas não prejudique mais ninguém fazendo isso.”

“Então você está na minha cola.” Ele disse.

“Eu só odeio ver a censura te cortar quando você encontrar algo grande.”

“O governo pode nos dizer as verdades que quiser, mas há verdades e *verdades*”, disse Murdoch. “Depende do povo decidir qual é qual, mesmo que seja algo que o governo não queira informar.”

“Como é egoísta.”

“Nomeie um bom jornalista que não é. Você tem que ser para conseguir uma história.”

“Conhece algum Sonhador?”

“Eu não estou interessado em religiões.”

“Você sabia que o Mimics se moveram quase exatamente ao mesmo

tempo que a grande operação na Flórida?"

Os Sonhadores eram um grupo pacifista civil, é claro. O surgimento dos Mimics teve um tremendo impacto nos ecossistemas marinhos. Organizações que protegiam golfinhos, baleias e outros mamíferos marinhos morreram. Os Sonhadores seguiram daí.

Eles acreditavam que os Mimics eram inteligentes e insistiam que era o fracasso da humanidade em se comunicar com eles o que gerou essa guerra. Eles raciocinaram que se Mimics poderiam evoluir tão rapidamente em armas tão potentes, com paciência, eles poderiam desenvolver os meios para se comunicar também. Os Sonhadores começaram a receber membros de um público cansado da guerra que acreditavam que a humanidade nunca poderia triunfar sobre eles, nos últimos dois a três anos, o tamanho do movimento havia aumentado.

"Entrevistei alguns antes de vir para o Japão", continuou Murdoch.

"Parece trabalho duro."

"Todos eles sonham com o mesmo dia. Nesse sonho, a humanidade perde para os Mimics, eles acham que é uma espécie de mensagem que estão tentando nos enviar, não que você precisasse que eu lhe dissesse isso."

Murdoch lambeu os lábios. Sua língua era muito pequena para seu corpo, dando a impressão distinta de um molusco. "Eu fiz um pouco de investigação e verifiquei se havia concentrações particularmente altas desses sonhos nos dias que antecedem grandes ataques pelos Estados Unidos." Nos últimos anos, mais e mais pessoas têm tido o sonho. Algumas dessas pessoas estão até mesmo nas forças armadas."

"Você acredita nisso? Escute-os por muito tempo e vai acabar pesando que os macacos eram pequenos *Einsteins*."

"Círculos acadêmicos já estão discutindo a possibilidade da inteligência dos Mimics e, talvez, não é exagerado pensar que eles tentarão se comunicar."

"Não é bom assumir que tudo o que você não entende é uma mensagem", disse Rita. Ela suspirou. "Continue assim, e a próxima coisa que vai me dizer é que encontrou sinais de inteligência em nosso governo, e nós dois sabemos que isso nunca vai acontecer."

"Muito engraçado, mas há uma ciência aqui que você não pode ignorar: cada passo acima da escada evolutiva — de um organismo unicelular para um animal de sangue frio, para um animal de sangue quente — tem visto um aumento de dez vezes no consumo de energia". Ralph lambeu os lábios novamente. "Se olhar para a quantidade de energia que um ser humano na sociedade moderna consome, é dez vezes

maior do que a de um animal de sangue quente de tamanho semelhante, mas Mimics, que são supostamente um animal de sangue frio, consomem a mesma quantidade De energia como seres humanos. “

“Isso significa que eles são mais altos do que nós na escada? Isso é uma teoria, você deveria ter publicado.”

“Eu lembro de ter ouvido dizer que teve sonhos.”

“Claro que tenho sonhos, sonhos comuns.”

Para Rita, procurar significado nos sonhos era uma perda de tempo. Um pesadelo era um pesadelo. E os ciclos de tempo em que ela tropeçou no curso da guerra, bem, eles eram algo completamente diferente. “Temos um ataque amanhã. Alguma das pessoas que você entrevistou receberam uma mensagem?”

“Certamente. Liguei para a L.A. esta manhã para confirmar: os três tiveram o sonho.”

“Agora eu sei que não é verdade, isso é impossível.”

“Como você saberia?”

“Esta é apenas a primeira vez de hoje.”

“Que vez? Como pode um dia ter uma primeira vez ou uma segunda vez?”

“Só espero que você nunca descubra.”

Murdoch encolheu os ombros. Rita voltou seu olhar para os homens azarados no campo.

Pilotos de Jackets não fazem muito uso de músculos. A resistência era o essencial, não força. Para construir sua resistência, a equipe de Rita praticava uma técnica do kung-fu, conhecida como *ma bu*. Ma bu consistia de espalhar as pernas como se estivesse a cavalo e manter a posição por um longo período de tempo. Além de fortalecer o músculo da perna, era uma maneira extremamente eficaz para melhorar o equilíbrio.

Rita não tinha certeza de qual benefício, se havia algum, a prancha isométrica traria. Parecia mais punição, pura e simples. Os soldados japoneses, empacotados como sardinhas em lata, permaneceram congelados naquela posição. Para eles, isto provavelmente estavam entre uma das piores experiências de suas vidas. Mesmo assim, Rita sentia inveja dessa simples lembrança. Rita não tinha compartilhado esse tipo de experiência descartável com alguém há muito tempo.

O vento sufocante puxou seus cabelos avermelhados. Sua franja, que há muito não cortava, fez sua coceira em sua testa.

Este era o mundo do início do loop. O que aconteceu aqui só Rita se lembraria. O suor dos soldados japoneses, os gritos e as zombarias das

Forças Especiais dos EUA — tudo desapareceria sem deixar vestígios.

Talvez tivesse sido melhor não pensar nisso, mas vendo esses soldados treinando no dia anterior a um ataque, camisas suadas que se colavam à pele no ar úmido, sentiu pena deles. De certa forma, isso era culpa dela por trazer Murdoch junto.

Rita decidiu encontrar uma maneira de encurtar o TFM e pôr fim a este exercício aparentemente inútil. E se instigasse um espírito de luta samurai? Eles ainda se molhariam da primeira vez que se deparassem com um assalto de um Mimic. Ela queria parar aquilo, mesmo que fosse um gesto sentimental que ninguém jamais apreciaria.

Examinando o campo de treinamento, Rita encontrou um par de olhos desafiadores olhando diretamente para ela. Ela estava acostumada a ser olhada com temor, admiração, até medo, mas ela nunca tinha visto isso: um olhar cheio de um ódio tão desenfreado de um completo estranho. Se uma pessoa pudesse disparar lasers de seus olhos, Rita teria sido cozida mais rápida que um peru de Ação de Graças.

Ela só tinha encontrado um outro homem cujos olhos se aproximavam da mesma intensidade. Os profundos olhos azuis de Arthur Hendricks não tinham medo. Rita o havia matado, e agora aqueles olhos azuis estavam enterrados profundamente na terra fria.

A julgar por seus músculos, o soldado olhando para ela era um novato não muito tempo fora do acampamento. Nada como Hendricks. Ele era americano, tenente e comandante do esquadrão das Forças Especiais dos EUA.

A cor dos olhos deste soldado era diferente. Seu cabelo, também. Seu rosto e seu corpo não chegavam nem perto. Ainda assim, havia algo sobre esse soldado asiático que Rita Vrataski gostava.

2

Rita muitas vezes se perguntava como seria o mundo se houvesse uma máquina que pudesse medir definitivamente o potencial de uma pessoa.

Se o DNA determina a altura de uma pessoa ou a forma de seu rosto,

por que não suas características menos óbvias? Nossos pais e mães, avôs e avós — em última análise, cada indivíduo é produto do sangue que fluiu nas veias daqueles que vieram antes. Uma máquina poderia ler essa informação e atribuir um valor a ela, tão simples quanto medir altura ou peso.

E se alguém que tivesse o potencial de descobrir uma fórmula para desvendar os mistérios do universo, mas se tornar um escritor de livros de ficção? E se alguém que tivesse o potencial de criar iguarias gastronômicas inigualáveis se focar em engenharia civil? Existe aquilo que desejamos fazer e o que podemos fazer. Quando essas duas coisas não coincidem, que caminho devemos buscar para encontrar a felicidade?

Quando Rita era jovem, ela tinha um dom para duas coisas: arremessar ferraduras e fingir chorar. A ideia de que seu DNA continha o potencial de se tornar uma grande guerreira não poderia estar mais longe de sua mente.

Antes de perder seus pais aos quinze anos, era uma garota comum que não gostava de seu cabelo cor de cenoura. Ela não era particularmente boa em esportes, e suas notas na escola secundária eram medianas. Sua aversão aos pimentões e ao aipo não a destacavam. Apenas sua capacidade de fingir chorar era verdadeiramente excepcional. Ela não conseguia enganar a mãe, cujos olhos de águia enxergavam através de cada estratagema, mas com qualquer outra pessoa ela os tinha na palma da mão depois de alguns segundos de lágrimas. A única outra característica distintiva de Rita eram os cabelos vermelhos que herdara de sua avó. Todo o resto era exatamente como qualquer um dos trezentos milhões de americanos.

Sua família morava em Pittsfield, uma pequena cidade a leste do rio Mississipi. Não a Pittsfield na Flórida, não a Pittsfield em Massachusetts, mas a Pittsfield em Illinois. Seu pai era o filho mais novo de uma família de artistas marciais — principalmente jiu-jitsu. Mas Rita não queria ir a uma academia militar ou praticar esportes. Ela queria ficar em casa e criar porcos.

Com exceção dos jovens que se inscreveram na UDF, a vida para o povo de Pittsfield era pacífica. Era um lugar fácil para esquecer que a humanidade estava no meio de uma guerra contra um estranho e terrível inimigo.

Rita não se importava de morar em uma pequena cidade e nunca ver ninguém além das mesmas quatro mil pessoas. Ouvir os guinchos dos

porcos dia após dia pode ser um pouco cansativo, mas o ar era limpo e o céu vasto. Ela tinha um esconderijo secreto onde poderia sonhar acordada e procurar trevos de quatro folhas.

Um velho comerciante aposentado tinha uma pequena loja na cidade. Ele vendia tudo, de alimentos até pequenas cruzes de prata que deveriam manter o Mimics afastados. Ele vendia todos os tipos de grãos de café que você não poderia encontrar em nenhum outro lugar.

Os ataques Mimic tinham transformado a maior parte da terra cultivável de países em desenvolvimento em deserto, café natural, chá e tabaco viraram luxo e extremamente difíceis de encontrar. Eles foram substituídos semelhantes artificiais que não chegavam perto de ser a mesma coisa.

A cidade de Rita era uma das muitas tentativas de fornecer os produtos e animais necessários para uma nação faminta e seu exército.

As primeiras vítimas dos ataques Mimics também eram as mais vulneráveis: as regiões mais pobres da África e da América do Sul. Os arquipélagos do Sudeste Asiático. Países que não tinham meios para se defender apenas observavam como o deserto devorava suas terras. As pessoas abandonaram o cultivo de culturas comerciais — o café, o chá, o tabaco e as especiarias cobiçadas em nações mais ricas — e começaram a cultivar alimentos básicos, feijão e sorgo, tudo para evitar a fome. As nações desenvolvidas geralmente eram capazes de parar o avanço dos Mimics no litoral, mas grande parte do produto que tomavam como certo desapareceu do mercado durante a noite.

O pai de Rita, que cresceu em um mundo onde até mesmo os Midwesterners[4] podiam comer sushi fresco todos os dias, era um viciado em café, sem exageros. Ele não fumava nem bebia — o café era seu vício. Muitas vezes, ele tomava Rita pela mão e saia com ela para a loja do velho quando a mãe de Rita não estava olhando.

O velho tinha pele bronzeada e barba branca espessa.

Quando ele não estava contando histórias estava mastigando a ponta do cachimbo. Passava os dias rodeado de produtos exóticos de países de onde a maioria das pessoas nunca ouvira falar. Havia pequenos animais trabalhados em prata. Bonecas grotescas. Totens esculpidos com os rostos de pássaros ou animais estranhos. O ar da loja era uma mistura inebriante da fumaça do velho, especiarias incontáveis, todos os grãos de café natural e ainda uma pitada do solo rico em que cresceram.

“Esses feijões são do Chile, aqui são do Malawi, na África, e eles viajaram até a estrada da Seda do Vietnã para a Europa”, contava para Rita. Os feijões pareciam todos iguais, mas ela apontava e o velho

despejava seu conhecimento.

"Tem algum tanzaniano hoje?" Seu pai era bem versado em café.

"O que, você já terminou o último lote?"

"Agora você está começando a falar como minha esposa, o que posso fazer? Eles são meus favoritos."

"Que tal estes — dos bons. Café Premium de Kona, plantado no Havaí. É raro encontrar destes mesmo em Nova York ou Washington. Sinta esse aroma!"

As rugas na cabeça do velho se aprofundaram enquanto sorria. O pai de Rita cruzou os braços, claramente impressionado. Ele estava gostando. O balcão era ligeiramente mais alto que a cabeça de Rita, então ela teve que ficar na ponta dos pés para dar uma boa olhada.

"Eles chegaram ao Havaí, eu vi na TV."

"Você está certamente bem informada, moça."

"Fique esperto, as crianças veem bem mais notícias do que os adultos, tudo o que a gente se importa é basebol e futebol."

"Você está certo." O velho acariciou sua testa. "Sim, este é o último, o último café de Kona na face da terra. Quando acabar, adeus."

"Onde conseguiu algo assim?"

"Isso, minha querida, é um segredo."

O saco estava cheio de feijões de cor creme. Eles eram um pouco mais redondos do que a maioria dos grãos de café, mas pareciam comuns em todos os outros aspectos.

Rita pegou um dos grãos e o inspecionou. O espécime era fresco e agradável ao toque. Ela imaginou o feijão tomando o sol de um céu azul que se estendia até o horizonte. Seu pai lhe contou sobre o céu nas ilhas. Rita não se importava que o céu em Pittsfield fosse um azul fino e aguado, mas queria ver pelo menos uma vez o céu que banhava aqueles feijões com o calor do sol.

"Você gosta de café, moça?"

"Não, não é doce. Prefiro o chocolate."

"Que pena."

"Mas cheiram bem, e estes definitivamente cheiram melhor", disse Rita.

"Ah, então ainda há esperança para você. O que me diz, quer assumir a minha loja quando eu me aposentar?"

O pai de Rita, que até então não tinha levantado os olhos dos grãos de café, interrompeu. "Não coloque nenhuma ideia na cabeça dela, precisamos de alguém para continuar na fazenda, e ela é tudo que temos."

“Então, talvez ela possa encontrar um garoto ou uma garota capaz para cuidar da minha loja, hein?”

“Não sei, vou pensar nisso.” Respondeu Rita com indiferença.

Seu pai colocou a sacola de café que estava admirando e se ajoelhou para olhar Rita nos olhos.

“Eu pensei que você queria ajudar na fazenda.”

O velho interveio apressadamente: “Deixe a criança se decidir, ainda é um país livre.”

Uma luz brilhou nos olhos da jovem Rita. “Isso mesmo pai, eu tenho que escolher, certo? Desde que não me façam entrar no exército.”

“Não gosta do exército, hein? A UDF não é tão ruim, sabia?”

O pai de Rita franziu o cenho. “Você está falando com a minha filha.”

“Mas qualquer um pode se alistar uma vez que completem dezoito. Todos nós temos o direito de defender nosso país, filho e filha igualmente. É uma oportunidade.”

“Não tenho certeza se quero minha filha nas forças armadas.”

“Mas eu já nem quero me juntar ao exército, pai.”

“Oh, por que não?” Um olhar de genuína curiosidade cruzou o rosto do velho.

“Você não pode comer Mimics, eu li em um livro que não se deve matar animais que não pode comer. Nossos professores e nosso pastor, todos dizem isso.”

“Você vai ser bem cabeça dura quando crescer, não é?”

“Eu só quero ser como todo mundo.”

O pai de Rita e o velho olharam um para o outro e deram uma risada. Rita não entendia o que era tão engraçado.

Quatro anos mais tarde, os Mimics atacariam Pittsfield. O ataque ocorreu no meio de um inverno absurdamente duro. Neve caia mais rápido do que dava para remover. A cidade estava paralisada.

Ninguém sabia isso na época, mas os Mimics enviam algo parecido com batedores antes de um ataque, um grupo pequeno e rápido que tem como objetivo avançar o máximo possível e retornar com informações. Naquele mês de janeiro, três Mimics passaram pela quarentena da UDF e subiram o rio Mississippi sem serem detectados.

Se os habitantes da cidade não tinham notado algo suspeito se movendo nas sombras, dificilmente a parte agrícola de Pittsfield perceberia. Como esperado, foi um massacre.

A guarda do estado foi imobilizada pela neve. Levaria horas antes que um pelotão da UDF pudesse ir de helicóptero. Até então, metade dos prédios da cidade haviam queimado e um em cada três dos quinze mil

habitantes da cidade estava morto. O prefeito, o pastor e o velho da loja estavam entre os mortos.

Homens que escolheram cultivar milho em vez de se juntar ao exército morreram lutando para defender suas famílias. As armas pequenas não eram úteis contra Mimics. Balas só ricocheteavam em seus corpos. Dardos mimics rasgavam as paredes de casas de madeira, até mesmo tijolo, com facilidade.

No fim das contas, um grupo de habitantes da cidade derrotaram os três Mimics com as mãos. Eles esperaram até que os Mimics estivessem prestes a disparar antes de agir, derrubaram as criaturas com os dardos uns dos outros. Mataram dois deles desta maneira e expulsaram o terceiro.

Morrendo, a mãe de Rita abrigou sua filha em seus braços. Rita observava na neve enquanto seu pai lutava e era morto. Fumaça espiralada para cima das chamas. Cinzas se espalhavam na noite. O céu brilhava em vermelho.

De baixo do corpo de sua mãe, já começando a esfriar, Rita pensou. Sua mãe, uma devota cristã, lhe dissera que fingir chorar era uma mentira e que se mentisse, quando Deus julgasse sua alma, ela não seria aceita no Céu. Quando sua mãe disse a Rita que se Mimics não mentissem poderiam entrar no céu, a menina ficou irritada. Mimics não eram da Terra. Eles não tinham alma, certo? Se tivessem, e eles realmente fossem para o Céu, Rita se perguntou se as pessoas e os Mimics lutariam lá em cima. Talvez seus pais quisessem isso.

O governo mandou Rita morar com alguns parentes distantes. Ela roubou o passaporte de um refugiado três anos mais velho do que ela, que morava em um apartamento vizinho caindo aos pedaços e se dirigiu para o ponto de recrutamento da UDF.

Em todo o país, as pessoas estavam ficando cansadas da guerra. A UDF precisava de todos os soldados que conseguissem para as linhas de frente.

Desde que o requerente não tivesse cometido um crime particularmente hediondo, o exército não expulsaria ninguém. Legalmente, Rita não tinha idade suficiente para se alistar, mas o oficial de recrutamento nem sequer olhou para o seu passaporte roubado antes de lhe entregar um contrato.

O exército concedia às pessoas um último dia para desistirem do alistamento se tivessem dúvidas. Rita, cujo sobrenome era agora Vrataski, passou seu último dia em um banco duro do lado de fora do escritório da UDF.

Rita não tinha segundas intenções. Ela só queria uma coisa: matar cada Mimic que invadiu seu planeta. Ela sabia que conseguiria. Ela era filha de seu pai.

3

Na próxima noite clara, olhe para cima na direção da constelação que a humanidade chama de Câncer. Entre as pinças da garra direita daquele caranguejo gigante no céu está uma estrela fraca. Não importa o quanto encare, você não vai vê-la a olho nu. Ela só pode ser vista através de um telescópio. Mesmo se pudesse viajar à velocidade da luz, rápido o suficiente para circundar a terra sete vezes e meia em um único segundo, levaria mais de quarenta anos para alcançar aquela estrela. Os sinais da Terra dispersam-se na sua jornada através do vasto abismo entre os dois.

Em um planeta girando em torno desta estrela, a vida floresceu em maior número e diversidade do que na Terra. Civilizações mais avançadas do que a nossa prosperaram e criaturas com inteligência muito superior à do *Homo sapiens* dominaram. Neste conto fantasioso, vamos chamá-los de pessoas.

Um dia, uma pessoa neste planeta inventou um dispositivo chamado *bomba ecoforming*. O dispositivo poderia ser fixado na ponta de uma espaçonave. Esta nave, muito mais simples do que qualquer nave semelhante carregada de vida e dos meios para apoiá-la, poderia atravessar o vazio do espaço com relativa facilidade. Ao chegar ao seu destino, a carga útil do navio detonaria, espalhando nanorobôs sobre a superfície do planeta.

Imediatamente após a chegada, os nanorobôs começariam a remodelar o mundo, transformando qualquer ambiente hostil em um adequado para colonização pelas pessoas que os fizeram. O processo real é muito mais complicado, mas os detalhes não são importantes. A nave espacial que transportava colonos para o novo mundo chegaria depois que os nanorobôs já tivessem completado a transformação.

Os estudiosos entre essas pessoas questionaram se era ético destruir o ambiente existente de um planeta sem primeiro examiná-lo. Afinal, uma vez feito, o processo não pode ser desfeito. Parecia razoável concluir que um planeta tão prontamente adaptado para sustentar a vida de seu próprio mundo também poderia acolher a vida indígena, talvez até mesmo a vida inteligente. Eles se perguntavam se era certo roubar um mundo dos seus habitantes nativos.

Os criadores do dispositivo argumentaram que sua civilização foi construída sobre avanços que não podiam ser desfeitos. Para expandir seu território, eles nunca haviam evitado sacrificar vidas no passado. Florestas tinham sido limpas, pântanos drenados, barragens construídas. Havia inúmeros exemplos de pessoas destruindo habitats e extinguindo espécies em benefício próprio. Se eles fizeram isso em seu próprio planeta, por que algum mundo desconhecido no vazio do espaço seria tratado de maneira diferente?

Os eruditos insistiram que o ecoforming de um planeta que pudesse abrigar a vida inteligente requeria a supervisão direta. Seus protestos foram registrados, considerados e, finalmente, ignorados.

Havia preocupações maiores do que a preservação de qualquer vida. As pessoas se tornaram muito numerosas para seu próprio planeta, por isso precisavam de outro para sustentar sua crescente população. A estrela-mãe do mundo escolhido não poderia estar a uma distância muito grande, nem seria suficiente uma estrela binária. O próprio planeta teria que manter uma órbita em torno de uma estrela da Classe G a uma distância suficiente para que a água existisse na forma líquida. O sistema de uma estrela que atendia a esses critérios era a estrela que chamamos de sol. Eles não se preocuparam por muito tempo que esta estrela poderia ser a única neste canto da Via Láctea que era lar de vida inteligente como a sua. Nenhuma tentativa foi feita para se comunicar. O planeta estava a mais de quarenta anos à velocidade da luz, e não havia tempo para esperar oitenta anos para a chance de uma resposta.

A nave construída naquele planeta distante finalmente atingiu a Terra. Não trouxe consigo nenhum membro de sua espécie. Sem armas de invasão. Era basicamente nada mais do que uma máquina de construção.

Quando foi detectado, o artefato interestelar chamou a atenção do mundo. Todas as tentativas da Terra de entrar em contato ficaram sem resposta. Então, a nave se dividiu em oito peças. Quatro delas afundaram no oceano, enquanto três caíram em terra. A última continuou em órbita. As peças que caíram no Norte da África e Austrália

foram entregues à OTAN. Rússia e China lutaram pela peça que caiu na Ásia, mas a China saiu na frente. Depois de muita discussão entre as nações, a nave-mãe em órbita foi reduzida a um pequeno pedaço de lixo espacial por uma onda de mísseis.

As máquinas de que caíram no fundo do oceano começaram a executar suas instruções calma e metodicamente. Os nanorobôs penetraram nos endoesqueletos rígidos da estrela do mar e começaram a se multiplicar em simbiose com seus hospedeiros.

As criaturas resultantes se alimentavam do solo. Eles comeram o mundo e cagaram veneno. O que passava por seus corpos era tóxico para a vida na Terra, mas adequado para as pessoas que os enviaram. Lentamente, a terra onde as criaturas alimentadas morriam e se tornava deserto. Os mares onde se espalharam se tornaram um verde leitoso.

Inicialmente, pensava-se que as criaturas eram o resultado de mutações causadas por escoamento químico, ou talvez alguma forma de vida pré-histórica liberada pela atividade tectônica. Alguns cientistas insistiram que era uma espécie de salamandra evoluída, embora não tivessem nenhuma evidência para apoiar sua conclusão. Eventualmente, essas novas criaturas formaram grupos e começaram a se aventurar fora da água. Elas continuaram seu trabalho para remodelar a terra sem respeito pela sociedade do homem.

Quando apareceram pela primeira vez na terra, os invasores não eram armas de guerra. Eles eram lentos, e um grupo de homens armados poderia facilmente derrota-los. Mas, como baratas que desenvolvem resistência aos pesticidas, as criaturas alienígenas evoluíram. As máquinas que os criaram concluíram que, para cumprir seu objetivo, teriam que remover os obstáculos que se interpunham em seu caminho.

A guerra tomou o mundo. O dano foi rápido e maciço. Em resposta, uma Força de Defesa Unificada mundial foi estabelecida. A humanidade tinha um nome para o inimigo que trouxe o mundo à beira da ruína. Nós os chamamos Mimics.

Rita Vrataski se juntou às Forças Especiais dos EUA depois da batalha que lhe valeu a Medalha de Valor do Thor. A medalha, que tem semelhança ao tal deus brandindo um martelo, é concedida a qualquer soldado que mata dez ou mais Mimics em uma única batalha. Os Mimics se mostraram como o único inimigo capaz de se defender contra um pelotão de cinquenta soldados armados mandando uma saraivada de balas. Poucas medalhas Thor precisavam ser entregues.

O oficial que pendurou a brilhante medalha no pescoço de Rita a elogiou por se juntar às fileiras de elite daqueles que poderiam afirmar terem derrubado dois punhados de Mimics. Rita foi a primeira soldado na história a receber a honra em sua segunda batalha. Havia alguns que se perguntavam em voz alta, na sua cara, como Rita conseguiu as habilidades necessárias para realizar tal façanha apenas em sua segunda operação de campo. Rita respondia com uma pergunta:

"Cozinhar é perigoso?"

A maioria responderia que não. Qual a diferença entre um fogão e um lançador de chamas de curto alcance? Vários materiais inflamáveis podem estar guardados por baixo da pia da cozinha. Prateleiras forradas com panelas podiam enfraquecer e cair em uma avalanche de ferro e aço. A faca de um açougueiro podia matar tão facilmente quanto uma adaga.

No entanto, poucas pessoas consideravam cozinhar uma profissão perigosa, e na verdade, o perigo real é remoto. Qualquer pessoa que tenha passado algum tempo em uma cozinha está familiarizado com os riscos inerentes e sabem o que pode ser feito com segurança e o que não pode. Nunca jogue água em óleo quente, mantenha a faca afiada longe de sua artéria, não use veneno de rato quando a receita pede queijo parmesão.

Para Rita, a guerra não era diferente.

Os ataques dos Mimics eram simples. Eles lembravam Rita dos porcos que ela havia criado em Pittsfield. Soldados escolhiam um Mimic para atacar, mas Mimics faziam as coisas diferente. Como uma vassoura varrendo a poeira do chão, Mimics atacavam grupos inteiros de soldados ao mesmo tempo. Contanto que soubesse como evitar a vassoura, não importa quantas vezes o Mimics atacasse, você não seria varrido. O segredo para lutar contra os Mimics não era evitar o perigo, era correr ao lado dele.

Experimente na próxima vez. É fácil.

Isso geralmente era o suficiente para fazê-los deixá-la sozinha. Eles encolhiam os ombros e saíam, aturdidos.

Rita, que acabava de completar dezesseis anos, não entendia por que ela era tão talentosa na batalha. Ela teria sido mais feliz se fosse boa em assar tortas de carne, ou saber exatamente quando uma porca iria parir, mas aparentemente Deus tinha senso de humor. Ele deve ter notado que ela cochilava durante os sermões todos os domingos que seus pais a levaram para a igreja.

Forças Especiais era um lugar para individualistas, para pessoas com problemas de autoridade. Todos na equipe eram supostamente assassinos que tiveram que escolher entre o exército e o laço. Eles eram rapazes que atirariam em uma pessoa ao falar com ela, eles não diferenciavam amigos de inimigos quando disparavam rodadas de 20mm. Era uma tarefa árdua, e eles estavam sempre procurando corpos frescos para preencherem os buracos deixados por todos os KIAs.

Na verdade, a unidade de Rita acabou por ser um pelotão cheio de veteranos endurecidos pela batalha. Se derretesse todas as medalhas ganhas naquele esquadrão, poderia fazer um haltere de classe olímpica.

O esquadrão estava cheio de fodões que foram e voltaram do Inferno tantas vezes que já estavam em acordo com o Diabo. Quando a merda começava, eles contavam piadas. Não o tipo de piada que diria a sua mãe durante o jantar. Contrariamente à sua reputação, no entanto, havia alguns bons rapazes no bando. Rita se aproximou imediatamente de seus novos companheiros.

Um primeiro tenente chamado Arthur Hendricks mantinha o pelotão unido. Tinha cabelos loiros reluzentes, olhos azuis penetrantes e uma bela esposa tão delicada que você tinha que ter cuidado para não a quebrar quando desse um abraço. Não importa quão pequena a operação, Hendricks sempre ligava para ela, por isso era constantemente ridicularizado pelo resto da equipe.

Em um esquadrão onde todos, homens e mulheres, usavam uma linguagem que faria uma freira ter um ataque cardíaco, Hendricks era o único homem que nunca proferiu um xingamento. A princípio, ele tratou Rita como uma irmãzinha. Ela nunca iria admitir, mas ela gostava.

Rita estava na equipe há cerca de meio ano quando ficou presa no loop de tempo que ditou o ritmo de sua vida desde então. A batalha que transformaria Rita Vrataski na Valquíria foi uma operação especial, mesmo para padrões das Forças Especiais dos EUA. O presidente queria a reeleição e precisava entregar uma vitória militar para garantir a sua própria.

Sob as objeções de seus generais e da mídia, ele comandou tudo na

operação, cada tanque, cada helicóptero de ataque que poderia permanecer no ar e mais de dez mil pelotões de soldados Jacket. Seu objetivo: recuperar o controle da península da Flórida. Era a batalha mais perigosa, mais imprudente e, de longe, a mais dura que Rita jamais viu.

As Forças Especiais tinham muitas palavras de quatro letras no vocabulário, mas o *medo* não era uma delas. Mesmo assim, era necessário mais de um esquadrão para vencer uma guerra sem esperança contra um inimigo superior. Um Jacket concedia força sobre-humana, mas isso não transformava as pessoas em super-heróis. Durante a Segunda Guerra Mundial, Erich Hartmann havia derrubado 352 aviões na Frente Russa, mas a Alemanha ainda perdeu a guerra. Se os cabeças do exército elaborassem planos que exigissem o impossível, a missão falharia, simples assim.

Após a batalha, Jackets abandonados estavam espalhados pela península da Flórida, suas cascas quebradas servindo como caixões para os cadáveres.

Rita Vrataski de alguma forma conseguiu o fio que serpenteava entre a vida e a morte. Ela tinha retorcido seu pile driver antes de perdê-lo completamente. Estava com pouca munição. Ela apertava seu rifle de 20mm tão forte que poderia muito bem ter se fundido com sua mão. Lutando contra o desejo de vomitar, ela tirou as baterias dos corpos de seus amigos caídos. Ela descansava seu rifle em seus braços.

“Você parece que está tendo um dia ruim.”

Era Hendricks. Ele se sentou ao lado de Rita que estava agachada em um buraco no chão e olhava para o céu como se estivesse tentando desvendar a forma das nuvens. Bem na frente deles, um dardo, zunindo, se lançou do chão. Uma espessa fumaça negra saía da cratera. Imagens de Pittsfield queimando contra um céu vermelho permearam os pensamentos de Rita.

Hendricks sabia que tinha que trazer Rita de volta onde quer que estivesse. “Minha mãe uma vez me disse que em partes da China, eles misturam sangue animal com seu chá.”

Rita não podia falar. Sua garganta estava seca e duvidava se conseguiria engolir.

Hendricks continuou. “Os nômades podem montar cavalos. Homens, mulheres e até mesmo crianças. Na Idade Média, foi a mobilidade que lhes permitiu conquistar a maior parte da Eurásia, nem mesmo a Europa foi poupada. Um país após outro — estrangeiros selvagens que bebiam sangue em xícaras de chá — se aproximavam cada vez mais, isso lhes

dava pesadelos… Algumas pessoas pensam que na verdade aqueles nômades chineses que deram origem às lendas sobre vampiros da Europa Oriental."

"…tenente?"

"Minha pequena história te aborrece?"

"Estou bem, tenente, desculpe, não vai acontecer de novo."

"Ei, todos nós precisamos de uma pausa às vezes, especialmente em uma maratona como esta, só mais um pouco e será hora de entrar nos chuveiros." Ele terminou de falar e foi para o próximo soldado. Rita voltou para a briga.

E então ela viu. Um Mimic que se destacava do resto. Não parecia diferente dos outros — outra rã inchada em um mar de anfíbios encharcados. Mas havia algo sobre este que o distinguia. Talvez passar tanto tempo em próxima da morte tivesse aguçado sentidos que ela não sabia que tinha, revelando segredos que se escondiam da visão normal.

Quando ela matou o Mimic, o loop começou.

Havia sempre um Mimic no centro da rede, uma espécie de rainha. Sua aparência exterior era a mesma das outras. Assim como todos os porcos pareciam semelhantes a alguém que não estava no ramo de criação de porcos, a diferença entre os Mimic era uma que só Rita podia ver. De alguma forma, enquanto ela lutava e matava inúmeros Mimics, ela começou a distingui-los. Era algo sublime, que misturava com instinto. Não poderia explicar a diferença mesmo se tentasse.

O lugar mais fácil para esconder uma árvore era na floresta.

O lugar mais fácil para esconder um oficial era entre os subordinados.

O Mimic no coração de cada grupo estava escondido à vista. Pense nisso como o servidor da rede.

Quando você mata o servidor, a rede Mimic emite um tipo específico de sinal. Os cientistas a identificariam mais tarde como um pulso de *tachyon*, ou alguma outra partícula que pudesse viajar através do tempo, mas Rita realmente não entendeu nada disso. A parte importante era que o sinal emitido por Mimics que tinham perdido seu servidor viajava no tempo para adverti-los do perigo iminente que enfrentavam.

O perigo aparecia na lembrança dos Mimics como um presságio, uma janela para o futuro. Os Mímicos que recebiam essa visão poderiam modificar suas ações para se afastar do perigo. Esta era apenas uma das muitas tecnologias descobertas por essa raça avançada de uma estrela distante. O processo, construído no design de cada máquina serviu como um sistema de advertência para evitar algum acidente de perturbar o plano transformação da terra.

Mas os Mimics não eram os únicos que poderiam se beneficiar desses sinais. Mate um servidor Mimic enquanto está em contato elétrico com ele e o ser humano receberia o mesmo dom de previsão significou para a rede. O sinal *tachyon* enviado para o passado não distingue entre Mimic e humano, e quando chegava, os seres humanos percebiam o presságio como um sonho, preciso em cada detalhe.

Para realmente derrotar uma força de ataque Mimic, você tem que primeiro destruir sua rede e todos os backups que ele contém, em seguida, destruir o servidor Mimic. Caso contrário, não importa quantas estratégias diferentes você tente, o Mimics sempre desenvolverá uma contra estratégia que garanta a sua sobrevivência.

1. Destrua o roteador.
2. Massacre cada Mimic sendo usado como backup para a rede.
3. Uma vez eliminada a possibilidade de transmissões para o passado, destrua o servidor.

Três passos simples para escapar para o futuro. Rita levou 211 loops para perceber.

Ninguém para quem Rita contou acreditou nela. O exército estava acostumado a lidar com fatos concretos. Ninguém estava interessado em histórias estranhas envolvendo loops temporais. Quando Rita finalmente saiu do loop e chegou ao futuro, ela descobriu que Arthur Hendricks estava morto. Ele foi um dos vinte e oito mil mortos na batalha.

Nos dois dias que Rita passou em um loop interminável de lutas, ela conseguiu pesquisar a história da guerra, vasculhar as fontes, obter informações sobre os Mimics, alistar uma engenheira para fazer um machado de batalha para ela. Tinha conseguido quebrar o loop, mudar seu próprio futuro, contudo o nome de Hendricks terminou com as letras KIA impressas ao lado.

Rita finalmente entendeu. Isso era a guerra de fato. Todo soldado que morre em batalha era apenas mais um no cálculo de vítimas estimadas. Suas dificuldades, alegrias e medos nunca entraram na equação. Alguns viveriam, outros morreriam. Tudo dependia do deus imparcial da morte chamado probabilidade. Com o benefício de sua experiência no loop temporal, Rita seria capaz de salvar algumas pessoas no futuro. Mas sempre haveria aqueles que ela não poderia salvar. Pessoas com pais, mães, amigos, talvez até irmãos, irmãs, esposas, maridos, filhos. Se ela pudesse repetir o loop outra vez, talvez pudesse encontrar uma maneira de salvar Hendricks — mas a que custo? Rita Vrataski estava sozinha no

ciclo do tempo, e para que ela conseguisse escapar, alguém teria que morrer.

Hendricks fez um último telefonema antes daquela batalha. Ele soube que tinha acabado de se tornar pai, e ficou chateado porque a foto do garoto, que ele havia impresso e gravado dentro de seu Jacket, ficou suja. Ele queria ir para casa, mas colocou a missão em primeiro lugar. Rita já ouvira a conversa telefônica 212 vezes. Ela sabia de cor.

Rita recebeu uma medalha por seu distinto serviço na batalha — a Ordem da Valquíria, dada aos soldados que mataram mais de cem Mímicos em uma única batalha. Tinham criado a honra apenas para ela. E porque não? O único soldado em todo o planeta que poderia matar tantos Mimics em uma única batalha era Rita Vrataski.

Quando o presidente cravou a brilhante medalha no peito de Rita, ele a elogiou como um anjo de vingança no campo de batalha e a declarou um tesouro nacional. Ela pagou a medalha com o sangue de seus irmãos e irmãs.

Ela não derramou uma lágrima. Os anjos não choram.

5

Rita foi redistribuída. O nome Cadela do Campo de Batalha e o temor que inspirava se espalhou através das fileiras. Uma equipe de pesquisa secreta foi criada para estudar o ciclo de tempo. Depois de cutucar, cutucar e sondar Rita, os laboratórios redigiram um relatório alegando que era possível que os laços tivessem alterado o cérebro de Rita, que essa era a causa de suas dores de cabeça e meia dúzia de outras coisas que realmente não responderam nenhuma pergunta. Se isso significava limpar os Mimics da face da terra, ela não se importava se isso partisse seu crânio em dois.

O presidente deu a Rita autoridade para agir com total autonomia no campo de batalha. Ela falava cada vez menos com os outros membros de sua equipe. Tinha um quarto de aluguel em Nova York, onde guardava as medalhas que continuava a receber.

6

Rita estava na Europa. A guerra continuava.

7

Norte da África.

Quando Rita ouviu que sua próxima missão seria em algumas ilhas do Extremo Oriente, ficou contente. Os cadáveres asiáticos seriam uma mudança dos habituais negros e brancos da frente ocidental. Claro, não importava a quantidade de peixe cru que eles comiam, o sangue ainda jorrava como a mesma mancha vermelha quando um dardo rasgava um homem e seu Jacket. Depois de um tempo, ela provavelmente também se cansaria de vê-los.

8

Rita estava familiarizada com a pesca de corvos-marinhos, uma técnica tradicional japonesa. Os pescadores amarram um laço na base do pescoço do corvo-marinho treinado o suficiente para evitar que engula qualquer peixe maior que ele pegar e, em seguida, dão corda suficiente para permitir que o pássaro mergulhe na água. Uma vez que o corvo-marinho pegar um peixe, os pescadores puxam o pássaro de volta e o fazem cuspir sua captura. Rita achava que seu relacionamento com o exército era muito parecido com o relacionamento de um corvo-marinho com o pescador.

Rita estava no exército porque era assim que ela ganhava a vida. Seu trabalho era sair, matar Mimics e trazer seus cadáveres de volta para seus senhores. Em troca, eles lhe forneciam tudo o que ela precisava para viver e cuidavam dos pequenos aborrecimentos da vida sem que ela tivesse que saber que eles estavam lá. Era um relacionamento de ganho mútuo e em sua mente era justo.

Rita não gostava da noção de ser a salvadora da terra, mas se é isso que o exército queria, que assim seja. Em tempos de escuridão, o mundo precisava de uma figura para que as pessoas se recuperassem.

A linha de quarentena do Japão estava à beira do colapso. Se o inimigo conseguisse atravessar Kotoiushi, Mimics invadiriam o complexo industrial na ilha principal. Com as fábricas e tecnologias de ponta do Japão perdidas, haveria uma queda estimada em 30% na eficácia dos Jackets que usavam para travar a guerra. As ramificações seriam sentidas em toda a UDF.

Sem alguém para interromper as transmissões do *tachyon*, a batalha nunca terminaria. Tecnicamente era possível fazê-los recuar com uma esmagadora exibição de força. Depois de vários loops, os Mimics perceberiam que não podiam vencer, e eles se retirariam com o menor número de baixas possível. Mas isso não era o mesmo que derrotá-los. Eles simplesmente recuariam sob o oceano, fora do alcance da humanidade, e reuniriam suas forças. Uma vez que reunissem uma força insuperável, atacariam de novo, e não haveria nada que os parassem uma segunda vez.

Travar uma guerra contra os Mimics era muito parecido com jogar contra uma criança. Eles tinham decidido que venceriam antes do jogo começar e não desistiriam até que ganhassem. Pouco a pouco, a humanidade perdia terreno.

A duração dos ciclos de tempo Mimic era de aproximadamente trinta horas. Rita repetiu cada ciclo apenas uma vez. A primeira vez em uma batalha ela avaliou as baixas sofridas por seu esquadrão. Da segunda vez, ela ganhava. Naquela primeira passagem, ela podia ver qual era a estratégia e aprender quem morria. Mas as vidas de seus amigos estavam nas mãos impiedosas do destino. Isso não podia ser mudado.

Antes de cada batalha, Rita se isolava para esclarecer seus pensamentos. Um dos privilégios de seu posto era que Rita tinha um quarto privado onde ninguém podia entrar.

A esquadra de Rita entendeu que as trinta horas antes de uma batalha eram um momento especial para ela. O soldado mediano do esquadrão não estava ciente do loop de tempo, mas eles sabiam que Rita tinha suas

razões para não querer falar com ninguém no tempo que antecede a batalha. Mantinham distância por respeito. Mesmo que o espaço fosse exatamente o que Rita queria, ainda a fazia se sentir sozinha.

Rita estava admirando as águas cintilantes do Pacífico de sua varanda. A única estrutura em Flower Line mais alta do que a torre de Rita era uma antena de rádio nas proximidades. A torre estava praticamente implorando para ser o primeiro alvo quando os Mimics viessem. Você só poderia rir da audácia de situar o quartel de oficiais em um local tão vulnerável. Este era o problema com os países que ainda não tinham sido invadidos.

O Japão havia conseguido em grande parte escapar aos estragos da guerra. Se a ilha estivesse um pouco mais longe da Ásia, teria virado deserto há muito tempo. Se tivesse mais perto, os Mimics teriam invadido antes de ir para o continente. A paz que o Japão desfrutou era pura sorte.

A área reservada para o quartel dos oficiais era desnecessariamente grande e quase completamente vazia. A vista que proporcionava do oceano era adequada para um hotel cinco estrelas. Em contrapartida, a cama pesada que estava no meio da sala parecia ser uma piada.

Rita apertou um botão. O cristal líquido embutido no vidro resistente à explosão obscureceu a vista. Ela escolheu a sala de recepção dos oficiais para seus aposentos porque era um lugar que os outros membros de seu esquadrão não visitariam. Os sistemas dos seus colegas de esquadrão foram programados para a guerra. Eles não iriam pisar um edifício que fosse um alvo tão ostentoso. Rita não se importava muito com isso.

Para apaziguar seus medos, uma tecnologia japonesa fazia o vidro entrelaçado com fibras de carbono, uma resistência próxima a um Jacket. Se o material era tão bom, Rita se perguntou por que não parecia funcionar tão bem nas linhas de frente. Pelo menos aqui ela estava sozinha. No dia seguinte poderia ter que ver um de seus amigos morrer. Não queria ter que olhar nos olhos deles.

Uma batida suave tirou Rita de seus pensamentos. O vidro na entrada da sala também era embutido com cristal líquido. Estava opaco como o resto.

“Eu não aprecio distrações dentro destas trinta horas. Apenas me deixe em paz.”

Não houve resposta. Sentiu uma estranha presença do outro lado da porta. Parecia um pequeno animal sendo caçado por um bando de lobos,

ou uma mulher sendo perseguida por um beco escuro. Só poderia ser Shasta.

Rita apertou o botão. O vidro revelou que uma pequena mulher nativa americana estava na porta. A primeira-tenente Shasta Raylle era mais velha do que Rita e, tecnicamente, sua superior, mas a Valquíria não precisava curvar para ninguém. Ainda assim, Rita achou a polidez de Shasta cativante.

Thud.

Shasta bateu a testa contra o vidro. Ela tinha confundido o vidro, de repente transparente, com uma porta aberta e caminhou diretamente para ele. Ela estava segurando algo na mão que pressionou contra sua cabeça. Ela se agachou no chão, tremendo como uma folha. Era difícil acreditar que o cérebro dessa cabeça pudesse ser tão brilhante. Então, talvez os gênios sejam assim. Algumas pessoas chamavam Rita de gênio militar, e ela não era tão diferente dos outros. A única coisa sobre ela que era especialmente única era a sua capacidade de foco. Os pensamentos de Shasta provavelmente estavam focados no que ela estava segurando na mão, assim como os de Rita estavam na batalha que se aproximava.

Rita abriu parte da porta. Os óculos de Shasta ainda estavam torcidos pelo impacto com o vidro. Ela os ajustou enquanto se levantava. “Sinto muito incomodá-la, mas havia algo que tinha que mostrar para você, eu realmente sinto muito.” Shasta abaixou a cabeça e bateu contra a porta que ainda bloqueava metade da entrada. Desta vez ela atingiu a quina.

Thud.

“Oww.” Shasta se agachou novamente no chão.

“Não precisa se desculpar, você é sempre bem-vinda, tenente, sem você, quem cuidaria do meu Jacket?”

Shasta se levantou, os olhos úmidos de lágrimas.

“Você me chamou de tenente, me chame de Shasta, por favor.”

“Mas, tenente…”

“Shasta, eu só quero que todos falem comigo como uma pessoa normal.”

“Muito bem, Shasta.”

“Assim é melhor.”

Rita sorriu. “Então… o que você queria me mostrar?”

“Certo,” Shasta disse. “Olhe, você não vai acreditar.”

Shasta abriu a mão. Rita olhou atentamente para o objeto estranho que descansava em sua pequena palma. Apenas ligeiramente maior do que uma bala de 9mm, era intrincada e pintada de vermelho brilhante.

Rita tinha ouvido falar de pessoas que pintaram as pontas de suas balas de uma cor separada para distinguir entre os tipos de munição, mas nunca a caixa inteira.

Ela pegou. Tinha a forma de uma pessoa.

Shasta prosseguiu apressada. “Isto deveria ser secreto, certo? Alguém na base me falou sobre eles. Fui até o Tateyama para isso. Ele tomou quase todo meu dinheiro até eu conseguir ganhar.”

“Ganhar?”

“Você coloca dinheiro na máquina, vira o botão, e um desses aparece em uma bolha de plástico.”

“É algum tipo de brinquedo?”

“Oh, não, é um item valioso de colecionador, os raros podem ser trocados por mais de cem dólares.”

“Cem dólares por *isso*?”

“É.” Shasta assentiu gravemente.

Rita segurou a pequena figura contra as luzes do quarto. Em um exame mais detalhado, era claramente semelhante a um soldado de Jacket. O que estava pintado de vermelho e empunhando um machado de batalha só poderia ser Rita. “Eles fizeram um bom trabalho, acho que os segredos militares não são mais tão secretos assim.”

“Eles usam modeladores profissionais, tudo o que precisam é um vislumbre para fazer algo quase exatamente igual ao original. Os modelos feitos no Japão são os melhores. São leiloados por um monte de dinheiro.”

“Que desperdício de talento.” Rita jogou a figura na mão. As palavras MADE IN CHINA estavam gravadas nos pés. “A China ainda tem tempo para fazer brinquedos? Ouvi dizer que nem conseguem acompanhar a produção de chips Jacket.”

“Eles têm uma força de trabalho muito grande. Lembre-se que o senador que foi forçado a se demitir depois de dizer que a China poderia se dar ao luxo de perder tantas quanto as que existem em todo os Estados Unidos e ainda teriam mais de um bilhão de sobra. Eles realmente perderam milhões de pessoas no sul, mas conseguiram recursos suficientes para segurar a linha.”

“É difícil acreditar que viemos do mesmo planeta.”

“A América está em guerra e ainda temos tempo para fazer filmes horríveis.”

Rita não podia rebater essa.

A UDF existia para proteger um mundo obcecado com a criação de pilhas inúteis de porcaria, pensou Rita. Era incrível como as pessoas poderiam

dedicar suas vidas a coisas tão triviais. Não que isso fosse necessariamente algo ruim. Ninguém apreciava esse fato mais do que Rita, cuja única habilidade era matar.

"Eu tenho muito mais." Shasta puxou um punhado de figuras de seu macacão.

"O que é isso, algum tipo de sapo da região Amazônica?"

"Isso é um Mimic."

"Complicado demais para a capacidade dos seus modeladores profissionais."

"É assim que eles se parecem nos filmes, então é assim que eles são no diz respeito ao público, acredite, é o que está no cinema, até a última curva."

"Que tal este?"

"Você deveria saber, é Rita Vrataski — você."

A figura era magra, prodigiosamente dotada, e tinha cabelos loiros encaracolados. Era difícil encontrar um único traço que se assemelhasse remotamente a Rita. Ela tinha de fato se encontrado com a atriz que a interpretava nos filmes uma vez. Era difícil dizer que ela não se encaixava no perfil de um soldado de Jacket, já que a própria Rita não se encaixava. Mas a mulher que escolheram para o papel era muito glamourosa quem lutava na linha de frente.

Rita comparou sua figura com a do Mimic. De repente, o modelo do Mimic não era tão estranho.

"Se importa se eu ficar com isso?" Rita pegou a peça da Cadela do Campo de Batalha que não se assemelhava a ela.

"O quê?"

"Você não vai sentir falta de um, certo?"

A reação de Shasta estava entre a de um gato dormindo expulsado de sua cama e a de uma criança de cinco anos cuja tia tinha negado o último pedaço de chocolate.

Rita reconsiderou seu pedido. Pessoas como Shasta, que foram para as universidades superiores, eram relativamente mais fáceis de explodir aleatoriamente se provocadas. "Desculpe, brincadeira, eu não deveria te provocar assim."

"Não, sou eu quem deve se desculpar", disse Shasta. "É que é meio, bem, muito raro, quero dizer, eu comprei cada bolha na máquina, e essa foi a única que saiu."

"Não se preocupe, eu não sonharia em tirar isso de você."

"Obrigado pela compreensão, sinto muito. Aqui, por que você não pega este? Supostamente também é muito raro."

“O que é isso?”

“É a engenheira designada para a equipe de Rita no filme, então, basicamente… sou eu.” Uma risada nervosa escapou dos lábios de Shasta.

Era o pior clichê de uma engenheira que Rita já viu. Magra, sardenta, características faciais exageradas. Se houvesse alguém de dez milímetros de altura que nunca teria a chance de beijar alguém do sexo oposto, era isso. É claro que a engenheira real, brilhante, que supostamente era a modelo, provavelmente batia a cabeça em seu próprio armário pelo menos duas vezes por dia, então nunca se sabe.

Shasta olhou para Rita com preocupação em seus olhos. “Não gostou?”

“Não se parece com você.”

“Nem a sua.”

Elas olharam uma para a outra.

“Tudo bem, obrigado, vou ficar com ela, para dar sorte.”

Shasta levantou outra figura quando Ralph Murdoch, com a câmera pendurada em seu pescoço grosso, entrou.

“Bom dia, senhoras.”

Rita ergueu uma sobrancelha com a chegada de seu convidado indesejado. Seu rosto endureceu como aço. A repentina mudança no comportamento de Rita assustou Shasta, que não conseguia decidir se escondia de Rita atrás desse jornalista ou o contrário. Depois de alguns instantes de hesitação, ela optou por se esconder atrás de Rita.

“Como você chegou aqui?” Rita não tentou ocultar seu desprezo.

“Eu sou um membro registrado de sua equipe pessoal. Quem iria me parar?”

“Você é sua própria equipe, nós dois sabemos disso, pode sair agora.”

Rita não se importava muito com esse homem e seus sapatos de corrida. Pessoas como ele e Shasta podiam se encontrar e conversar com total segurança sempre que o humor os deixasse. Suas palavras nunca eram limitadas pelo medo de saber que teria que ver seus amigos morrerem na próxima batalha. Era esse medo, aquela certeza, que mantinha Rita longe de seus companheiros de equipe, a única família que tinha. Nada que esse idiota tivesse que lidar em toda a sua vida.

“Isso seria uma vergonha depois de chegar até aqui”, Murdoch disse. “Aconteceu uma coisa interessante e pensei em compartilhar com você.”

“Envie para o *New York Times*, eu ficarei feliz em ler sobre isso.”

“Confie em mim, você vai querer ouvir isso.”

“Não estou interessada no que você acha interessante.”

“As tropas japonesas vão ter um TFM, um castigo pela confusão na noite passada.”

“Eu pedi para você sair, nunca estou de bom humor antes da batalha.”

“Você não quer assistir? Eles vão fazer algum tipo de treino estilo samurai.”

“Sua mãe deve ter se desapontado quando o aborto só matou a sua consciência”, disse Rita.

“Tal conversa vinda de uma menina agradável e doce como você.”

“Eu diria isso de novo, mas não vou me incomodar.”

“De novo?”

“Acredite em mim, prefiro não repetir.”

Murdoch levantou uma sobrancelha. “Ok, então você também fala besteiras.”

“Acho que deve ser contagioso.”

“Bem, então eu não tenho consciência e vou direto para o Inferno. Você me disse a mesma coisa na Indonésia quando tirei aquelas fotos do garoto chorando correndo de um bando de Mimics.”

“O inferno é bom demais para você, você apenas pegar a imagem de Satanás e usá-la para atrapalhar o caminho até os céus.”

“Eu vou aceitar isso como um elogio.”

Um sorriso se espalhou pelos lábios da Valquíria. Era o mesmo sorriso que lhe vinha naquelas horas escuras no campo de batalha, quando pelo menos estava escondido atrás de seu capacete. O corpo de Shasta ficou tenso. Murdoch deu um passo para trás sem sequer perceber.

“Bem”, disse a Cadela do Campo de Batalha, “Estou prestes a entrar no inferno, e até lá não quero ver sua cara de novo.”

9

Rita acabou indo assistir ao TFM. Shasta não. A única pessoa perto de Rita era aquele condenado do Murdoch. O resto de sua equipe manteve uma distância respeitosa.

Foi quando os olhos de Rita encontraram aquele desafio no campo,

aquele olhar que carregava o peso do mundo. Havia algo sobre o garoto que Rita gostava. Ela começou a caminhar em direção a ele.

Caminhou com propósito, cada passo um movimento perfeito projetado para impulsionar um Jacket em campo de batalha com eficiência total. Ela avançou através do campo sem esforço e em silêncio. Para obter 100% de um Jacket, um soldado deve ser capaz de atravessar uma sala cheia de ovos sem rachar nenhum. Isso significava distribuir perfeitamente seu peso corporal a cada passo.

O soldado ainda olhava para Rita. Ela caminhou direto para ele, então fez um giro de noventa graus e se dirigiu para a tenda onde o general de brigada estava sentado. Ela deu a ele uma saudação de regulamento.

O brigadeiro lançou um olhar duvidoso para Rita. Rita era um sargento major por posição, mas também estava no Corpo dos EUA, então seus lugares relativos na hierarquia militar eram um pouco diferentes.

Rita se lembrava desse homem. Ele estava junto ao general que tinha fila para apertar a mão de Rita no início da recepção frívola realizada para dar as boas-vindas às Forças Especiais. Havia muitos oficiais que haviam subido nos ranks sem nunca lutar nas linhas de frente, mas este parecia ter um amor especial por bajular.

Eles falaram brevemente, o general aparentemente perplexo com a postura de Rita e a linguagem corporal bem praticadas. Então Rita voltou ao campo, passando pelas fileiras de homens que pareciam se curvar diante dela. Ela escolheu um lugar ao lado do soldado que a encarava e começou a prancha isométrica. Ela podia sentir o calor de seu corpo irradiando através do ar frio entre eles.

O soldado não se moveu. Rita não se moveu. O sol pairava alto no céu, assando lentamente sua pele. Rita falou em voz baixa, só o soldado ao lado ouviu:

“Tem algo no meu rosto?”

“Não que eu possa ver.”

Além de uma entonação ligeiramente estranha, o *Burst* do soldado era claro e fácil de entender. Diferente do norte da África. As pessoas das antigas colônias francesas não conseguiam falar *Burst* para salvar suas vidas.

Burst English, ou simplesmente *Burst*, foi uma linguagem criada para lidar com o problema da comunicação em um exército composto de soldados de dezenas de países. Tinha um vocabulário reduzido e poucas irregularidades gramaticais. Quando criaram a linguagem, eles deliberadamente tiraram todas os xingamentos do vocabulário oficial,

mas não eram possível impedir um monte de soldados de acrescentar "*fuck*" em suas várias formas.

"Você está me encarando tem um tempo agora."

"Acho que sim" ele disse.

"Quer alguma coisa de mim?"

"Nada que eu queira discutir desse jeito."

"Então vamos esperar até que isso termine."

"Merda Kiriya! Você está escorregando!" gritou o tenente.

Rita, com a expressão desinteressada de alguém que nunca teve necessidade de contato humano durante toda a sua vida, continuou sua prancha isométrica.

Prancha isométrica era muito mais árdua do que parecia. Gotas de suor brotaram ao longo do seu cabelo, passado por suas têmporas, correndo em seus olhos traçando a linha do seu pescoço antes de cair do seu peito. Ter que suportar essa coceira enquanto ela faz seu caminho. Era muito parecido com o que um soldado deveria suportar dentro de um Jacket. *Este treinamento de samurai não era é completamente inútil afinal*, decidiu Rita.

Quando as coisas ficavam difíceis de suportar, era melhor deixar sua mente vagar. Rita deixou que seus pensamentos se afastassem dos gritos de protesto de seu próprio corpo para os arredores. O general de brigada parecia confuso com o intruso em seus procedimentos. Para ele, alguém que nunca tinha experimentado um momento de conflito armado, talvez este campo de treinamento, com sua suave brisa oceânica, fizesse parte da guerra. Para pessoas que nunca tinham respirado aquela mistura de sangue, poeira e metal queimando que permeava um campo de batalha, era fácil imaginar que o desdobramento era guerra, que a formação era guerra, que escalar alguma escada era guerra. Havia apenas uma pessoa para quem a guerra ocorria naquele dia tranquilo antes da batalha: uma mulher chamada Rita Vrataski e seus loops temporais.

Rita sonhava com frequência que algum dia se depararia com outra pessoa que experimentasse os loops. Ela pensou até em uma frase que eles poderiam usar para se identificar. Uma frase que só Rita sabia. Uma frase que compartilhariam.

Para outra pessoa ser pego em um loop, isso significaria que alguém diferente de Rita tinha destruído um servidor Mimic por acidente. Assim como Rita foi forçada a deixar as pessoas fora do ciclo, essa pessoa também não teria escolha. Ele estaria sozinho.

Ela poderia não ser capaz de viajar através do loop com ele — embora

ela também pudesse, e o pensamento a aterrorizou — mas ela poderia lhe dar conselhos de qualquer maneira. Compartilhar a solidão. Dizer como sair do loop, o conhecimento que Rita levou 211 mortes para aprender. Ele lutava com suas dúvidas, como Rita. Ele se tornaria um grande guerreiro.

No fundo de um canto tranquilo no coração de Rita, estava a certeza de que jamais diria a ninguém tais palavras.

O sinal Mimic *tachyon* era o auge da tecnologia alienígena, uma tecnologia que lhes permitiu conquistar a vastidão do espaço. O aprisionamento de Rita no ciclo do tempo durante a batalha para recapturar a Flórida tinha sido um golpe de sorte absurdo para a humanidade. Se não fosse por essa ocorrência casual, a terra teria sido transformada. Não apenas os seres humanos, mas praticamente todas as espécies do planeta já estariam extintas.

A fama de Rita crescia com cada batalha, e sua solidão com ela. Ela tinha quebrado seu loop, mas sentia como se ela ainda estivesse revivendo o mesmo dia. Sua única esperança era que a vitória da humanidade, o dia em que todos os Mimics se explodissem até a extinção, a livrassem de seu terrível isolamento. Até então, ela continuaria a desempenhar seu papel único no conflito.

Rita não se importava com as batalhas. Ela não tinha que pensar enquanto lutava. Quando subia em seu Jacket vermelho, a tristeza, o riso, a memória que a assombrava mais do que o resto — tudo desaparecia. O campo de batalha, rodopiando com fumaça e pólvora, era o lar de Rita.

O TFM terminou menos de uma hora depois. O general correu para o quartel.

Quando Rita se levantou, o homem ao seu lado cambaleou para seus pés. Ele não era particularmente alto para um soldado de Jacket. Era jovem, mas experiente. Suas roupas pareciam ter acabado de chegar da fábrica, então havia algo estranho em sua aparência. Seus lábios estavam retorcidos em um sorriso de Mona Lisa fazia um bom trabalho em ocultar sua idade.

O número 157 estava rabiscado no dorso da sua mão. Rita não sabia o que significava, mas era estranho. Estranho o suficiente para Rita pensar que ela não o esqueceria por tão cedo. Já tinha ouvido falar de soldados gravando seu tipo sanguíneo na sola de seus pés, mas ela nunca tinha ouvido falar de um soldado que fazia notas de caneta esferográfica no dorso de sua mão.

“Então você queria conversar. O que é?”

“Ah, certo” ele disse.

“E então? Continue, soldado, eu sou paciente, mas tenho uma batalha amanhã e tenho coisas para fazer.”

“Eu, uh, tenho uma resposta para a sua pergunta.” Ele hesitou como um estudante de teatro de escola secundária lendo um roteiro ruim. “Os restaurantes japoneses não cobram pelo chá verde.”

Rita Vrataski, a salvadora da humanidade, a Valquíria, a menina de dezenove anos, deixou cair sua máscara.

A Cadela do Campo de Batalha começou a chorar.

CAP. 4

Killer Cage

キラー・ケージ

1

“Merda, já começou! Não deixem suas bolas caírem, senhores!”

Batalha 159.

Me atiro adiante, o Doppler do meu Jacket ajustado no máximo.

Eu vejo um alvo. Um dardo passa perto da minha cabeça.

“Quem está lá na frente, você está muito longe, quer se matar?”

O tenente disse a mesma coisa todas as vezes. Limpei a areia do meu capacete. Trovão explodia das bombas que atravessavam o céu. Olhei para Ferrell e acenei.

Desta vez a batalha terminaria. Se eu parasse, veria Yonabaru e Ferrell morrendo, eles não voltariam. Tudo se resumia a isso. Não repetiria esta batalha. O medo que agarrava minhas entranhas não era o medo da morte, era o medo do desconhecido. Queria largar meu rifle e machado e encontrar uma cama para me esconder debaixo.

Uma reação normal — o mundo não tinha a intenção de se repetir. Eu sorri, apesar das borboletas no meu estômago. Eu estava lutando com o mesmo que todo mundo luta. Estava colocando a minha vida — a única que eu tinha — na linha.

“Você não está realmente preso em um loop temporal”, Rita tinha me explicado. Minhas experiências das 158 batalhas anteriores foram reais. Era eu quem realmente não existia. Quem quer que fosse aquele que estivera lá para a dolorosa dor, a desesperança e o mijo quente em seu Jacket, ele era apenas uma memória agora.

Rita me disse que do ponto de vista da pessoa com a memória, não havia diferença entre ter tido uma experiência real e ter apenas a memória dela. Parecia uma mentira filosófica para mim. Rita também não parecia entender isso muito bem.

Lembro-me de ler uma história, quando ainda lia quadrinhos, sobre um cara que usava uma máquina do tempo para mudar o passado. Me parecia que se o passado mudou, então o cara do futuro que voltou no

tempo para mudá-lo deveria ter desaparecido — como o cara naqueles velhos filmes *De Volta Para o Futuro* — mas a história ignorava esses detalhes.

Eu tinha me tornado um viajante involuntário nos sonhos dos Mimics. Na minha primeira batalha, aquela em que Rita salvou minha vida, eu matei, sem saber, um daqueles Mimics que ela chamava de "servidores". Em cada batalha desde então, a partir da segunda até a 158ª, Rita tinha matado o servidor. Mas a rede entre mim e o servidor já havia sido estabelecida no instante em que o matei, significando que eu era quem estava preso e que Rita havia sido libertada.

O Mimic usou o loop para alterar o futuro para sua vantagem.

O dardo que matou Yonabaru na segunda batalha tinha sido feito para mim. Meu encontro casual com um Mimic quando corri da base não tinha nada a ver com o acaso. Eles estavam me caçando o tempo todo. Se não tivesse sido por Rita, eles me comeriam no café da manhã, almoço e jantar.

Os combates continuaram. O caos perseguia o campo de batalha.

Deslizei em uma cratera com o resto do meu esquadrão para evitar ser acertado por um dardo daquele atirador. O esquadrão tinha se movido uma centena de metros mais perto da costa desde o início da batalha. O buraco que tínhamos coberto era cortesia do bombardeio guiado por GPS da noite anterior. Uma bala perdida pousou perto de meus pés, pulverizando areia no ar.

"Igual a Okinawa" — observou Ferrell, de costas contra a parede de terra.

Yonabaru mandou outra rajada. "Deve ter sido uma puta luta."

"Estávamos cercados, tipo agora. Ficamos sem munição e as coisas ficaram feias."

"Você está amaldiçoando a gente."

"Não sei…" Ferrell saltou da cobertura da cratera, disparou o rifle e afundou contra a parede. "Eu acho que essa batalha tem futuro. É só uma ideia."

"Merda, o Sargento tá com conversinha otimista, é melhor ter cuidado se não a gente vai ser atingido."

"Você tem alguma dúvida? Só olha nosso recruta mais novo em ação." Ferrell disse. "Não me surpreenderia ver ele dando uma mijada para provocar os Mimics."

"Não sei se daria a mijada", eu disse.

"Seu merda."

“Talvez eu faça um teste com esse belo machado de batalha.” Yonabaru assentiu com a cabeça para o reluzente pedaço de carboneto de tungstênio no punho do Jacket.

“Você se machucaria.”

“Isso é *bullying*.”

O mesmo de sempre. Sem novidades. Todos falando, ninguém ouvindo.

“Bogies às duas horas!”

“Nosso trigésimo quinto cliente do dia!”

“Qual de vocês idiotas, me enviou esse arquivo enorme? Estamos no meio de uma maldita guerra, se não perceberam!”

“Cara, eu preciso de um cigarro.”

“Feche a porra da boca e atira!”

A linha de frente se afastou da cobertura e mirou seus rifles na horda que se aproximava. As balas perfuraram o ar, mas a onda de Mimic continuou se aproximando. Agarrei o cabo do meu machado.

Sem aviso, uma bomba caiu do céu. A munição de precisão guiada por laser quebrou a rocha, cavando profundamente na terra antes de detonar. Os Mimics caíram na cratera.

Um Jacket carmesim apareceu em meio à chuva de terra e barro.

Carboneto de tungstênio cortando os membros das criaturas. Depois de alguns minutos, nada mais se movia.

Mais do mesmo.

Estática encheu meus ouvidos, então sua voz veio limpa. “Desculpe por te deixar esperando.” A Cadela do Campo de Batalha estava de pé, levantando um enorme machado de batalha. Sua armadura vermelho bronze cintilava ao sol.

Levantei minha mão para que ela pudesse me identificar. “A gente acabou de chegar.”

“O que a Cadela do Campo de Batalha está fazendo aqui?” Yonabaru se esqueceu completamente de tomar cobertura e olhou estupidamente para o Jacket. Eu teria pago uma grana para ver sua cara.

Rita se dirigiu a Ferrell. “Preciso falar com quem está no comando deste pelotão.”

Ferrell abriu um canal entre Rita e o tenente. “Pode falar.”

“Esta é Rita Vrataski, tenho um pedido para o oficial encarregado do 3º Pelotão da 17ª Companhia, 3º Batalhão, 12º Regimento, 301ª Divisão de Infantaria Armada. Preciso pegar emprestado Keiji Kiriya. Tudo bem por você?”

Ela não declarou seu grau ou divisão. Nesta estrutura militar, só a

Valquíria era livre para operar fora da cadeia de comando. Mesmo naquela primeira batalha, não tinha sido ela que cuidou de mim quando eu estava morrendo? Rita Vrataski.

A resposta do tenente não estava segura. “Kiriya? Talvez você queira alguém com mais experiência, alguém —”

“Sim ou não?”

“Bem, sim, sim.”

“Aprecio sua ajuda, Sargento. E você, se importa se eu pegar o Kiriya?”

Ferrell deu de ombros em aprovação, seus ombros sob o Jacket se erguendo como uma onda oceânica.

“Obrigado, Sargento.”

“Veja que ele não vai fazer nenhuma pirraça perto da nossa equipe.”

“Alguma espécie de código?” Rita perguntou.

“Apenas modo de falar.”

“Keiji, o que é isso?”

“Desculpe, Sargento, explico depois” falei.

“Nós vamos atacar às doze horas.”

“Uh, certo.”

“Ei, Keiji, se você vir uma máquina de venda automática, pega um cigarro!” Yonabaru falou da direita antes de eu desligar do link de comunicação.

Rita riu da sabedoria deles. “Você tem uma boa equipe, está pronto?”

“Seja gentil.”

“Sempre sou.”

“Não é isso que ouço.”

“Apenas se preocupe com os Mimics, ok?”

Batendo contra os lados da cratera, rastejando, e finalmente escalando, Mimics começaram a brotar do buraco que Rita tinha explodido no chão. Nós mergulhamos de cabeça. Sapos inchados de parede a parede.

Correr. Atirar. Recuar. Observar. Avançar um pouco mais. Atirar. Respirar.

Bombas de precisão caçavam Mimics onde se escondiam. A fumaça espiralava em direção ao céu, onde haviam encontrado sua presa. A areia e a sujeira seguiam a fumaça pelo ar e pedaços de carne de Mimic não estavam muito atrás. Corremos para a cratera e matamos tudo o que as bombas deixaram.

Mesmo quando você estava apenas repetindo o mesmo dia outra vez, a vida no campo de batalha era qualquer coisa menos rotina. Se o

ângulo de seu balanço pendia um grau, poderia desencadear uma cadeia de eventos que mudaria todo o resultado da batalha. Um Mimic que você deixou escapar por um minuto iria matar seus amigos em seguida. Cada soldado que morria, a linha ficava mais fraca, até que eventualmente se partia. Tudo porque seu machado balançava em quarenta e sete graus em vez de quarenta e oito.

Havia mais Mimics do que eu podia contar. Os pontos preencheram a tela. A regra era que precisava de um esquadrão de dez Jackets para derrubar um Mimic. Mesmo assim, o esquadrão tinha que pulverizar a maldita coisa com balas até que não sobrassem mais balas.

Rita estava em constante movimento. Ela balançava o machado com a facilidade de uma criança balançando uma espada de plástico. O cheirava a Mimic. Outro passo, outro balanço, outro membro.

Eu nunca tinha visto nada parecido. Os dardos carregavam a morte pelo ar. Eu estava perto o suficiente para alcançar e tocar meia dúzia de Mimics. Apesar do perigo ao meu redor, senti uma estranha calma. Tinha alguém para cuidar das minhas costas. Rita era um filtro que destilava e neutralizava o medo. Eu estava no vale da sombra da morte, empilhado de merda, mas Rita estava ao meu lado.

Aprendi a sobreviver imitando a habilidade de Rita com o machado, e no processo, aprendi cada movimento dela — com qual pé ela daria o próximo passo, que Mimic iria atacar primeiro quando cercada. Eu sabia quando ela iria balançar o machado e quando iria correr. Tudo isso ficou gravado em mim.

Rita evitou o perigo e percorreu as fileiras inimigas, esculpindo um caminho de destruição perfeitamente. As únicas coisas que deixava em pé eram alvos que não valiam a pena matar. Eu estava muito feliz de atacar depois dela. Nós nunca treinamos juntos, mas somos como gêmeos, veteranos de inúmeras batalhas um do outro.

Quatro Mimics vieram até Rita de uma só vez — chances ruins, mesmo para a Valquíria. Ela ainda estava sem equilíbrio do seu último balanço. Com minha mão livre, dei-lhe um gentil empurrão. Por uma fração de segundo ela ficou assustada, mas não demorou muito para entender o que eu tinha feito.

Ela realmente era um mestre. Em menos de cinco minutos, tinha aprendido a trabalhar em conjunto comigo. Quando percebeu que eu poderia usar um braço ou perna livre para desviá-la de um ataque, ela se virou e enfrentou a próxima cabeça inimiga, sem qualquer intenção de esquivar. Uma garra de Mimic veio no alcance do seu rosto e ela nem sequer se encolheu.

Trabalhamos como uma única unidade. Nós rasgamos o inimigo com um poder assustador, sempre vigiando o Jacket um do outro pelo canto dos olhos. Não precisávamos de palavras ou gestos. Cada movimento, cada passo dizia tudo o que precisava ser dito.

Nosso inimigo pode ter evoluído da capacidade de voltar no tempo, mas a humanidade tinha desenvolvido alguns truques próprios. Havia pessoas que podiam manter um Jacket em boas condições, pessoas que podiam criar estratégias e lidar com a logística, pessoas que poderiam fornecer apoio na linha de frente e, por último, mas não menos importante, as pessoas que eram assassinos natos. As pessoas poderiam se adaptar ao seu ambiente e suas experiências de várias maneiras. Aprendemos mais rápido do que eles.

Eu tinha passado pela morte 158 vezes para emergir de alturas que nenhuma criatura neste planeta poderia sonhar em uma única vida. Rita Vrataski subiu ainda mais. Nós caminhamos à frente, longe do resto da força, um exército para nós dois. Nossos Jackets traçaram espirais graciosas no sentido horário — um hábito que peguei de Rita. Restos de carniça foi tudo o que deixamos no nosso rastro.

Quarenta e dois minutos na batalha, nós o encontramos. O Mimic na raiz de todo o maldito loop. O fio que nos ligava. Se não fosse por este servidor, eu nunca teria me afogado no meu próprio sangue, visto minhas tripas derramado no chão dezenas de vezes, vagado sem rumo através deste inferno sem saída. Se não fosse por este servidor, eu nunca teria conhecido Rita Vrataski.

“É isso, Keiji, você é que tem que derrubá-lo.”

“Com prazer.” “Lembre-se: roteador primeiro, em seguida, os backups, depois o servidor.” “E então vamos para casa?” “Ainda não, quando o loop termina a verdadeira batalha começa. Só acaba quando não sobrar um Mimic de pé.” “Nada é fácil.”

O genocídio era a única forma de vencer esta guerra. Você não poderia exterminar 30% do inimigo e dizer que venceu. Tem que destruir cada um deles. Derrube o servidor e a guerra continua. Tudo o que Rita e eu pudemos fazer era libertar nossas tropas dos loops temporais. Uma vitória duradoura exigiria mais força do que dois soldados. Mas no dia em que conseguíssemos vencer, eu poderia morrer, Rita, Yonabaru, Ferrell e o restante do pelotão, até mesmo aqueles idiotas de do 4º poderiam morrer e o tempo nunca mais se repetiria. Um novo dia amanheceria na Terra.

Rita disse que derrubar um servidor Mimic era tão fácil quanto abrir

uma lata. Tudo que você precisava era o abridor certo. Até o momento, ela era a única pessoa no planeta que tinha feito isso.

Pessoas da Terra, regozijem-se! Keiji Kiriya acabou de encontrar outro abridor de lata! Agora, para cada abridor de lata da Rita Vrataski você comprar, receberá um Keiji Kiriya extra — um abridor de lata de marca SEM CUSTO ADICIONAL!

Claro, não pode nos comprar separadamente, mesmo se quiser. Suponho que Rita e eu não seríamos vendedores muito honestos. O que este loop de tempo infernal uniu, nenhum homem vai separar. Só Rita e eu compreendíamos a solidão um do outro, e nós ficaríamos lado a lado, cortando Mimics em pedaços até o amargo fim.

"Roteador morto!"

"Limpei os backups."

"Entendido."

Eu ergui meu machado de batalha e derrubei em um golpe rápido e limpo —

Abri meus olhos. Eu estava na cama.

Peguei uma caneta e escrevi "160" na parte de trás da minha mão. Então chutei a parede o mais forte que pude.

2

Não é fácil dizer a uma pessoa algo que você sabe que vai fazê-los chorar, muito menos fazê-lo com uma audiência. E se Jin Yonabaru está naquela audiência, você está ferrado.

A última vez soou bastante forçado. Estava tentando pensar em uma maneira melhor de dizer, mas não poderia pensar em nada curto e gentil que faria Rita perceber que também estava experimentando os loops. Talvez eu devesse simplesmente dizer isso a ela. Merda, não tenho ideias melhores.

Eu nunca fui particularmente inteligente, e o cérebro que tenho estava

preocupado tentando descobrir se tinha quebrado o ciclo ou não. Fiz tudo como Rita me disse, mas aqui estava eu no meu 160º dia antes da batalha.

O céu sobre o Campo de Treinamento Nº 1 estava tão claro quanto da primeira vez. O sol das dez horas bateu em nós sem piedade. O TFM acabou de terminar, e as sombras aos nossos pés estavam escuras de suor.

Eu era um total estranho para esta mulher com cabelos cor de ferrugem e pele muito pálida para um soldado. Seus ricos olhos castanhos se fixaram em mim.

"Então você queria falar. O que é?"

Eu estava sem tempo e sem ideias. Teria sido melhor esperar sair do TFM. Tarde demais agora.

Olhei para Rita e disse o mesmo sobre o chá verde que falei antes. Ei, não foi tão ruim dessa vez, pensei. Talvez ela não vá — ah, porra.

As lágrimas caíram pelas bochechas de Rita e pingaram do seu queixo, depois respingaram quando pousaram na palma da mão que estiquei para pegá-las. Eu ainda estava quente do exercício, mas as lágrimas queimavam como balas de 20mm. Meu coração batia forte. Eu era um estudante pedindo uma menina para dançar. Nem mesmo a batalha fazia minha pressão subir assim.

Rita apertou o fundo da minha camisa, apertando tão forte que as pontas de seus dedos estavam brancas. No campo de batalha eu podia ver todos os movimentos antes que ela fizesse isso, mas aqui eu estava atordoado. Me programei para esquivar de mil ataques com facilidade, mas onde estavam meus reflexos quando precisava deles? Minha mente vagava, procurando uma saída. Me perguntava se minha camisa estava suada onde ela estava agarrando.

Da última vez, fiquei parado até que Rita recuperou a compostura e falou. Talvez depois de mais dez viagens através do loop isso seria rotina. Eu saberia exatamente o que dizer para acalmá-la enquanto a segurava suavemente contra meu ombro. Mas isso significaria reduzir minhas interações com a única pessoa no mundo que me entendia a uma simples rotina. Algo me disse que era melhor ficar parado e segurá-la.

Yonabaru estava boquiaberto observando como um turista em um jardim zoológico que via um urso dançar uma valsa. Pelo menos finalmente encontrei uma situação que o calasse. Ferrell educadamente desviou os olhos, mas não muito. E isso foi mais ou menos assim que o resto do pelotão se comportou. Foda-se. Eu era o urso dançante. *Não olhe fixamente. Não diga nada. Basta jogar o seu dinheiro na lata e seguir*

em frente.

O que deveria fazer quando estava nervoso? No treinamento, eles nos ensinaram a nos mantermos unidos pensando em algo que desfrutamos. Algo que te deixou feliz. Na batalha, isso provavelmente seria uma daquelas coisas felizes a se pensar, então por que estava tão nervoso agora? Se Deus tivesse uma resposta, ele não ia dizer.

Peguei Rita pelo pulso. Ela parecia perdida.

"Eu sou Keiji Kiriya."

"Rita, Rita Vrataski."

"Acho que deveria começar com 'Prazer em conhecê-lo'."

"Por que está sorrindo?"

"Eu não sei, apenas feliz, eu acho."

"Você é estranho." O rosto de Rita se suavizou.

"Vamos fazer uma pausa." Meus olhos olharam por cima de seu ombro. "Duas horas na minha direção, está pronta?"

Rita e eu saímos correndo, deixando os homens no campo coçando a cabeça. Escorregamos para além da cerca que faz fronteira com os campos de treinamento. A brisa que soprava do mar era fria contra a nossa pele. Por um tempo corremos por correr. O litoral ficava bem distante à nossa esquerda, as águas azul cobalto se espalhando para além da barricada sem sentido de arame farpado que alinhava a praia. O oceano ainda estava azul porque tínhamos lutado para mantê-lo assim. Um barco de patrulha fazendo um percurso paralelo ao nosso fazia uma vigília ao longo da linha que dividia o mar e o céu.

Os gritos dos soldados sumiram. Os únicos sons eram o barulho do mar, os barulhentos barulhos de botas militares no concreto, o coração batendo e o suspiro da respiração de Rita.

Parei abruptamente e continuei parado, como eu estava antes de começarmos a correr. Rita não pôde cortar sua velocidade a tempo e bateu em mim. Eu dei alguns passos estranhos.

Rita tropeçou enquanto recuperava o equilíbrio. Nos abraçamos para não cair. Meu braço estava enrolado em torno do corpo de Rita e o dela em volta do meu.

Sua carne tonificada pressionou contra mim como uma armadura. Um perfume agradável assaltou meus sentidos. Sem o meu Jacket, eu estava indefeso contra quaisquer produtos químicos dispersos que caíssem do ar.

"Uh, desculpa." Rita foi a primeira a se desculpar.

"Não, foi mal, eu não deveria ter parado."

"Não. Quero dizer, desculpa, mas…" ela disse.

“Você não tem que se desculpar.”

“Eu não estou tentando me desculpar, é só — se importaria de soltar minha mão?”

“Ah —” Um anel vermelho se destacou no pulso de Rita onde meus dedos tinham agarrado sua pele. “Desculpa.”

Para mim, Rita era uma velha amiga, companheira de muitas batalhas. Mas para ela, Keiji Kiriya era um estranho que acabara de conhecer. Nada mais do que uma silhueta cinza de outra época. Só eu me lembro do alívio que senti quando ficamos de costas, pressionados um contra o outro. Só eu tinha experimentado a eletricidade que fluía entre nós quando nossos olhos se encontravam em compreensão implícita. Só eu sentia uma sensação de saudade e devoção.

Antes de me juntar ao exército, vi um show sobre um homem apaixonado por uma mulher que perdera a memória em um acidente. Ele deve ter passado por algo como o que eu estava passando agora. Desesperadamente vendo todas as coisas que você ama no mundo sendo levadas pelo vento enquanto você é impotente.

“Eu estou bem…” Eu nem sabia o que dizer desta vez, apesar do loop anterior.

“Este é o seu jeito inteligente de tirar nós dois de lá?”

“Sim, eu acho.”

“Bom. Agora, onde estamos exatamente?” Rita girou em seu calcanhar enquanto ela tomava seus arredores.

Estávamos em um amplo espaço limitado por um lado pela barricada de arame farpado e uma cerca nos outros três. As ervas daninhas através das fendas no concreto que cobria o recinto de cerca de dez mil metros quadrados.

“O Campo de Treinamento No. 3.”

Consegui ir de um campo de treinamento para outro. Passei muito tempo com Ferrell. Seu amor pelo treinamento era limitado a uma doença mental séria, e começou a me contagiar.

Rita se voltou para mim. “É meio triste.”

“Desculpa.”

“Não, gosto desse vazio.”

“Você tem gostos incomuns.”

“O lugar onde cresci estava desesperadamente vazio, nós não tínhamos oceanos, o céu aqui é… é tão brilhante” ela disse, com a cabeça inclinada para trás.

“Você gosta? Do céu?”

“Não é o céu, é a cor, o azul cintilante.”

“Então por que sua Jacket é vermelha?”

Alguns momentos de silêncio se passaram entre nós antes que ela voltasse a falar.

“O céu em Pittsfield é tão desbotado, como a cor da água depois de ter enxaguado um pincel com tinta azul. Como se toda a água no chão tivesse diluído o céu.” Olhei para Rita. Ela olhou para mim, olhos castanhos olhando para os meus. “Desculpa, esqueça que eu disse isso”, ela falou.

“Por quê?”

“Não foi uma coisa muito Rita Vrataski de dizer.”

“Eu não acho isso.”

“Eu acho.”

“Bem, eu pensei que era legal”, falei.

Rita abriu os olhos. Por um instante, eles brilharam com um brilho de Cadela do Campo de Batalha. O resto do rosto permaneceu imóvel.

“O que você disse?”

“Eu disse que soou agradável.”

Ela pareceu surpresa com isso. Uma mecha de cabelo cor de ferrugem caiu sobre sua testa, e ela ergueu a mão para brincar com ela. Eu peguei um vislumbre de seus olhos entre seus dedos. Eles estavam cheios de uma luz estranha. Parecia uma moça cujas cordas do coração começaram a se desfazer, uma criança cujas mentiras haviam sido descobertas pelo olhar penetrante de sua mãe.

Eu quebrei o silêncio constrangedor. “Algo errado?”

“Não.”

“Eu não estava rindo de você, é só algo que queria dizer. Acho que não deu certo.”

“Nós tivemos uma conversa como esta em um loop anterior, não tivemos? Mas só você se lembra”, disse Rita.

“Sim. Desculpa.”

“Não, não me incomoda” disse, balançando a cabeça.

“Então, o que há de errado?”

“Me diga o que está planejando.”

“Bem, há muito que ainda não entendo”, eu disse. “Preciso que me explique como terminar o loop.”

“Eu estou perguntando o que você está planejando fazer em seguida para que eu não precise me preocupar com isso.”

“Você está de brincadeira?” Eu perguntei.

“Estou falando sério.”

“Mas você é Rita Vrataski, você sempre sabe o que fazer.”

“Será divertido estar fora do loop para variar.”

“Não é muito divertido para mim.” Eu me perguntava o que ela queria dizer com “para variar”. Eu pensei que ela já tinha sido libertada do loop, depois de 211 vezes por trinta horas na Flórida. Abri a boca para perguntar, mas ela interrompeu.

“Acho que ganhei o direito de sentar e assistir”, disse ela. “Já tive que lidar com merda o suficiente. É a sua vez. Quanto mais cedo você aceitar, melhor.”

Suspirei. “Eu sei.”

“Ei, não me culpe.”

“Bem, ainda é um pouco cedo, mas a minha próxima parada é a cafeteria. Espero que você esteja querendo comida japonesa.”

O café era barulhento. Em um canto, um grupo de soldados estava vendo quem poderia fazer mais pranchas em três minutos. Outro grupo que andamos passado estava jogando no frango um líquido misterioso que parecia uma combinação de ketchup, mostarda e suco de laranja. No fim da sala, um cara cantava uma canção popular — ou talvez fosse uma antiga canção tema de anime — que foi popular há pelo menos setenta anos. Uma das religiões originalmente usou essa música como uma canção anti guerra, mas isso não incomodava os caras que se inscreveram na UDF. A melodia era fácil de lembrar, e isso é tudo o que precisava para ser um sucesso com uma multidão de soldados Jacket.

Vamos todos nos alistar no exér-cito!
Vamos todos nos alistar no exér-cito!
Vamos todos nos alistar no exér-cito!
E nos matar de algum jeito!

Eu vi isso 159 vezes. Mas desde que fui pego no loop, mal notei uma coisa sobre o mundo fora de minha própria cabeça que não se refere diretamente à minha maneira de sair daqui. Sentei-me tranquilamente em uma pequena e cinzenta cafeteria, desprovida de som, empurrando metodicamente comida em minha boca.

Mesmo que a batalha de amanhã fosse ganha, alguns dos soldados aqui não iriam voltar. Se fosse ruim, menos ainda retornariam. Todo mundo sabia disso. A Infantaria Armada era o Papai Noel, e a batalha era o nosso Natal. A única coisa que os elfos poderiam fazer na véspera de Natal eram se divertir um pouco.

Rita Vrataski estava sentada em frente a mim, comendo o mesmo almoço pela 160ª vez. Ela examinou seu 160º *umeboshi*.

“O que é isso?”

"*Umeboshi*, as pessoas chamam de ameixa, mas é mais parecido com um damasco seco ao sol, e depois decapado."

"Como é o gosto?"

"A comida é como a guerra, você tem que experimentá-la por si mesmo."

Ela cutucou duas ou três vezes com seus pauzinhos, depois soprou um pouco e colocou tudo na boca. A azedume a atingiu como um golpe de um lutador pesado e ela se dobrou, agarrando a garganta e o peito. Eu podia ver os músculos se contorcendo em suas costas.

"Gosta disso?"

Rita trabalhou a boca sem olhar para cima. Seu pescoço ficou tenso. Algo saiu voando de sua boca. Ela enxugou as bordas de seus lábios enquanto ofegava para respirar.

"Nem um pouco azedo."

"Não nesta cafeteria", eu disse. "Muitas pessoas do exterior aqui, vá para uma cafeteria local se quiser o sabor de verdade."

Eu peguei o *umeboshi* da minha bandeja e coloquei na minha boca. Dei um espetáculo de sabor. A verdade seja dita, era azedo o suficiente para torcer minha boca tão apertada como uma bunda de caranguejo na maré baixa, mas não dar esse prazer para ela.

"Muito bom." Falei.

Rita ficou de pé, sua boca era uma linha dura. Ela me deixou sentado à mesa enquanto andava pelo corredor entre as mesas, além de multidões de soldados, e até o balcão de serviço. Lá, Rachel falou com um gorila de um homem que podia alcançar e tocar o teto sem se esticar — o mesmo gorila do 4º cujo punho minha mandíbula havia encontrado vários loops atrás. A Bela e a Fera ficaram compreensivelmente surpresos ao verem o assunto de sua conversa caminhar até eles. Toda a cafeteria podia sentir que algo estava acontecendo. As conversas diminuíram e a música parou. Graças a Deus.

Rita limpou a garganta. "Posso pegar algumas ameixas em conserva?"

"Umeboshi?"

"Sim, esses."

"Bem, claro, se você quiser."

Rachel pegou um pequeno prato e começou a despejar *umeboshi* de um grande balde de plástico.

"Eu não preciso do prato."

"Como?"

"Essa coisa que você está segurando na mão esquerda, sim, o balde."

"Hum, as pessoas geralmente não comem isso de uma só vez," Rachel

disse.

“Algum problema?”

“Não, eu suponho que não —”

“Obrigado pela ajuda.”

Balde na mão, Rita voltou triunfante. Ela o jogou no meio da mesa bem na minha frente.

O recipiente tinha cerca de trinta centímetros de diâmetro, grande o suficiente para servir cerca de duzentos homens, já que ninguém queria mais do que um. Grande o bastante para afogar um gato pequeno. A base da minha língua começou a doer apenas olhando para ela. Rita pegou seus pauzinhos.

Ela apontou uma das frutas enrugadas, avermelhadas do balde e o estalou em sua boca. Ela mastigou. Ela engoliu em seco.

“Nem um pouco azedo.” Seus olhos lacrimejaram.

Rita me passou o pote com um empurrão. Minha vez. Escolhi o menor que pude encontrar e o coloquei em minha boca. Eu comi e cuspi o caroço.

“O meu também.”

Estávamos a jogar o nosso próprio jogo gastronómico. As pontas dos pauzinhos de Rita estremeceram quando ela mergulhou de volta no pote. Ela tentou duas vezes pegar outro *umeboshi* entre eles antes que ela desistisse e apenas espetou um em um único pau, levantando-o para a boca. As frutas arrastaram gotas de líquido cor-de-rosa que mancharam a bandeja onde caíram.

Uma multidão de espectadores começara a se reunir ao nosso redor. Eles observaram em um silêncio inquieto no início, mas a excitação cresceu rapidamente com cada caroço cuspido na bandeja.

O suor frisado em nossa pele. Rachel estava de lado, observando com um sorriso preocupado. Eu avistei meu amigo do 4º na multidão. Ele estava passando um bom tempo me observando sofrendo. Cada vez que Rita ou eu colocávamos mais *ume* em nossas bocas, uma onda chacoalhava a multidão.

“Comam mais rápido!”

“Não desista agora, continuem!”

“Você não vai deixar essa garota te vencer, não é?”

“Porra, você acha que ele pode derrotar Rita? Você é louco!”

“Coma! Coma! Coma!”

“Cuidado com as portas, não quero ninguém quebrando isso! Eu aposto dez dólares no cara magricela!” Seguido imediatamente por: “Vinte em Rita!” Então alguém gritou: “Onde está meu camarão frito?

Eu perdi meu camarão frito!”

Estava quente, barulhento, e de uma maneira não dá para explicar, eu me senti em casa. Havia uma ligação invisível que não estava lá nos loops anteriores. Tinha um gosto do que o amanhã traria, e de repente todas as pequenas coisas que acontecem em nossas vidas, os detalhes do dia, assumiram uma nova importância. Só então, estar rodeado por todo esse barulho era bom.

No final, nós comemos todos os *umeboshi* do pote. Rita comeu o último. Falei que foi um empate, mas como Rita tinha comido o primeiro, ela insistiu que ela tinha vencido. Quando me opus, Rita sorriu e ofereceu para resolvermos isso com outro pote. É difícil dizer se aquele sorriso significava que ela realmente poderia continuar comendo ou se a sobrecarga de comida azeda a deixou um pouco zonza. O gorila do 4º trouxe outro pote cheio do fruto vermelho do inferno e o colocou no meio da mesa com um baque.

Nesse ponto, já sentia que eu era *umeboshi* da cintura para baixo. Levantei a bandeira branca.

Depois disso, falei com Rita sobre tudo — o Yonabaru que nunca se calava, Sargento Ferrell e sua obsessão de treinamento, a rivalidade entre o nosso pelotão e o 4º. De sua parte, Rita me disse coisas que não deu tempo para contar no último loop. Quando não estava dentro de seu Jacket, a Cadela tinha um sorriso tímido que se adequava bem a ela. As pontas de seus dedos cheiravam a graxa de máquina, ameixa em conserva e um pouco de café.

Eu não sei o que eu havia ativado ou como, mas naquele 160º loop minha relação com Rita se aprofundou como nunca. Na manhã seguinte, Jin Yonabaru não acordou no beliche superior. Ele acordou no chão.

3

Não encontrei paz no sono. Um Mimic apagava a minha vida, ou eu apagava no meio da batalha. Depois disso, nada. Então, sem aviso, o nada cedeu. O dedo que apertava o gatilho do meu rifle estava preso a

três quartos do meu livro de bolso. Eu me encontrava deitado na cama, cercada por sua armação de tubos, ouvindo a voz aguda do DJ anunciar o clima do dia. *Claro e ensolarado aqui nas ilhas, o mesmo que ontem, com um aviso UV para a tarde.* Cada palavra abriu caminho no meu crânio e ficaram presas lá.

Em "ensolarado" eu peguei a caneta, em "ilhas" escrevi o número na minha mão, e quando ele chegou a "aviso UV" já tinha saído da cama e ia para o arsenal. Essa era a minha rotina de despertar.

Dormir na noite antes da batalha era uma extensão do treinamento. Por alguma razão, meu corpo nunca ficou cansado. A única coisa que trouxe comigo foram minhas memórias e as habilidades que eu tinha dominado. Passei a noite atirando e girando, minha mente relembrando os movimentos que tinha aprendido no dia anterior enquanto rodava o programa em meu cérebro. Eu tinha que ser capaz de fazer o que não pude da última vez no loop, matar os Mimics que não pude matar, salvar os amigos que não pude salvar. Como fazer uma prancha isométrica em minha mente. Meu próprio tormento noturno privado.

Acordei em modo de batalha. Como um piloto passando por interruptores antes da decolagem, eu me inspecionava uma parte de cada vez, verificando se havia músculos com câimbra. Não pulava nem o dedo mindinho.

Girando noventa graus, saltei da cama e abri os olhos. Pisquei. Minha visão ficou turva. O quarto era diferente. A cabeça do primeiro-ministro não estava olhando para mim de cima do modelo de maiô. Quando notei, já era tarde demais. Meu pé procurou uma plataforma que não estava lá e minha inércia me mandou cair da cama. Minha cabeça bateu em um chão coberto de azulejos, e finalmente percebi onde estava.

A luz do sol brilhava através de camadas de vidro resistente a explosões e se espalhava pelo vasto e arejado quarto. Uma brisa artificial do purificador derramou sobre meu corpo enquanto estava deitado esparramado no chão. As paredes espessas e vidro bloqueando completamente os sons da base que eram normalmente tão altos em meus ouvidos.

Eu estava no Sky Lounge. Originalmente uma sala de reunião dos oficiais que era como uma sala de recepção, a visão noturna de Uchibo através de seu vidro multicamadas daria um bom preço.

Tanto quanto a vista foi boa, foi um lugar ruim para acordar, a menos que você seja uma cabra das montanhas ou um eremita que ame as alturas. Ou você poderia ser Yonabaru. Ouvi que ele tinha um lugar secreto aqui em cima, um andar mais alto do que até mesmo os oficiais

foram autorizados a ir. “Seu ninho de amor”, nós o chamávamos.

Mais como um amor aéreo.

Olhando para o outro lado do oceano, pude ver a suave curva do horizonte. A praia de Uchibo era vagamente visível através da névoa da manhã. Os triângulos de ondas se ergueram, transformaram-se em espuma e desapareceram no mar. Além dessas ondas ficava a ilha que os Mimics faziam a desova. Por um momento, pensei ter visto um parafuso verde brilhante disparar através das ondas. Pisquei meus olhos. Foi apenas um reflexo do sol na água.

“Você certamente dormiu bem ontem à noite.” Rita ficou de pé sobre mim, vinda do outro quarto.

Olhei lentamente do chão de cerâmica. “Parece que já faz anos.”

“Anos?”

“Desde que eu tive uma boa noite de sono, tinha esquecido como é bom.”

“Isso é coisa do loop.”

“Você deveria saber.”

Rita fez um gesto de simpatia.

Nossa salvadora, a Cadela do Campo de Batalha, parecia mais relaxada esta manhã do que eu jamais a vira. Seus olhos eram mais suaves à luz fresca da manhã, e a luz do sol fazia com que seu cabelo cor de ferrugem brilhasse de laranja. Ela me deu o tipo de olhar que daria a um cachorro que a seguiu até em casa. Ela era bonita.

A sala de repente ficou muito brilhante, e eu estreitei os olhos contra o brilho. “Que cheiro é esse?”

Um odor incomum misturado com o ar limpo proveniente do filtro. Não era necessariamente um cheiro ruim, mas eu não o chamaria de agradável. Muito picante para ser comida, demasiado salgado para ser perfume. Francamente, eu não sabia o que diabos era.

“Tudo o que fiz foi abrir a sacola, você tem um nariz afiado.”

“No treinamento, eles nos disseram para ser cautelosos com quaisquer odores incomuns, uma vez que isso poderia significar que havia um problema com o filtro Jacket — não que eu esteja em um Jacket agora.”

“Nunca conheci ninguém que confundisse comida com armas químicas antes”, disse Rita. “Você não gosta do cheiro?”

“Gostar não é a palavra que eu usaria, cheira… estranho.”

“Não tem como você me agradecer por ferver um café para nós?”

“Isso é… café?”

“Claro que é.”

“Esta não é sua maneira voltar com o lance do *umeboshi*, é?”

“Não, isto é o que os grãos de café torrados colhidos de árvores de café reais que cresceram no chão se parecem.”

“Tenho uma xícara de café artificial todos os dias.”

“Espere até que eu prepare, você ainda não cheirou nada.”

Eu não sabia que havia algum grão de café natural sobrando no mundo. Suspeitei que o café real ainda existia, em algum lugar, mas não sabia que alguém ainda tinha o hábito de beber.

A bebida chamada de café nos dias de hoje era feita a partir de feijões cultivados em laboratório com aromatizante artificial adicionando sabor e aroma. Os artificiais não cheiravam tão forte como os grãos que Rita estava triturando, e não provocavam seu olfato como estes. Suponho que seja possível extrapolar o cheiro do material artificial e eventualmente se aproximar do real, mas a diferença de impacto era como a diferença entre uma 9mm e uma 120mm.

“Isso deve valer uma pequena fortuna”, falei.

“Eu disse que estávamos na linha do Norte da África antes de virmos aqui, era um presente de uma das aldeias que libertamos.”

“Um presente.”

“Ser rainha não é tudo ruim, sabe.”

Um moedor de café a manivela estava no meio da mesa de vidro. Um pequeno dispositivo de forma única — vi um desses uma vez em uma loja de antiguidades. Ao lado, havia algum tipo de funil de cerâmica coberto com um pano manchado de marrom. Imaginei que você devia colocar os grãos de café no meio e passar a água através deles.

Um fogão a gás portátil produzido pelo exército e uma frigideira pesada dominavam o centro da mesa. Um líquido transparente borbulhava ruidosamente na frigideira. Duas canecas nas proximidades, um lascado com pintura rachada, e um que parecia novo. Na própria borda da mesa havia um saco plástico reutilizável cheio de grãos de café marrom escuro.

Rita não parecia ter muitos pertences. Não havia nada além de um saco translúcido no pé da mesa — parecia um saco de boxe. Sem o equipamento de fazer café para sustenta-lo, a bolsa tinha desabado, quase vazia. Soldados deviam estar prontos para serem enviados para os cantos mais distantes da Terra, a qualquer momento, não tinham permissão para muita carga, mas até mesmo para esses padrões, Rita extrapolava. O fato de que uma das poucas coisas que ela trouxe foi um moedor de café a mão não ajudou a melhorar a ideia de que ela era meio estranha.

“Você pode esperar na cama, se quiser.”

“Eu prefiro assistir. Isto é interessante.”

“Então acho que vou ficar moendo.”

Rita começou a girar o cabo do moedor de café. Um som grave e sombrio encheu a sala e a mesa de vidro tremeu. O cabelo de Rita tremeu sobre sua cabeça.

“Quando a guerra acabar, eu vou te servir o melhor chá verde que você já provou — em troca do café.”

“Pensei que o chá verde veio da China.”

“Pode ter começado lá, mas foi aperfeiçoado aqui. Levou bastante tempo antes que eles sequer permitissem que ele fosse exportado. Me pergunto que tipo devemos tomar.”

“Eles o servem gratuitamente em restaurantes?”

“Isso mesmo.”

“Depois da guerra…” Rita soou um pouco triste.

“Ei, esta guerra vai acabar um dia, sem dúvida, você e eu vamos cuidar disso.”

“Você tem razão, tenho certeza que sim. Rita pegou os grãos e os espalhou no pano que cobria o funil. “Você tem que cozinhar primeiro.”

“Oh…”

“Muda completamente o sabor, algo que um velho amigo me ensinou uma vez, não sei como funciona, mas ele estava certo.”

Ela umedeceu os grãos moídos com um pouco de água fervente. As bolhas de cor creme sibilavam onde a água os tocava. Um aroma marcante, amargo, doce e azedo, encheu o ar que cercava a mesa.

“Ainda cheira estranho?”

“O cheiro é maravilhoso.”

Usando um movimento circular, Rita o derramou cuidadosamente na água. Gota a gota, um líquido marrom brilhante começou a encher a chaleira de aço que esperava em baixo.

Uma fina linha de vapor começava a subir da caneca quando um som penetrante perfurou as paredes grossas e estremeceu o vidro resistente do Sky Lounge. O piso de cerâmica tremeu. Rita e eu estávamos no chão em um piscar de olhos. Nossos olhos se encontraram.

Não havia nenhum tilintar de vidro quebrado, apenas um som afiado, como se alguém tivesse jogado um livro grosso no chão. Fraturas em forma de teia de aranha se espalhavam pelo vidro da janela, um dardo cor de areia estava no meio da teia. O cristal líquido roxo penetrou nas fendas e no chão.

Tarde demais, sirenes começaram a explodir através da base. Três fios de fumaça subiam pela janela. A água fora da costa tinha virado um

verde lívido.

"*U*-um ataque?" Minha voz estava tremendo. Provavelmente meu corpo também. Em todos os 159 loops nunca houve um ataque surpresa. A batalha deveria começar *depois* que pousássemos na ilha de Kotoiushi.

Um segundo e terceiro dardos impactaram a janela. A vidraça inteira se rachou, mas de alguma forma se manteve firme. Fissuras atravessavam a janela. Raios de luz nadaram diante dos meus olhos.

Rita tinha ficado de pé e colocava calmamente a chaleira de volta ao fogão portátil. Ela matou a chama com uma mão hábil.

"Este vidro é realmente forte, nunca se sabe se é apenas conversa". Rita refletiu.

"Nós temos que recuar — não, eu tenho que encontrar o sargento — espere, nossos Jackets!"

"Você deve começar se acalmando."

"Mas, o que está acontecendo!" Eu não tinha a intenção de gritar, mas não pude me controlar. Nada disso estava no roteiro. Tinha estado tanto tempo no loop que a ideia de novos acontecimentos me aterrorizava. O acontecimento em questão envolver Mimics e dardos explodindo contra as janelas do quarto que eu estava não ajudou.

"Os Mimics usam os loops para ganhar a guerra. Você não é o único que se lembra do que aconteceu em cada ciclo."

"Então isso é tudo porque estraguei a última vez?"

"Os Mimics devem ter decidido que essa era a única maneira de vencer."

"Mas… a base — como chegaram até aqui?"

"Eles foram para o interior do Mississipi para atacar Illinois uma vez, eles são criaturas aquáticas, não é de surpreender que tenham encontrado um caminho para uma linha de quarentena criada por um bando de seres humanos que habitam a terra". Rita estava calma.

"É…"

"Deixe a preocupação para os oficiais, para você e para mim, isso significa que vamos lutar aqui em vez de Kotoiushi."

Rita estendeu a mão. Segurei e ela me ajudou a ficar de pé. Seus dedos tinham calos nas bases por causa das placas de contato Jacket. A palma da mão com a qual ela segurava a chaleira era muito mais quente que a minha. Eu podia sentir a apreensão no meu peito começar a recuar.

"O trabalho de um soldado Jacket é matar todos os Mimic à vista, certo?"

"Sim. Sim, isso mesmo."

“Iremos primeiro para o hangar dos Estados Unidos, eu colocarei o meu Jacket, vamos pegar armas para nós dois, eu te dou cobertura no caminho para o hangar japonês.”

“Ok.”

“Então caçamos o servidor e o matamos, fim do loop, depois disso, basta limpar tudo o que restou.” Eu parei de tremer. Rita sorriu com ironia. “Não há tempo para o nosso café da manhã.”

“Só tenho que terminar isso antes que fique frio”, eu disse, pegando um copo.

“Está tentando melhorar o humor?”

“Valeu a pena.”

“Isso poderia ser bom, embora café nunca tenha o mesmo gosto quando você reaquece e se deixar o material natural por aí, depois de cerca de três dias começa a crescer mofo. Isso aconteceu comigo uma vez na África. Eu quis me bater.”

“E ficou bom?”

“Muito engraçado.”

“Se você não beber, como sabe que não está?”

“Você pode beber todo o café mofado que quiser. Não espere que eu cuide de você quando ficar doente.”

Rita se afastou da mesa, deixando para trás o café fresco natural. Quando começamos a sair do quarto, uma pequena mulher que estava pressionada contra a porta caiu. Seus cabelos negros estavam trançados em um rabo-de-cavalo que flutuou atrás de seu bizarro capacete com penas. A nativa americana favorita de todos, Shasta Raylle.

“Estamos sob ataque, estamos sob ataque!” gritou, quase ofegante. Seu rosto estava coberto de linhas de tinta vermelha e branca. Comecei a me perguntar se o loop inteiro era apenas eu ficando louco nos últimos segundos de vida em uma cratera fumegante em algum lugar.

Rita deu um passo para trás para apreciar uma das mentes mais brilhantes que o MIT tinha a oferecer. “Que tribo está atacando?”

“Não é uma tribo! Os *Mimics!*”

“É assim que você se veste para a batalha?”

“Está ruim?” perguntou Shasta.

“Eu não costumo criticar os costumes de alguém, mas eu diria que você está cerca de duzentos anos de atrasada.”

“Não, você não entende!” Shasta disse. “Eles me forçaram a vestir assim na festa ontem à noite! Esse tipo de coisa sempre acontece quando você não está por perto.”

Acho que todo mundo tem um peso para carregar, pensei.

“Shasta, por que você está aqui?” disse Rita com surpreendente paciência.

“Eu vim dizer que seu machado não está no hangar, está na oficina.”

“Obrigado pelo aviso.”

“Tenha cuidado lá fora.”

“O que você vai fazer?”

“Eu não posso lutar, então pensei em encontrar um bom lugar para me esconder.”

“Use meu quarto” disse Rita rapidamente. “Os dardos não conseguem atravessar as paredes ou o vidro, é mais difícil do que parece, só precisa me fazer um pequeno favor.”

“Um… favor?”

“Não deixe ninguém entrar aqui até que ele ou eu voltemos.” Rita apontou um polegar em minha direção. Eu não acho que Shasta tenha percebido que havia alguém parado ao lado de Rita até então. Quase pude ouvir seus grandes olhos piscando de algum lugar atrás de seus óculos enquanto ela me olhava. Eu não tinha conhecido Shasta Raylle ainda neste loop.

“E você é…?”

“Keiji Kiriya, um prazer.”

Rita caminhou em direção à porta. “Você não deve deixar ninguém entrar, não importa quem eles sejam ou o que digam. Eu não me importo se é o presidente, mande ele ir se foder.”

“Sim senhora!”

“Eu estou contando com você. Oh, e uma outra coisa —”

“Sim?”

“Obrigado pelo charme da sorte, vou precisar.”

Rita e eu corremos para o hangar.

4

Quando Rita e eu fizemos a viagem relativamente longa do Sky Lounge, as Forças Especiais dos Estados Unidos já haviam estabelecido um

perímetro defensivo com seu hangar no centro.

Dois minutos para Rita vestir o Jacket. Um minuto quarenta e cinco segundos para correr para a oficina de Shasta. Seis minutos e quinze segundos para derrubar dois Mimics que encontramos no caminho para o hangar Japonês. Ao todo, doze minutos e trinta segundos se passaram desde que deixamos o Sky Lounge.

A base estava um caos. Chamas disparavam para o céu e veículos quebravam nas estradas. A névoa esfumaçada enchia as vielas entre os quartéis, tornando difícil de ver. Um rojão de pequeno porte, inútil contra Mimics, rasgou o ar o ar, abafado pelo ocasional rugido de um lançador de foguetes. Os dardos se encontraram com os helicópteros de ataque enquanto eles se precipitavam para o céu, rompendo suas pás de rotor e os enviando espiralando em direção ao chão.

Para cada pessoa que corria para o norte para fugir da carnificina, havia outra correndo para o sul. Não havia maneira de saber qual caminho era seguro. O ataque surpresa quebrou a cadeia de comando. Ninguém no topo tinha uma ideia melhor do que estava acontecendo do que quem estava abaixo.

Não havia praticamente nenhum cadáver Mimic, e não havia nenhum sinal dos dez mil Jackets na base. Corpos humanos estavam espalhados aqui e ali. Não demorou mais do que um olhar para um torso esmagado para saber que eram KIAs.

Um soldado morto estava deitado de bruços no chão, trinta metros na frente do meu hangar. Seu torso tinha sido rasgado em carne moída, mas ele ainda estava segurando uma revista com as duas mãos. Debaixo de uma fina camada de poeira, uma loira sorridente e de topless olhava das páginas. Eu conheceria aqueles seios prodigiosos em qualquer lugar. O cara na cama perto da minha esteve olhando para eles durante todas aquelas conversas que eu tinha com Yonabaru no quartel. Era Nijou.

“Pobre bastardo, morreu vendo pornografia”, eu disse.

“Keiji, você sabe o que temos que fazer.”

“Sim, eu sei, não há como voltar desta vez, não importa quem morra.”

“Não há muito tempo, vamos.”

“Estou pronto.” Pensei que estivesse por um momento. “Isso não é uma batalha, é um massacre.”

A porta do hangar estava aberta. Havia marcas onde alguém tinha agarrado a fechadura com algo parecido com um pé-de-cabra. Rita encostou o machado de batalha no chão e destravou o rifle de 20mm pendurado nas costas dela.

“Você tem cinco minutos.”

“Só preciso de três.”

Eu corri para o hangar. Era um edifício comprido e estreito com Jackets em ambos os lados da passagem. Cada edifício abrigava Jackets suficientes para um pelotão, vinte e cinco para uma parede. O ar interior era pesado e úmido. As luzes acesas nas paredes tremiam. A maioria dos Jackets ainda pendurados em seus ganchos, sem vida.

O cheiro forte de sangue quase me derrubou. Uma enorme piscina escura tinha se reunido no centro da sala, manchando o concreto. Duas linhas que pareciam ter sido pintadas com uma escova se estendiam da piscina para a outra entrada, na extremidade do hangar.

Alguém havia sido terrivelmente ferido aqui, e quem os arrastou para longe não tinha meios para fazê-lo perfeitamente. Se todo o sangue tivesse vazado de uma pessoa, ele já estaria morto. Um punhado de Jackets estava espalhado em desordem no chão, como a pele dessecada de alguma besta em forma humana.

Um Jacket era muito parecido com um daqueles trajes ridículos que usam em parques temáticos para se parecerem com algum rato sorridente. Quando estão vazios, simplesmente penduram na parede com buracos na parte de trás esperando por alguém para vestir.

Como Jackets liam minúsculos sinais elétricos musculares, cada um tem que ser feito sob encomenda. Se usasse o Jacket de outra pessoa, não há como dizer o que aconteceria. Poderia não se mover, ou poderia esmagar seus ossos como galhos, mas seja qual for o resultado, não seria bom. Ninguém conseguiu saiu do treinamento sem aprender pelo menos isso. Os Jackets no chão eram evidências claras de que alguém havia ignorado essa regra básica por necessidade desesperada. Eu balancei a cabeça.

Meu Jacket tinha sido deixado intacto em seu ancoradouro. Eu entrei. Dos trinta e sete check-ups, eu saltei vinte e seis.

Uma sombra se movia para a extremidade do hangar, onde as trilhas de sangue conduziam — onde Rita não observava. Meu sistema nervoso entrou em pânico. Eu estava a vinte metros da porta, talvez menos. Um Mimic poderia cobrir a distância em menos de um segundo. Um dardo ainda mais rápido.

Eu poderia matar um Mimic com minhas mãos nuas? Não. Posso lidar com isso? Sim. Mimics movem mais rápido do que até mesmo um humano com Jackets poderiam se mover, mas seus movimentos eram fáceis de ler. Eu poderia esquivar de seu dardo e me apertar contra a parede para comprar tempo suficiente para chegar até Rita. Inconscientemente, assumi uma postura de batalha, girando minha

perna direita no sentido horário e minha esquerda no sentido anti-horário. Então a identidade da sombra finalmente se revelou: era Yonabaru.

Ele estava coberto de sangue da cintura para baixo. O sangue seco cobria sua testa. Parecia um pintor descuidado. Um sorriso substituiu a tensão em seu rosto e ele começou a correr em minha direção.

"Keiji, merda, eu não vi você a manhã toda. Estava começando a me preocupar."

"Eu também. Estou feliz que você esteja bem." Saí do modo de evasão e pisei sobre as roupas que eu tinha deixado no chão.

"O que você acha que está fazendo?" ele perguntou.

"Como é que eu vou matar alguns Mimics?"

"Você está louco, não é a hora."

"Você tem algo melhor para fazer?"

"Eu não sei, que tal uma boa retirada, ou encontrar um lugar onde os Mimics não estejam e ir para lá. Ou talvez simplesmente fugir da merda!"

"Os americanos estão se preparando, precisamos nos juntar a eles".

"Eles não são nós, esqueça eles, se não partimos agora, talvez não tenhamos outra chance."

"Se corrermos, quem vai sobrar para lutar?"

"Você enlouqueceu? Escute o que está dizendo!"

"É para isso que treinamos."

"A base está perdida, cara, está fodida."

"Não enquanto Rita e eu estivermos aqui."

Yonabaru agarrou meu braço tentando me puxar como uma criança puxando com todo seu peso a mão de seu pai para chegar à loja de brinquedos. "Você está ficando louco, cara, não há nada que você ou eu possamos fazer que faça a diferença", ele disse com outro puxão.

"Talvez esta seja a sua ideia de dever, honra, toda essa merda, mas acredite, não temos nenhum dever de nos matarmos por nada… Eu e você somos apenas soldados comuns… Nós não somos como Ferrell ou aqueles caras das Forças Especiais. A batalha não precisa de nós."

"Eu sei." Eu sacudi a mão de Yonabaru com a menor das contrações. "Mas preciso da batalha."

"Você realmente quer fazer isso, não é?"

"Não espero que você entenda."

Rita estava me esperando. Tinha levado quatro minutos.

"Não diga que não te avisei."

Ignorei o comentário glorioso de Yonabaru e saí correndo do hangar.

Rita e eu não éramos os únicos soldados vestindo Jackets agora. Meu HUD foi preenchido com ícones indicando outros aliados. Agrupados em grupos de dois ou três, eles haviam se escondido nos quartéis ou atrás de veículos derrubados, onde podiam saltar em intervalos para disparar rajadas curtas com seus rifles.

O ataque surpresa Mimic tinha sido impecável. Os soldados foram completamente isolados do comando. Mesmo aqueles vestindo Jackets não estavam lutando como um pelotão disciplinado — era mais como uma multidão armada. Para que a infantaria blindada pudesse ser eficaz contra um Mimic, eles tiveram que sair da cobertura e jogar tudo o que tinham no inimigo apenas para retardá-los. Um a um, mesmo dois para um, não tinha chance.

Ícones aliados piscaram no meu monitor. O número de aliados se manteve estável graças às Forças Especiais dos EUA. O número de ícones Mimic estava aumentando constantemente. Metade do tráfego era estática, e o resto era uma mistura de gritos de pânico e "Foda-se! Foda-se!" Não ouvi ninguém dar ordens. As terríveis previsões de Yonabaru não pareciam muito distantes. Eu abri um canal de comunicação com Rita. "E agora?"

"Faça o que fazemos melhor, mate alguns Mimics".

"Alguma coisa mais específica?"

"Siga-me, vou te mostrar."

Nós nos juntamos à batalha. O Jacket carmesim de Rita era um estandarte para o nosso exército fragmentado se recuperar. Fomos de um soldado solitário para o outro, reunindo-os. Até que o último Mimic estivesse morto, continuaríamos.

A Valquíria voou de um extremo da Flower Line para o outro à vontade, levando sua mensagem de esperança para todos que a viram. Até mesmo as tropas japonesas, que nunca tinham visto seu Jacket em pessoa, muito menos lutaram a seu lado, ganharam vontade e propósito à vista daquele aço vermelho cintilante. Onde quer que ela fosse, o coração da batalha seguia.

Em seu Jacket, Rita era invencível. Seu companheiro poderia ter um calcanhar de Aquiles ou dois, mas eu era melhor que qualquer Mimic. O inimigo da humanidade havia encontrado os seus carrascos. Era hora de mostrar a eles o quão profundo no Inferno eles haviam caído.

Levando células de energia e munição dos mortos, chutamos e pisoteamos um no campo de batalha. Se um edifício entrava em nosso caminho, nós criávamos um novo caminho na força. Detonamos um depósito de combustível para destruir uma horda inteira de Mimics.

Arrancamos parte da base da torre de antena e usamos como barricada. A Cadela do Campo de Batalha e o escudeiro ao seu lado eram a encarnação da morte em aço.

Encontramos um homem escondido atrás do casco ardente de um carro blindado. Um Mimic estava se abaixando sobre ele, e eu sabia sem ninguém falar que este era meu. Eu bati e o Mimic caiu. Rapidamente, me coloquei entre o cadáver do Mimic e o homem para protegê-lo da areia que se derramava do seu corpo. Sem um Jacket para filtrar os nanorobôs, a areia era mortal.

Rita segurou o perímetro em volta do ferido. Fumaça subiu do carro, reduzindo a visibilidade para quase nada. A dez metros de distância, por volta das seis horas, estava uma torre de aço que desabou. Além disso, nosso Doppler estava repleto de pontos brancos de luz. Se ficássemos aqui seríamos cercados por Mimics.

A perna do homem estava presa sob o veículo virado. Ele era bem musculoso, uma velha câmera pendia do pescoço que era muito mais grosso do que o meu. Era Murdoch, o jornalista que estava tirando fotos no lado de Rita durante o TFM.

Rita se ajoelhou e examinou sua perna. “Pensei que você ficaria *fora* da batalha.”

“Foi uma boa foto, major, um Pulitzer com certeza, se eu tivesse conseguido pegar, mas não contava com a explosão.” A fuligem e a sujeira sujavam os cantos de sua boca.

“Eu não sei se isso faz você seja sortudo ou azarado.”

“Encontrar uma deusa no Inferno significa que ainda tenho sorte”, disse ele.

“Esta placa está cravada em sua perna muito fundo. Vai levar muito tempo para te tirar.”

“Quais são minhas opções?”

“Você pode ficar aqui tirando fotos até que um Mimics te esmague até a morte, ou eu posso cortar sua perna e te levar para a enfermaria.”

“Rita, espera!”

“Você tem um minuto para pensar sobre isso, os Mimics estão chegando.”

Ela levantou seu machado, não realmente interessado em oferecer os sessenta segundos completos.

Murdoch respirou fundo. “Posso te perguntar uma coisa?”

“O que?”

“Se eu viver — você vai me deixar tirar uma foto sua? Sem dedos do meio?”

Os soldados japoneses e norte-americanos estavam a pouco mais de duas horas em combate. Neste tempo, os soldados tinham juntado algo que você poderia realmente chamar de uma frente. Foi uma batalha feia, mas não foi uma derrota. Haviam muitos homens ainda vivos, ainda em movimento, ainda lutando.

Rita e eu atravessamos os restos da base.

5

A frente correu para o meio da Base da Flower Line, formando um meio-círculo de frente para a costa. As Forças Especiais dos Estados Unidos estavam no centro do arco irregular onde os ataques inimigos eram mais ferozes. Soldados empilhavam sacos de areia, se escondiam entre os escombros e despejavam balas no inimigo, foguetes e insultos quando podiam.

Se desenhasse uma linha imaginária dos EUA até a Ilha Kotoiushi, o Campo de Treinamento No. 3 estaria no meio. Era daí que os Mimics chegavam à terra. Geralmente, Mimics se comportavam com todo o intelecto de um equipamento de jardinagem. Os ataques surpresa não estavam em seu repertório militar. E podia ter certeza de que seu ponto fraco — o servidor — estaria fortemente defendido, cercado pela maior parte da força Mimic. Mísseis que cavavam sob as rochas, bombas de fragmentação que se quebravam em mil explosivos, bombas de combustível que incineravam qualquer coisa perto delas. Todas as ferramentas humanas de destruição tecnológica eram inúteis por conta própria. Derrotar o Mimic era como desarmar uma bomba. Você tem que desarmar cada parte na ordem apropriada ou ela vai explodir na sua cara.

O Jacket de Rita e o meu eram uma combinação perfeita, sangue e areia. Um machado cobrindo as costas do outro. Esquivamos dos dardos, cortamos através de Mimics, buracos explodindo em concreto com picos de carboneto de tungstênio. Tudo em busca do Mimic cuja morte poderia acabar com isso.

Eu sabia que a ordem bem o suficiente: destruir o roteador e os backups para impedir que os Mimics enviem um sinal para o passado. Pensei que eu tinha chegado bem no meu 159º loop, e não era provável Rita tivesse estragado as coisas. Mas de alguma forma tudo tinha reiniciado novamente. Conhecer Rita um pouco mais intimamente neste loop 160º foi bom, mas em troca Flower Line tinha tomado no cu. Haveria muitas mortes de pessoal não-combatente e um monte de KIA quando a poeira baixasse.

Eu poderia dizer que Rita tive uma ideia. Ela tinha passado por mais loops do que eu, então talvez ela tenha visto algo que não vi. Pensei que tivesse me transformado em um veterano, mas ao lado dela eu ainda era um novato recém-saído do treinamento.

Estávamos de pé no Campo de Treinamento No. 3, a barricada de arame farpado virada de lado. Mimics se abarrotavam na área, ombro a ombro — como se tivessem ombros. Incapaz de suportar o peso maciço dos Mimics, o concreto tinha dobrado e rachado. O sol começava a afundar no céu, lançando sombras complexas sobre o terreno irregular. O vento era tão quanto no dia anterior, mas o filtro do Jacket removia todo o traço do oceano e seu cheiro.

Então lá estava o servidor Mimic. Rita e eu o vimos ao mesmo tempo. Não sei como nós soubemos que era ele, mas soubemos.

“Não posso levantar meu esquadrão de apoio pelo link de comunicação. Nós não teremos qualquer apoio aéreo.”

“Normal.”

“Você se lembra do que tem que fazer?”

Acenei com a cabeça dentro do meu Jacket.

“Então vamos.”

O campo estava repleto de dez mil metros quadrados de Mimics esperando que nossos machados os enviassem para o esquecimento da morte. Avançamos para encontrá-los.

Quatro pernas esguias e uma cauda. Não importa quantas vezes eu visse um Mimic, nunca seria capaz de pensar em nada além de um sapo morto e inchado. Olhando, não havia como diferenciar o servidor de seus clientes, mas Rita e eu sabíamos a diferença.

Eles comiam terra e cagavam veneno, deixando para trás um terreno sem vida. A inteligência alienígena que os criara tinha dominado as viagens espaciais e aprenderam a enviar informações através do tempo. Agora eles estavam tomando o nosso mundo e transformando-o em um semelhante ao seu, até a última árvore, flor, inseto, animal e humano ser condenado.

Desta vez tínhamos que destruir o servidor. Chega de erros. Se não o fizéssemos, esta batalha nunca terminaria. Coloquei toda a inércia que ousei atrás de meu machado — um golpe limpo o roteador. “Consegui!”

O ataque veio de trás.

Meu corpo reagiu antes que eu tivesse tempo para pensar. No campo de batalha, não deixava minha mente consciente comandar meu corpo. Os cálculos frescos e imparciais do meu reflexo eram muito mais precisos do que a mente jamais poderia ser.

O concreto aos meus pés se partiu em dois, fazendo com que a poeira cinza subisse no ar como se o chão tivesse explodido. Minha perna direita rolou para manter o equilíbrio. Eu ainda não podia ver o que estava me atacando. Não havia tempo para balançar meu machado de batalha.

Meus braços e minhas pernas se moveram para acompanhar o meu centro de gravidade. Os tremores percorreram meus nervos, se esforçando para fornecer a resposta evasiva necessária a tempo. Se minha coluna tivesse conectada à blindagem nas minhas costas, teria sido um desastre.

Eu empurrei com o cabo do meu machado. Feito direito, isso daria faria um estrago como o do pile driver. Com a possível exceção da blindagem dianteira em um tanque, não havia muitas coisas que pudessem resistir a um golpe direto com 370 quilos de força de perfuração.

O golpe resvalou. *Porra!*

Uma sombra se moveu no limite de minha visão. Não há tempo para sair do caminho. Segurei a respiração que tomei antes do golpe com o machado. O golpe estava chegando. Lá. Por um instante meu corpo voou, então eu estava rolando, minha visão alternando entre céu e terra, céu e terra. Saí do giro e recuperei meus pés em um único movimento fluido. Meu machado estava pronto.

Lá, com uma perna ainda levantada no ar, estava um Jacket vermelho. *Rita!*

Talvez ela tivesse me tirado do caminho de um ataque que eu não tinha visto, ou talvez eu tivesse atravessado em seu caminho. Mas ela definitivamente foi a pessoa que me jogou no ar.

Que merda…?

O Jacket vermelho agachado e preparado. A lâmina do machado era uma navalha reluzente. Entreguei meu corpo à batalha. Cento e cinquenta e nove loops o tinham treinado para se mover com facilidade, e assim foi. A primeira batida veio do lado, me errando por um triz.

Desviei o segundo, um vicioso balanço de cima, com o cabo do meu machado. Antes que o terceiro golpe pudesse vir, saltei para fora do alcance do dano e coloquei alguma distância entre nós.

Respirei fundo e a realidade da situação me acertou.

"Que porra você está fazendo?"

Rita caminhou lentamente em minha direção, o machado de batalha balançando baixo, quase roçando o chão. Ela parou, e sua voz estalou no link de comunicação. Sua voz alta e delicada, tão estranha para o campo de batalha:

"O que parece que estou fazendo?"

"Parece que você está tentando me matar, merda!"

"Os humanos percebem as transmissões dos Mimics como sonhos. Nos nossos cérebros são as antenas que recebem essas transmissões. Mas não é só isso. Nossos cérebros se adaptam — nos tornamos os roteadores. Eu não estou mais no loop, mas ainda estou conectada. Ainda posso sentir o servidor Mimic porque eu mesma sou um roteador. A enxaqueca é um efeito colateral. Você também, não é?"

"Do que você está falando?"

"É por isso que o loop não parou da última vez, mesmo que você tenha destruído os backups. Você não destruiu o roteador — eu."

"Rita, eu não entendo."

"Se você se tornar um roteador, os Mimics ainda serão capazes de criar o loop. Eu sou um roteador. Você está preso em um loop. Se me matar, o loop não se propaga. Eu te mato, e isso vai continuar para sempre… Eternamente, só um de nós pode escapar.

Nada disso fazia sentido. Eu era um novo recruta preso em um loop temporal que não entendia. Rezava para me tornar tão forte quanto a Valquíria que via no campo de batalha. Me tornei um cadáver inúmeras vezes tentando seguir seus passos, e depois de 160 tentativas, finalmente ganhei o direito de ficar ao seu lado. Tínhamos lutado juntos, rido juntos, almoçado e conversado besteiras juntos. Me arrastei pelo inferno para me aproximar dela e agora o mundo ia nos separar. Não podia ficar muito mais fodido do que isso. O mesmo loop que me transformou em um guerreiro ia me matar.

"Se a humanidade está pensando em ganhar, é preciso alguém que possa quebrar o loop." A voz de Rita estava fria e nivelada.

"Espera, tem que ter —"

"Agora vamos descobrir se essa pessoa é Rita Vrataski ou Keiji Kiriya."

Rita se preparou.

Eu abaixei meu rifle. O tempo necessário para apontar e apertar o

gatilho era o tempo que eu não tinha contra a Cadela do Campo de Batalha. Agarrei meu machado de batalha com as duas mãos.

Nossa luta se desenrolou por toda a base. Passamos do Campo de Treinamento No.3 para o campo que usamos para o TFM, pisoteando os restos da tenda que o general usou para se abrigar do sol abrasador do meio-dia. Atravessamos os vestígios fumegantes dos quartéis do 17ª e digladiamos os machados em frente ao hangar. Nossas lâminas deslizaram uma contra a outra. Me abaixei para evitar o golpe e continuei correndo.

Os outros soldados pararam e olharam quando passamos. Seus capacetes escondiam suas expressões, mas não seu choque. E porque não? Eu também não podia acreditar que isso estava acontecendo. Minha mente estava em negação, mas meu corpo continuou a funcionar, inconsciente, como a máquina eficiente que tinha se tornado. Com os movimentos aperfeiçoados, pressionei o ataque.

À medida que nos aproximávamos da linha de tropas dos EUA, uma luz verde no meu HUD piscou — comunicação com Rita. A ligação entre nossos Jackets retransmitiu a transmissão para mim.

“Chief Breeder para Calamity Dog”. A voz de um homem. Rita desacelerou quase imperceptivelmente. Aproveitei a oportunidade para ampliar o espaço entre nós. A voz continuou “A supressão do inimigo está quase um sucesso. Você parece um pouco ocupada, precisa de uma mão?”

“Negativo.”

“Alguma ordem?”

“Mantenha os japoneses fora disto, eu não serei responsável pelo que acontecer se eles ficarem no meu caminho.”

“Entendido. Boa caça. Chief Breeder desligando.”

O canal fechou, e eu gritei para Rita. “Isso é tudo que você tem a dizer? Que merda!” Não houve resposta. O Jacket vermelho de Rita se aproximou de mim. Não há mais tempo para falar. Eu estava muito ocupado lutando pela minha vida.

Eu não sabia se Rita estava realmente tentando me matar ou apenas me testando. Eu era uma máquina de combate de precisão boa o suficiente para processar informação extra. Rita e qualquer coisa mais complicada do que *correr / defender / esquivar* teria que esperar. Quaisquer que fossem suas intenções, seus ataques eram mortalmente reais.

O portão principal da base estava à minha direita. Nós estávamos no caminho que tomei todas aquelas vezes para me esgueirar para a base

dos EUA e roubar um dos machados de Rita. A linha das Forças Especiais dos EUA se estendia para a direita do outro lado do local onde os dois sentinelas estavam.

Rita balançou a arma sem olhar para quem ou o que poderia bater. Eu não vi nenhuma razão para trazer mais alguém para isso, então comecei a nos afastar da linha. Cafeteria No. 2 estava cerca de cem metros à frente. Os dardos haviam feito seu estrago na estrutura, mas contra todas as probabilidades, ele ainda estava de pé. Era distante o suficiente da linha. Um batimento cardíaco mais tarde eu estava a centena de metros e fazendo o meu caminho através da porta do outro lado do edifício.

Era um entardecer escuro lá dentro, apenas luz suficiente para ver. As mesas estavam de lado, empilhadas em uma barricada improvisada em frente à entrada da porta pela qual passei. Alimentos e garrafas de molho de soja quase vazias estavam espalhadas no chão de concreto. Não havia sinal de ninguém — morto ou vivo — em toda a sala.

Este foi o lugar onde gastei incontáveis almoços assistindo Rita comer. Onde lutei contra aquele macaco da 4ª Companhia comido *umeboshi* com Rita. Que lugar melhor para Rita e eu decidirmos nossas vidas em um duelo até a morte?

Uma luz laranja brilhou através de um buraco na parede oeste. Quando olhei para o relógio ao lado, mal pude acreditar que oito horas se passaram desde que a batalha começou. Já era anoitecer. Não era de admirar que me sentia como se meu Jacket estivesse carregado com chumbo. Eu não tinha músculo para isso. Minha energia foi drenada e o sistema estava prestes a começar a desligar. Eu nunca estive em uma batalha que durou metade deste tempo.

O Jacket vermelho de Rita entrou na cafeteria. Bloqueei um balanço horizontal com o meu machado. Parte do meu Jacket rangia. Se eu bloqueasse toda a força do golpe, o torque teria rasgado meu Jacket de dentro para fora. Tive medo de que Rita fosse capaz de me acertar de novo. Rita Vrataski era um prodígio na batalha — e ela aprendeu a ler todas as minhas fintas.

Cada movimento na batalha acontece em um nível subconsciente. Isso torna duplamente difícil compensar quando alguém aprende a ler esses movimentos. Rita estava um passo à frente de mim, já girando para entregar um golpe mortal no espaço onde eu estaria antes de eu chegar até lá.

Ela acertou o alvo. Instintivamente entrei no arco do seu machado, evitando o peso total do golpe. Minha placa do ombro esquerdo saiu

voando. Uma luz vermelha de advertência se acendeu no meu monitor.

Rita chutou, e não havia maneira de evitar. Voei pela sala. Faíscas voaram quando meu Jacket raspou ao longo do chão de concreto quebrado. Girei uma vez e colidi com o balcão. Uma chuva de pauzinhos choveu sobre minha cabeça.

Rita já estava se movendo. Não há tempo para descansar. Cabeça, ok. Pescoço, ok. Torso, ombro direito, unidade de braço direito — tudo ok, mas minha placa no ombro esquerdo não. Eu ainda podia lutar. Soltei o meu machado. Abaixei e saltei. Rita golpeou, quebrando o balcão e levantando uma chuva de madeira e metal.

Eu estava na cozinha. Diante de mim havia uma enorme pia de aço inoxidável e um cano de gás industrial. Frigideiras e panelas grandes o suficiente para ferver porcos inteiros pendurados ao longo de uma parede. Pilhas de talheres de plástico chegavam ao teto. Fileiras de bandejas limpas ainda sem servir o café da manhã, agora gelado.

Eu recuei, derrubando pratos no chão em uma avalanche de comida e plástico. Rita ainda estava vindo. Joguei um pote nela e acertei. Aparentemente não foi o suficiente para dissuadi-la. Talvez devesse ter arremessado a pia da cozinha em vez disso. Com um balanço do machado, Rita destruiu metade do balcão e um pilar de concreto reforçado com aço.

Eu continuei adiante — em uma parede. Caí no chão como um balanço horizontal cortando em minha direção. O rosto do fisiculturista, ainda sorrindo sobre a cozinha, recebeu o golpe em meu lugar. Eu mergulhei nas pernas de Rita. Ela saltou fora do caminho. Deixei o impulso me levar de volta às ruínas do balcão da cafeteria. Meu machado estava bem onde eu tinha deixado.

Pegar uma arma que você já jogou fora só poderia significar uma coisa: você estava pronto para lutar de volta. Ninguém pega uma arma que não planeja usar. Estava claro que eu não poderia continuar correndo para sempre. Se Rita realmente queria me matar — e eu estava começando a pensar que ela queria — não haveria escapatória. Afastar de ataque após o outro tinha deixado o meu Jacket quase sem energia. Estava na hora de me decidir.

Havia uma coisa que não podia me deixar esquecer. Algo que tinha prometido a mim mesmo há muito tempo atrás, quando resolvi lutar contra esse caminho. Escondido debaixo da luva na minha mão esquerda estava o número 160. Quando esse número era apenas 5, eu tomei a decisão de levar tudo o que pudesse aprender para o dia seguinte. Nunca compartilhei o segredo desses números com ninguém. Nem com Rita,

nem com Yonabaru, nem mesmo Ferrell com quem treinei tantas vezes. Só eu sabia o que isso significava.

Esse número era meu amigo mais próximo, e enquanto ele estivesse lá, eu não tinha medo de morrer. Não importava se Rita me matasse. Eu nunca teria chegado tão longe sem ela de qualquer forma. O que poderia ser mais apropriado do que redimir meu salvador com a minha própria morte?

Mas se eu desistisse agora, tudo teria desaparecido. As entranhas que derramei naquela ilha cheia de crateras. O sangue com que me engasguei. O braço que deixei deitado no chão. Toda a merda do loop. Ela desapareceria como a fumaça no cano de uma arma. As 159 batalhas que não existiam em lugar nenhum, exceto na minha cabeça, teriam desaparecido para sempre, sem sentido. Se desse tudo o que tinha e perdesse, isso era uma coisa. Mas eu não ia morrer sem lutar. Rita e eu provavelmente estávamos pensando a mesma coisa. Eu entendi o que ela estava passando. Inferno, ela e eu éramos as únicas duas pessoas em todo o maldito planeta que poderiam entender. Eu tinha rastejado sobre cada centímetro de Kotoiushi tentando encontrar uma maneira de sobreviver, assim como Rita tinha feito em alguma batalha na América.

Se eu vivesse, ela morreria, e nunca mais encontraria alguém como ela. Se ela vivesse, eu teria que morrer. Não importa quantas maneiras diferentes eu pensasse sobre isso, não parecia haver outra saída. Um de nós teria que morrer, e Rita não queria falar sobre isso. Ela ia deixar nossa habilidade decidir. Ela tinha escolhido falar com aço, e eu tinha que dar uma resposta.

Peguei meu machado.

Corri para o meio da cafeteria e testei seu peso. Me encontrei em pé quase exatamente onde Rita e eu comemos *umeboshi*. A vida não é engraçada? Foi apenas um dia atrás, mas parecia uma vida inteira. Rita me derrotou naquilo também. Acho que é justo dizer que ela tem um talento para competição.

O Jacket carmesim de Rita avançou um passo de cada vez, me avaliando. Ela parou fora do alcance do machado, sua arma reluzente agarrada firmemente em sua mão.

Os sons da luta lá fora invadiam o silêncio da cafeteria. Explosões distantes faziam barulhos diferentes. As cápsulas que rasgavam o céu eram as flautas. Os rifles automáticos formavam a percussão. Rita e eu éramos a bateria estridente de carboneto de tungstênio.

Não havia espectadores nas ruínas da lanchonete. Pilhas de mesas e cadeiras viradas eram nossa única plateia, observadores silenciosos para

a dança mortal de nossos Jackets. Nós nos movemos em uma espiral, como Rita sempre fez, traçando um padrão no chão de concreto. Estávamos dançando um balé de guerra, envolto no auge da tecnologia da humanidade, nossas armas brutas cantando um cântico de mil anos.

A lâmina do meu machado era entalhada e maçante. Meu Jacket estava coberto de ranhuras, sua bateria estava quase esgotada. Meus músculos se moviam por pura força de vontade.

Uma tremenda explosão abalou a lanchonete. Saltamos com o som.

Eu sabia que seu próximo ataque seria um golpe mortal. Não havia como evitar. Não havia tempo para pensar — pensar era para o treino. Batalha era apenas ação. A experiência gravada em meu corpo através de 159 batalhas guiaria meus movimentos.

Rita puxou o machado para o golpe. Meu machado responderia de baixo. As duas lâminas gigantes cruzaram, rasgando placas de metal.

Havia apenas uma diferença real entre Rita e eu. Rita tinha aprendido a lutar contra os Mimics sozinha. Eu tinha aprendido a lutar com os Mimics assistindo Rita. O momento exato que ela iria golpear, o próximo passo que ela iria dar — meu sistema tinha gravado tudo. Eu sabia qual seria seu próximo passo. É por isso que o golpe de Rita só me roçou, e o meu abriu seu Jacket.

Havia um buraco na armadura carmesim de Rita.

“Rita!”

Seu machado de batalha tremia em suas mãos. O Jacket de Rita estava fazendo seu melhor para filtrar os comandos involuntários desencadeados pelas convulsões em seus músculos. A alavanca de carboneto de tungstênio do machado bateu ruidosamente contra suas luvas. Sangue, óleo e alguns fluidos outros fluidos escorriam da fenda recém-aberta em sua armadura. A cena era estranhamente familiar para mim, e senti um terror renovado. Ela estendeu o braço e procurou o plug no meu ombro. Uma comunicação de contato. A voz de Rita estava clara no meu capacete.

“Você ganhou, Keiji Kiriya.” O Jacket carmesim se inclinou contra mim. A voz de Rita estava seca e cheia de dor.

“Rita… por quê?”

“Eu sabia há muito tempo, desde que recebi o primeiro sinal Mimic, a batalha sempre acaba.”

“O quê? Eu não…”

“Você é o único a sair desse loop.” Rita tossiu, um som mecânico através do link.

Eu finalmente entendi. Quando conheci Rita ontem, ela já tinha

decidido que iria morrer. Eu não entendi o que era na época. Pensei que tinha acidentalmente tropeçado algum tipo de rota diferente. Eu deveria estar tentando encontrar uma forma de salvá-la, mas deixei o dia escapar de meus dedos.

“Desculpe, Rita, eu… eu não sabia.”

“Não se desculpe, você venceu.”

“Venci? Não podemos… simplesmente continuar repetindo esse dia? Nunca sairíamos do laço, mas estaríamos juntos, sempre. Podemos ficar juntos mais do que toda a vida. Todo dia será uma batalha. Podemos lidar com a batalha. Se eu tiver que matar mil Mimics, um milhão, eu vou. Nós vamos fazer isso juntos.”

“Toda manhã você acordará com uma Rita Vrataski que não sabe que você existe.”

“Eu não me importo.”

Rita balançou a cabeça. “Você não tem escolha, tem que sair do loop antes que o que aconteceu comigo aconteça com você. Terminar essa coisa maldita enquanto ainda pode.”

“Eu não posso sacrificar você para isso.”

“O Keiji Kiriya que eu conheço não sacrificaria a raça humana por si mesmo.”

“Rita —”

“Não há muito tempo, se tem algo a dize, diga agora.” O Jacket carmesim escorregava.

“Eu vou ficar com você até você morrer. Eu — eu te amo.”

“Bom. Não quero morrer sozinha.”

Seu rosto estava escondido debaixo do capacete, e eu estava grato. Se eu tivesse que ver suas lágrimas, eu nunca poderia terminar o loop. A luz do pôr-do-sol, vermelha e baixa no céu tocava o Jacket de Rita, envolvendo-a como um rubi brilhante.

“Luta longa, Keiji, já é o pôr do sol.”

“É lindo.”

“Maldito sentimental.” Havia um sorriso em sua voz. “Eu odeio céus vermelhos.”

Foi a última coisa que ela disse.

6

O céu estava brilhante.

Rita Vrataski estava morta. Depois que matei o servidor Mimic e limpei os retardatários, eles me jogaram na cadeia. Disseram que era por negligência no dever. Ignorando imprudentemente as ordens de um oficial superior, eu havia colocado meus companheiros em perigo. Não importa que não havia oficiais superiores para dar ordens. Eles estavam se esforçando para encontrar alguém para culpar pela morte de Rita, e eu não podia culpá-los por quererem um bode expiatório.

A corte marcial ocorreu três dias depois que me prenderam. Libertado das acusações. No final, eles decidiram me dar uma medalha.

Um general, o que tinha encomendado o TFM, me deu tapinhas nas costas e me disse eu tinha feito um bom trabalho. Ele quase rolou os olhos quando disse. Eu queria dizer a ele para enfiar a medalha no seu rabo, mas me segurei. A morte de Rita era minha responsabilidade. Não fazia sentido me estressar com ele.

A medalha foi a Ordem da Valquíria, concedida aos soldados que mataram mais de cem Mimics em uma única batalha. Um prêmio originalmente criado para um soldado muito especial. A única maneira de receber uma honra maior era morrer em batalha — como Rita tinha.

Eu realmente tinha matado um monte de merdas. Mais do que todas as mortes de Rita combinadas em apenas uma batalha. Eu não me lembro muito do que aconteceu depois que destruí o servidor, mas, aparentemente, encontrei uma bateria para substituir a minha e fui a sozinho matar metade dos Mimics que haviam invadido Flower Line.

A reconstrução da base ia a um ritmo febril. Metade dos prédios na base tinha estavam no chão e arrastar os destroços era uma tarefa monumental por si só. O quartel da 17ª Companhia tinha desaparecido, e o livro que eu nunca consegui terminar virou cinzas.

Eu andava sem rumo enquanto pessoas corriam de um lado para o outro da base.

“Lutar como um maníaco maldito? É assim que soldados condecorados fazem?”

A voz era familiar. Me virei a tempo de ver um punho vindo direto para mim. Minha perna esquerda se reposicionou. Não tive tempo para pensar. Tudo o que pude fazer foi decidir se deveria ou não lançar um contra-ataque. Se sim, os reflexos gravados em mim depois de 160 loops iriam reagir, tomando conta do meu corpo como um robô em uma fábrica.

Eu poderia mudar meu peso para a minha perna esquerda, desviar o soco com o meu ombro, e pegar o cotovelo do meu atacante enquanto pisava para a frente com o meu pé direito e prendia meu próprio cotovelo em seu lado. Isso iria cuidar do primeiro soco. Fiz a simulação em minha cabeça e percebi que estaria quebrando as costelas do meu agressor antes mesmo de saber quem ele era. Optei por apenas receber o soco. O pior que me aconteceria era um olho roxo.

Doía mais do que esperado. A força do golpe me lançou para trás e eu aterrissei forte com minha bunda. Pelo menos nada estava quebrado — tudo de acordo com o plano. Foi bom saber que eu tinha uma carreira de ser um saco de pancadas adiante se o exército me dispensasse.

"Não sei se você é um prodígio, mas tenho certeza que se acha."

"Deixe-o em paz."

Yonabaru estava de pé sobre mim. Parecia que queria continuar a me socar, mas uma mulher de camisa de soldado o deteve. Seu braço esquerdo estava em uma tipoia. O pano branco branqueado contrastava com a camisa cáqui. Ela deve ser a namorada de Yonabaru. Fiquei feliz por terem sobrevivido. Havia uma luz nos olhos da mulher, diferente de qualquer outra que eu já vi, como se ela estivesse observando um leão que tinha se libertado de suas correntes. Era um olhar reservado para algo que não fosse humano.

"Vem dar uma volta aqui como se nada tivesse acontecido — fico com nojo só de olhar para você."

"Eu disse, deixe-o em paz."

"Foda-se."

Antes que pudesse me levantar, Yonabaru tinha saído. Me levantei devagar e me limpei. Minha mandíbula não doía muito. Não era nada comparado ao vazio que Rita havia deixado dentro de mim.

"Ele conseguiu encaixar um dos bons", ouvi por trás de mim. Era Ferrell. Ele parecia o mesmo de sempre, com talvez uma ou mais rugas na testa para mostrar.

"Você viu isso?"

"Desculpe, não tive tempo de detê-lo."

"Está bem."

"Tente não ter raiva dele, ele perdeu muitos amigos naquele dia, só precisa de algum tempo para se acalmar."

"Eu vi Nijou… ou que restou dele."

"Nosso pelotão perdeu dezessete homens, eles estão falando em três mil vítimas, mas ainda não há um número oficial, você se lembra daquela linda jovem que dirigia a Cafeteria No. 2? Ela também não

conseguiu.”

“Oh.”

“Não é culpa sua, mas isso não importa em um momento como esse, você deu um belo de um chute na amiga de Yonabaru, entre outras pessoas.”

“Outras?”

“Outras.”

Adicione Ferrell à lista de pessoas que esbarrei na batalha. Quem sabe o que mais eu tinha feito. Não conseguia me lembrar de nada, mas estava claro que fui um maníaco homicida no campo de batalha. Talvez fui eu quem colocou o braço da namorada de Yonabaru naquela tipoia. Não me admira que ele estivesse tão puto. Um pontapé de Jacket seria mais que suficiente para fazer isso. Merda, dá para se esmagar órgãos internos com facilidade.

Eu esperava que Yonabaru se lembrasse desse medo. Isso ajudaria a mantê-lo vivo na próxima batalha. Ele pode não pensar mais em mim como um amigo, mas ele ainda era um amigo para mim.

“Eu sinto muito.”

“Esquece.” Ferrell definitivamente não estava zangado. Na verdade, ele parecia grato. “Quem te ensinou a pilotar um Jacket assim?”

“Você, sargento.”

“Estou falando sério, filho. Se fosse sobre brocas tudo bem, mas não há um soldado em todo o Corpo Japonês que possa te ensinar a lutar assim.”

O sargento Bartolome Ferrell lutou mais batalhas do que quase qualquer um na UDF. Ele sabia o que era um guerreiro. Ele entendeu que se eu não o tivesse expulsado do caminho, ele estaria morto. Ele sabia que o recruta novato de pé na frente dele era um guerreiro melhor do que ele poderia esperar se tornar. E ele sabia que na batalha, o único lugar que importava era o quanto você era bom. O sargento Ferrell era o responsável pela fundação em que eu construí minhas habilidades. Mas não posso explicar isso para ele, então não tentei.

“Ah, quase esqueci, uma mulher rato do Corpo dos EUA perguntou por você.”

Shasta Raylle. A Shasta Raylle que só me encontrei brevemente no Sky Lounge. Dificilmente falamos. A Shasta que tinha me emprestado um machado de batalha era uma memória de um loop.

“Onde estão os depósitos e o hangar? Eu gostaria de verificar o meu Jacket.”

“Mal saiu da cadeia e já quer verificar seu Jacket? Você é duro

mesmo.”

“Não sou nada demais.”

“O esquadrão dos EUA pegou o seu Jacket, aquela rata foi um dos que levaram.”

“O que eles querem com o meu Jacket?”

“Os oficiais têm planos, não fique surpreso se você acabar nas Forças Especiais dos EUA.”

“Sério?”

“Eles precisam de alguém para tomar o lugar da Valquíria. Tenho certeza que vai se encaixar.” Ferrell me deu um tapa no ombro e nos separamos.

Fui para o lado americano da base encontrar Shasta e meu Jacket. Os quartéis estavam tão destruídos que era difícil dizer onde o lado japonês terminava e os EUA começavam. As sentinelas e seus músculos tinham desaparecido.

Encontrei meu Jacket na oficina de Shasta. Ela estava lá também. Alguém havia arranhado as palavras “Killer Cage” no peitoral. “Cage” — era assim que os americanos pronunciavam meu nome. Acho que tenho um apelido agora. Eles não perdem muito tempo. Um bom nome para um porco que ganhou medalhas matando seus amigos. Teria que agradecer quem fez nisso. Que mundo fodido.

Shasta me viu olhando para a inscrição. “Fiquei de olho tanto quanto pude, mas eles fizeram isso de qualquer maneira.” Tenho a sensação de que ela falou algo semelhante a Rita no passado.

“Não se preocupe, eles me disseram que você estava procurando por mim?”

“Eu queria te dar a chave para o Sky Lounge.”

“Chave?”

“Como Rita me pediu, ninguém esteve lá desde que vocês partiram. Não foi fácil manter as pessoas fora por três dias, mas posso ser muito engenhosa.” Shasta me entregou um cartão-chave. “Apenas ignore o material na entrada.”

“Valeu.”

“Ainda bem que pude ajudar.”

“Posso te perguntar uma coisa?”

“O que?”

“Você sabe por que Rita pintou o Jacket de vermelho? Não era sua cor favorita, pensei que você pudesse saber.”

“Ela disse que queria se destacar, mas não sei por que alguém gostaria de se destacar em um campo de batalha.”

“Obrigado, isso faz sentido.”

“Suponho que você queira chifres no seu?” Eu devo ter franzido a testa porque ela imediatamente acrescentou: “Desculpe, só estava brincando.”

“Está tudo bem, preciso me adaptar, obrigado pela chave, vou ver o Sky Lounge.”

“Antes de você ir —”

“Sim?”

“Não é da minha conta, mas eu queria saber…”

“O que é?” Eu perguntei.

“Você era um velho amigo de Rita?”

Apertei meus lábios num sorriso irônico.

“Desculpe, eu não deveria ter perguntado.”

“Não, está tudo bem, na verdade, nós…”

“Sim?”

“Nós apenas nos conhecemos.”

“Claro, nós tínhamos acabado de chegar na base, foi estúpido perguntar.”

Eu deixei Shasta e segui meu caminho para o Sky Lounge. Abri a porta gentilmente, embora soubesse que não teria ninguém lá.

Uma fita amarela com a palavra “BIOHAZARD” impressa em intervalos regulares cruzava a entrada. Havia um extintor perto de meus pés, e um resíduo granulado cobria o chão. Imaginei que este era o plano de Shasta. A base ainda estava coberta de areia condutora dos Mimics e a descontaminação de instalações não vitais como o Sky Lounge não estava na lista de prioridades. Esperta.

Eu entrei. O ar estava velho. O cheiro de Rita já estava desaparecendo do quarto. Nada tinha sido movido de onde tínhamos deixado. O moedor de café ressaltou o quão curta foi sua estadia aqui. Era o único vestígio de que ela já tinha estado aqui. Quase todo o resto do que ela possuía era militar. O conjunto de café era o único pertence pessoal que ela tinha. Claro que ela não tinha me deixado uma nota — isso seria sentimental demais para a Cadela do Campo de Batalha.

A caneca na mesa de vidro ainda tinha o café que Rita havia feito. Peguei a caneca. O café estava escuro e imóvel. Tinha esfriado para a temperatura ambiente dias atrás. Minhas mãos tremiam, enviando pequenas ondulações para a da superfície negra. Era assim que Rita encarava a solidão. Agora eu entendia.

Você era apenas uma peça no tabuleiro e eu era a peça que

substituiria você. Nada além do falso herói que o mundo precisava. E agora esse mundo ia me empurrar através do mesmo campo de batalha manchado de sangue e cheio de fumaça. Mas você nunca odiou o mundo pelo que ele fez a você.

Então não deixaria o mundo perder. Poderia me deixar em um campo de Mimics com nada além de um machado de carboneto de tungstênio e um revestimento moribundo que eu abriria meu caminho. Mergulharia em massacres maiores do que todos os veteranos no UDF jamais viram e emergiria ileso. Treinaria até saber o nano segundo preciso para puxar o gatilho, o momento exato para dar cada passo. Não deixaria um dardo sequer arranhar a pintura do meu Jacket.

Enquanto eu viver e respirar, a humanidade nunca cairá. Prometo. Pode levar uma dúzia de anos, mas vou ganhar esta guerra por você. Mesmo que não esteja mais aqui para ver. Você era a única pessoa que eu queria proteger, e você foi embora.

Lágrimas quentes ameaçavam cair de meus olhos enquanto olhava o céu através do vidro rachado, mas eu não choraria. Não para os amigos que eu perderia nas batalhas à frente. Os amigos que eu não seria capaz de salvar. Não vou chorar por você até que a guerra esteja finalmente acabada.

Através da janela entortada eu vi o céu, azul de cristal, parecendo se alongar ao infinito. Uma nuvem flutuava preguiçosamente. Me virei para encarar a janela e, como uma esponja absorve água, meu corpo absorveu o claro e ilimitado céu.

Você odiava estar sozinha, mas manteve distância do quartel, dormiu e acordou na solidão, porque era muito difícil enfrentar os amigos que sabia que iriam morrer. Presa em um pesadelo cruel e interminável, seus únicos pensamentos eram para eles. Não suportava perder nem mesmo um deles, não importa quem.

O vermelho era sua cor, só sua. Deve descansar com você. Vou pintar meu Jacket de azul da cor do céu, a cor que você me disse que amava quando nos conhecemos. Num campo de um milhão de soldados, me destacarei de todos os outros, um para-raios para os ataques do inimigo. Eu serei seu alvo.

Fiquei sentada ali por algum tempo segurando a última xícara de café que fez para alguém que ela mal conhecia. Seu aroma criou em mim um desejo e uma tristeza insuportáveis. Uma pequena colônia azul esverdeada estava na superfície do café. Levando o copo aos meus lábios, eu bebi.

Posfácio do autor

Gosto de vídeo games. Tenho jogado desde que eu era um moleque catarrento. Eu os vi evoluindo junto comigo. Mas mesmo depois de zerar dezenas de jogos no modo hard, nunca me empolguei até as paredes tremem. Eu nunca ri, chorei, ou pulei para fazer uma pose de vitória. Minha excitação era como gelo em um lago calmo, girando em algum lugar dentro de mim.

Talvez seja apenas a reação que tenho observando de fora. Eu olho e digo: “Depois de todo o tempo que investi no jogo, é claro que eu iria vencê-lo.” Eu me vejo com um sorriso de merda no rosto — um sorriso de veterano, apenas alguém que tinha estado lá poderia apreciar.

O final nunca muda. O ancião da aldeia não consegue encontrar nada melhor do que a mesma frase de sempre. “Bem feito, XXXX. Nunca duvidei que o sangue de um herói fluiu em suas veias.” Bem, você é engraçado, velho. Não há uma gota de sangue de herói em todo o meu corpo, por isso me poupe do louvor. Sou apenas um cara comum, e orgulhoso. Estou aqui porque investi meu tempo. Tenho as bolhas nos meus dedos para provar isso. Não tinha nada a ver com coincidência, sorte, ou a ativação de meus poderes. Reiniciei o jogo centenas de vezes até que meu ataque especial saiu perfeitamente. A vitória era inevitável. Então, por favor, guarde a conversa de herói.

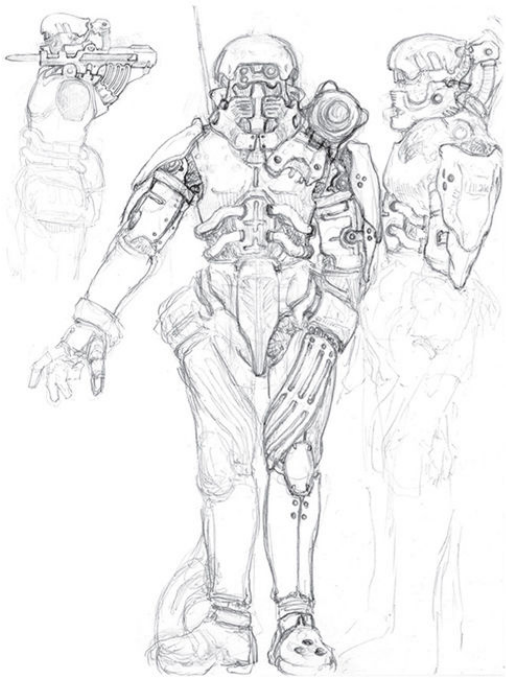
Este foi o tipo de coisa que passou pela minha cabeça enquanto eu estava escrevendo. Sem a ajuda de um grande número de pessoas, esta novel nunca teria chegado neste mundo. É uma história sombria, com personagens morrendo à esquerda e à direita, mas estou feliz com o resultado.

Gostaria de agradecer a yoshitoshi ABe por ter capturado tão perfeitamente o mundo do romance em suas ilustrações; meu editor chefe, Miyuki Matsumoto, que foi além do seu dever para com o livro; Takeshi Yamazaki pelo seu trabalho de design maravilhoso; Jun Masuda e seus amigos incríveis pela ajuda para verificar todas as partes militares; e finalmente Chohei Kambayashi pelas suas sugestões muito perspicazes.

Oh, quase me esqueci. Obrigado a todos os bons rapazes e moças por aí me enviando seus feedbacks.

Hiroshi Sakurazaka

Posfácio do ilustrador



Foi um trabalho que surgiu de repente no final do ano e não pude dedicar muito tempo… ou pensei que seria assim… mas demorei um mês e meio para absorver este mundo completamente. Embora tenha me debruçado sobre as pinturas, ainda havia muito mais que eu gostaria de desenhar. Também gostaria de desenhar os mimics. A propósito, na ilustração do capítulo 1, é o Yonabaru ao lado do Kiriya.

yoshitoshi ABe

Notas

CAP. 1: Recruta Kirya

[1] A arma recebe o mesmo nome do equipamento de construção que finca estacas no solo para fazer fundações.
[2] Tipo de radar que usa o como princípio o Efeito Doppler para detectar objetos entre outras coisas.
[3] Força de Defesa Unida.
[4] Post Exchange: um tipo de loja de varejo encontrada em instalações militares dos Estados Unidos.
[5] Um dentre os muitos apelidos da Rita. *Wargarita louca*. Junção das palavras *war*: guerra e *margarita*: bebida alcoólica.
[6] Treinamento Físio Militar.
[7] Estrada ao sul da península de Boso cercada por flores.
[8] Killed in Action: morto em combate.
[9] Livro infantil que conta a história de uma menina órfã enviada por engano para a fazenda de um príncipe.
[10] Anti-bunkers são um tipo de bomba projetado para penetrar alvos endurecidos ou enterrados no subsolo, como bunkers militares.
[11] Isso é uma forma de orientação por horas e não uma indicação do tempo. Essa forma de orientação é bastante no decorrer do livro.
[12] Poder legislativo japonês.
[13] Golpe de luta livre que imobiliza o adversário através de uma chave de braço.
[14] Klick é normalmente utilizado como abreviação para quilômetros pelos militares para facilitar a comunicação.
[15] Tipo de peixe.

CAP. 2: Sargento Ferrell

[1] Bomba que se fragmenta liberando projéteis menores para causar um maior número de vítimas.
[2] *Umê* em conserva. Embora *umê* seja chamado de ameixa, ele está mais próximo ao damasco. Tem sabor forte, muito ácido e salgado. Geralmente acompanha o arroz.
[3] A Fossa das Marianas é o local mais profundo dos oceanos, atingindo

uma profundidade de 11034 metros. Localiza-se no oceano Pacífico, a leste das ilhas Marianas.
[4] Descoberto pelo cientista americano Charles E. Munroe. Usado em projéteis perfurantes de blindagem. Resulta na produção de um jato fino de metal derretido de altíssima velocidade (mais de 8230 m/s) que perfura blindagens abrindo um orifício de oito a dez vezes o diâmetro do próprio jato.

CAP. 3: Cadela do Campo de Batalha

[1] Molho da culinária vietnamita. É confeccionado com sumo de lima ou limão, vinagre, molho de peixe, açúcar e água.
[2] Problem Report: o jornalista é visto como um fofoqueiro e mentiroso dada a natureza da sua profissão e sua posição como acompanhante do exército.
[3] Prêmio norte-americano outorgado a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área do jornalismo, literatura e composição musical.
[4] Nome dado à habitantes da região centro-oeste dos Estados Unidos.